



**Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Doutorado em Antropologia**

HAROLDO ABRANTES DA SILVA

ELOGIEMOS OS PESCADORES ILUSTRES DA PRAIA DE PIATÃ:



**ESTUDO DE ANTROPOLOGIA VISUAL SOBRE PESCA ARTESANAL,
TRABALHO E AUTONOMIA NA CIDADE**

Salvador

2019

HAROLDO ABRANTES DA SILVA

ELOGIEMOS OS PESCADORES ILUSTRES DA PRAIA DE PIATÃ:
ESTUDO DE ANTROPOLOGIA VISUAL SOBRE PESCA ARTESANAL,
TRABALHO E AUTONOMIA NA CIDADE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Antropologia da Universidade Federal da
Bahia, como requisito parcial para obtenção do
título de Doutor.

Orientador: Prof. Drº. Lívio Sansone.

Salvador

2019

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Abrantes, Haroldo

Elogiemos os pescadores ilustres da praia de Piatã
Estudo de Antropologia Visual sobre pesca artesanal,
trabalho e autonomia na cidade. / Haroldo Abrantes. --
Salvador- Bahia, 2019.

341 f. : il

Orientador: Lívio Sansone.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-graduação em
Antropologia) -- Universidade Federal da Bahia,
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2019.

1. Antropologia visual - urbana. 2. Pescadores
urbanos. 3. pesca artesanal. 4. Fotografia. 5.
Salvador - Bahia. I. Sansone, Lívio. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA



Ata da Reunião da Defesa Oral da tese de doutorado de **Haroldo Abrantes da Silva**, intitulada: "Elogiemos os pescadores ilustres da praia de Piatã. Estudo de Antropologia Visual sobre pesca artesanal, trabalho e autonomia na cidade".

Aos 04 dias de julho do ano de dois mil e dezenove, às 09:00hs, na sala Milton Santos do CEAO/UFBA, Salvador-BA, foi instalada a Banca Examinadora da Defesa Oral da tese de doutorado de **Haroldo Abrantes da Silva** "Elogiemos os pescadores ilustres da praia de Piatã. Estudo de Antropologia Visual sobre pesca artesanal, trabalho e autonomia na cidade". A sessão foi aberta pelo orientador, Professor e Orientador Livio Sansone (PPGA/UFBA), que procedeu à composição da Banca Examinadora formada por ele, pela Professora Jeferson Bacelar (Posafro/UFBA), pelo professor Cláudio Pereira (CEAO/UFBA), pelos avaliadores externos, Professor Roberto Duarte (UFRB) e Professor João M. B. Mendonça (UFParaíba). Em conformidade com o Regimento Interno do Programa de Pós-Graduação em Antropologia foi concedido o prazo de trinta minutos para que o doutorando fizesse a apresentação da sua tese. Em seguida, os membros da banca iniciaram suas arguições, para o que dispuseram, individualmente, de trinta minutos. O primeiro arguidor foi João M. B. Mendonça (UFParaíba), seguido por Roberto Duarte (UFRB), Jeferson Bacelar (Posafro/UFBA), Cláudio Pereira (CEAO/UFBA) e, por fim, do Livio Sansone (PPGA/UFBA). Finalizadas as arguições, foi concedido um novo prazo de trinta minutos para que o doutorando fizesse a sua réplica. Após a réplica, a Banca se reuniu e considerou a Tese intitulada: "Elogiemos os pescadores ilustres da praia de Piatã. Estudo de Antropologia Visual sobre pesca artesanal, trabalho e autonomia na cidade", como Aprovada. Nada mais havendo a tratar, eu, Professor Livio Sansone (PPGA/UFBA), lavrei a presente ata que será por mim assinada, pelos demais membros da Banca e pela doutoranda.

Salvador/BA, 04 de julho de 2019.

Professor Livio Sansone
(orientador/PPGA - UFBA)

Professor Roberto Duarte
(UFRB)

Professor Jeferson Bacelar
(Posafro/UFBA)

Professor Cláudio Pereira
(CEAO/UFBA)

Professor João M. B. Mendonça
(Universidade Federal da Paraíba)



Dedicado aos pescadores artesanais de todas as partes do mundo.



Como devemos viver?

A vida é uma questão de decidir como viver e envolve, a todo momento, a possibilidade de ramificar-se em diferentes direções, nenhuma das quais é mais normal ou natural do que qualquer outra.

Todo modo de vida representa uma experiência comunitária acerca de como viver. Nós não o fazemos sozinho, mas na companhia de outros.

Vamos evocar um campo de estudo que assumiria para si a responsabilidade de aprender com maior variedade de abordagens possível; que buscaria apoiar-se, diante da questão sobre como viver, na sabedoria e na experiência de todos os habitantes do mundo, independente de suas origens, dos seus meios de subsistência, das suas circunstâncias e de seus lugares de residência.

Devo chamá-lo de antropologia¹.

¹ INGOLD, Tim. Antropologia: para que serve. Petrópolis, RJ. Vozes, 2019. (Coleção Antropologia)

Resumo

Duas dimensões se inter-relacionam nesta pesquisa, pescadores artesanais, trabalho e autonomia na cidade, criando uma oportunidade privilegiada para um estudo antropológico. A narrativa que apresenta os resultados deste estudo segue a trilha percorrida pela busca em compreender o que vem a ser um pescador na cidade, e mais especificamente o fenômeno da permanência de pescadores artesanais nas praias de uma grande metrópole; Salvador, a capital do Estado da Bahia. Por outro lado, trata-se de um estudo em que a importância das imagens se fez presente desde a sua concepção. A antropologia como uma investigação constante e disciplinada das condições e potenciais da vida humana, nos moldes da antropologia de Tim Ingold, é tomada como marco teórico. A pesquisa de campo se desenvolveu em duas etapas distintas. A primeira etapa, com intuito educativo e instrumental, aconteceu em vilas de pescadores e comunidades tradicionais no entorno da Baía de Todos os Santos. Na segunda etapa, quando aconteceu a observação participante de longa duração, escolheu-se a colônia de pesca da Praia de Piatã, localizada em Itapuã, bairro que no passado foi uma antiga vila de pescadores. Na colônia da praia de Piatã foi acompanhado o labor cotidiano dos pescadores artesanais, e realizado um registro documental das estratégias práticas e simbólicas dos pescadores desta singular colônia. O cotidiano da pesca artesanal urbana é apresentado através de uma narrativa fotográfica e textual, a partir do que foi vivenciado e das histórias de vida dos principais mestres pescadores de Piatã. Uma parte do que foi observado é apresentado exclusivamente com fotografias. Dentre os desdobramentos ocorridos durante a pesquisa destaca-se a experiência de construção de um barco artesanalmente. Ao final do trabalho de campo construiu-se uma breve meso-história da pesca artesanal em Salvador, para melhor contextualização do estudo empreendido.

Abstract

Two dimensions are interrelated in this research, artisanal fishing, work and autonomy in the city, creating a privileged opportunity for an anthropological study. The narrative follows the trail traveled in search of understanding what is becoming a fisherman in the city and the phenomenon of the permanence of artisanal fishermen on the beaches of the capital Salvador, Bahia. It is a study in which the importance of the images has been present since its conception. Anthropology as a constant and disciplined investigation of the conditions and potentials of human life, along the lines of Tim Ingold, is taken as a theoretical framework. Field research has developed in two distinct stages. The first stage, for educational and instrumental purposes, took place in fishing villages and traditional communities around the Bay of All Saints. In the second stage, when the long-term participant observation was developed, the fishing colony of Piatã Beach was chosen, located in Itapuã, a neighborhood that was once an old fishermen's village. In the colony of Piatã was accompanied the daily work and made a documentary record of the practical and symbolic strategies of the fishermen of this unique colony. The everyday life of artisanal urban fishing is presented through a photographic and textual narrative based on what has been experienced and the stories of some of the principal fishermen of Piatã. A part of what has been observed is presented exclusively with photographs. Among the developments that occurred during the research, the experience of building a boat artisanally stands out. At the end of the study, a brief meso-history of fishing was constructed in Salvador, to better contextualize the study undertaken.

Résumé

Deux dimensions sont liées dans cette recherche: la pêche artisanale, le travail et l'autonomie en ville, créant une opportunité privilégiée pour une étude anthropologique. Le récit suit le parcours parcouru à la recherche de la compréhension de ce qui est en train de devenir un pêcheur dans la ville et du phénomène de la permanence des pêcheurs artisanaux sur les plages de la capitale Salvador, Bahia. C'est une étude dans laquelle l'importance des images est présente depuis sa conception. L'anthropologie, en tant qu'investigation constante et disciplinée des conditions et du potentiel de la vie humaine, à l'instar de Tim Ingold, est considérée comme un cadre théorique. La recherche sur le terrain s'est développée en deux étapes distinctes. La première étape, à des fins éducatives et instrumentales, s'est déroulée dans des villages de pêcheurs et des communautés traditionnelles de la Baía de Todos os Santos. Lors de la seconde étape, lorsque l'observation participante à long terme a été développée, la colonie de pêcheurs de Piatã Beach a été choisie, située à Itapuã, un quartier qui était autrefois un ancien village de pêcheurs. Dans la colonie de Piatã a été accompagné le travail quotidien et a fait un enregistrement documentaire des stratégies pratiques et symboliques des pêcheurs de cette colonie unique. La vie quotidienne de la pêche urbaine artisanale est présentée à travers un récit photographique et textuel basé sur ce qui a été vécu et sur les récits de certains des principaux pêcheurs de Piatã. Une partie de ce qui a été observé est présentée exclusivement avec des photographies. Parmi les développements survenus au cours de la recherche, l'expérience de la construction d'un bateau de manière artisanale est remarquable. À la fin de l'étude, une brève méso-histoire de la pêche a été construite à Salvador afin de mieux contextualiser l'étude entreprise.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
1. Prólogo	1
1.1 O que é ser um pescador na cidade.	7
1.2 A antropologia da vida de Tim Ingold.	23
1.3 Sobre fotografia e antropologia.....	27
CAPÍTULO 2	39
2. Elogiemos os pescadores ilustres.	39
2.2 Mestre Veveco	130
2.3 Mestre Bau	145
2.5 Os novos mestres pescadores.	157
2.6 As redes do suor	174
2.7 Humanos e não humanos.....	187
2.8 Barcos, canoas e a capatazia.	212
2.9 A Flor da pele.....	236
2.10 Piatã ou Porto de baixo?.....	244
2.11 Outras naturezas, outras culturas.....	254
3. Odoyá minha mãe.	259
3.2 Pesca artesanal, trabalho e autonomia na cidade.....	269
APÊNDICE	297
1. Primeiros movimentos.....	297
1.1 Pescadores de Baiacu.	301
1.2. Comunidade do Solar do Unhão.	308
1.3 Pescadores de Santiago e Vale do Iguape	309
2.1 Os primeiros pescadores de Itapuã.....	315
2.2 Chegada dos pescadores europeus.	317
2.3 Os africanos pescadores e a caça às baleias.	321
2.4 A antiga vila de pescadores de Itapuã	323
BIBLIOGRAFIA.....	325

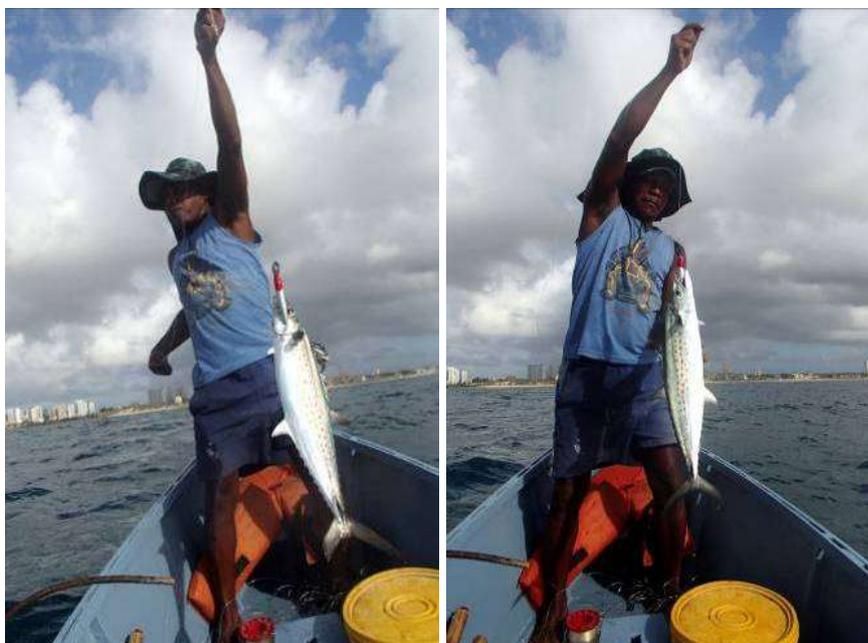
CAPÍTULO 1

Eu acredito que, através do ato de viver, a descoberta de si mesmo é feita concomitantemente com a descoberta do mundo ao nosso redor que pode nos moldar, mas que também pode ser afetado por nós. Um equilíbrio deve ser estabelecido entre esses dois mundos - o que está dentro de nós e aquele que está fora de nós. Como resultado de um processo recíproco constante, ambos os mundos formam um único. E é este mundo que nós devemos comunicar.²

1. Prólogo

“Quem não é capaz de tomar partido deve calar-se”.

Walter Benjamin³



² BRESSON, Henri Cartier, sobre o momento decisivo - *Zen Camera: creative awakening with a daily practice in photography*. ULRICH, David. Watson – Guptil, New York, 2018.

³ BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única, A técnica do crítico em treze teses. Obras escolhidas II*. São Paulo, Brasiliense, e-book. 2017.



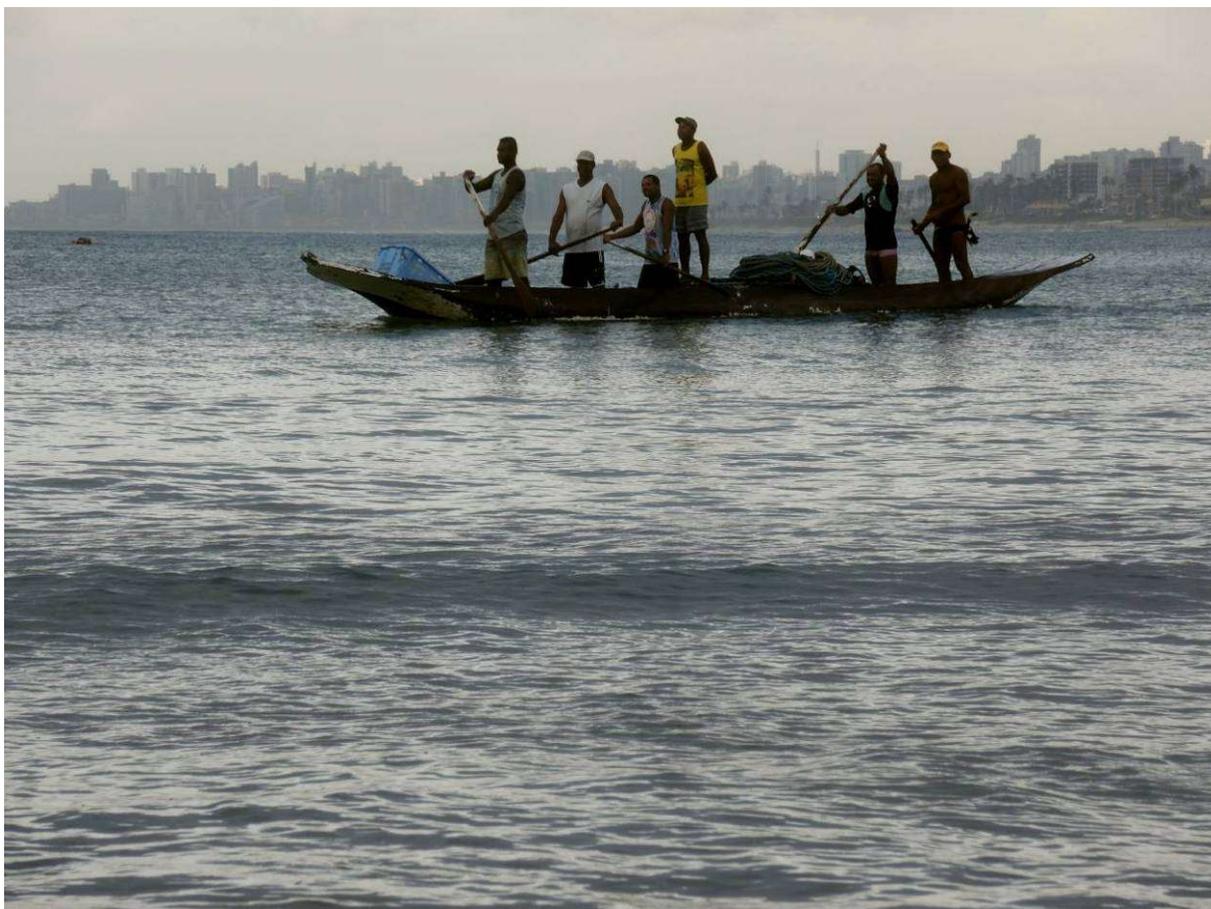
O resultado deste estudo antropológico sobre pesca artesanal, trabalho e autonomia na cidade, será apresentado na forma de um depoimento pessoal, através da narrativa dos compartilhamentos e trilhas percorridas na busca de respostas para **o que é ser um pescador artesanal na cidade**, para assim podermos compreender que tipos de relações se estabelecem entres os pescadores artesanais e a grande cidade. Nesta aventura antropológica, tomei como inspiração teórica a proposta de uma antropologia da vida, concebida por Tim Ingold, onde, para conhecer e descrever, o antropólogo deve mover-se.

As **fotografias** apresentadas na página de abertura deste pequeno prólogo possuem um significado especial neste trabalho, começando por marcarem o último dia do meu convívio com os pescadores artesanais da colônia da praia de Piatã, local escolhido para a etapa de observação participante; também por terem sido tomadas a bordo da embarcação que eu mesmo construí artesanalmente, no quintal da minha casa, especialmente para esta exploração. Olhando retrospectivamente, chego a imaginar, que de alguma forma, esta narrativa pode tratar-se de uma “história por trás das fotos”,⁴ da sequência de desdobramentos ocorridos até chegar a estas imagens, onde o pescador Magal aparece em pé na proa da embarcação, recolhendo uma sororoca recém fígada, de cerca de 2 quilos. Ao fundo destas fotografias veem-se algumas edificações urbanas do bairro de Itapuã.

Usar estas **imagens** na abertura deste trabalho, por outro lado, revela de pronto, a intenção de privilegiar o uso da linguagem fotográfica na descrição do cotidiano dos pescadores artesanais da praia de Piatã, estes atores que levam suas vidas acopladas aos ciclos da natureza, situação de mais difícil compreensão para outros tipos de cidadãos. Explorar as potencialidades da linguagem fotográfica no fazer antropológico, representou uma segunda motivação para a realização deste estudo. A linguagem fotográfica possui um grande potencial de expressão, conseguindo apresentar mais do que apenas dados informativos, quando bem usada, difíceis de serem transmitidos com palavras. A Antropologia visual é antes um modo de observar e analisar o fenômeno humano; menos o objeto e mais a perspectiva sob o qual eles são pensados. Em praticamente todas as disciplinas acadêmicas as imagens têm emergido para tomar o seu lugar ao lado da linguagem verbal, explicitando, por assim dizer, que estão transmitindo informações icônicas que não podem ser reduzidas a palavras (Wulf, 2013: 22). Este tópico será melhor

⁴ Esta estratégia é inspirada no trabalho do professor Fernando de Tacca, publicado no livro *Imagens do Sagrado*, narrando a história da disputa entre a revista francesa *Paris Match* e a brasileira *O Cruzeiro*, em torno do ineditismo em publicar fotos de um ritual do candomblé (Tacca, 2011). A história por trás da foto é uma expressão muito usada na imprensa, recurso encontrado também na antropologia visual. <https://www.antropologiavisual.com.br/single-post/2016/07/11/A-HISTÓRIA-POR-TRÁS-DA-FOTO> expressão muito usada na imprensa, recurso encontrado também na antropologia visual. <https://www.antropologiavisual.com.br/single-post/2016/07/11/A-HISTÓRIA-POR-TRÁS-DA-FOTO>

abordado no capítulo 1.3, *Sobre antropologia e fotografia*, onde apresento o resultado de minhas novas reflexões visando embasar este posicionamento.



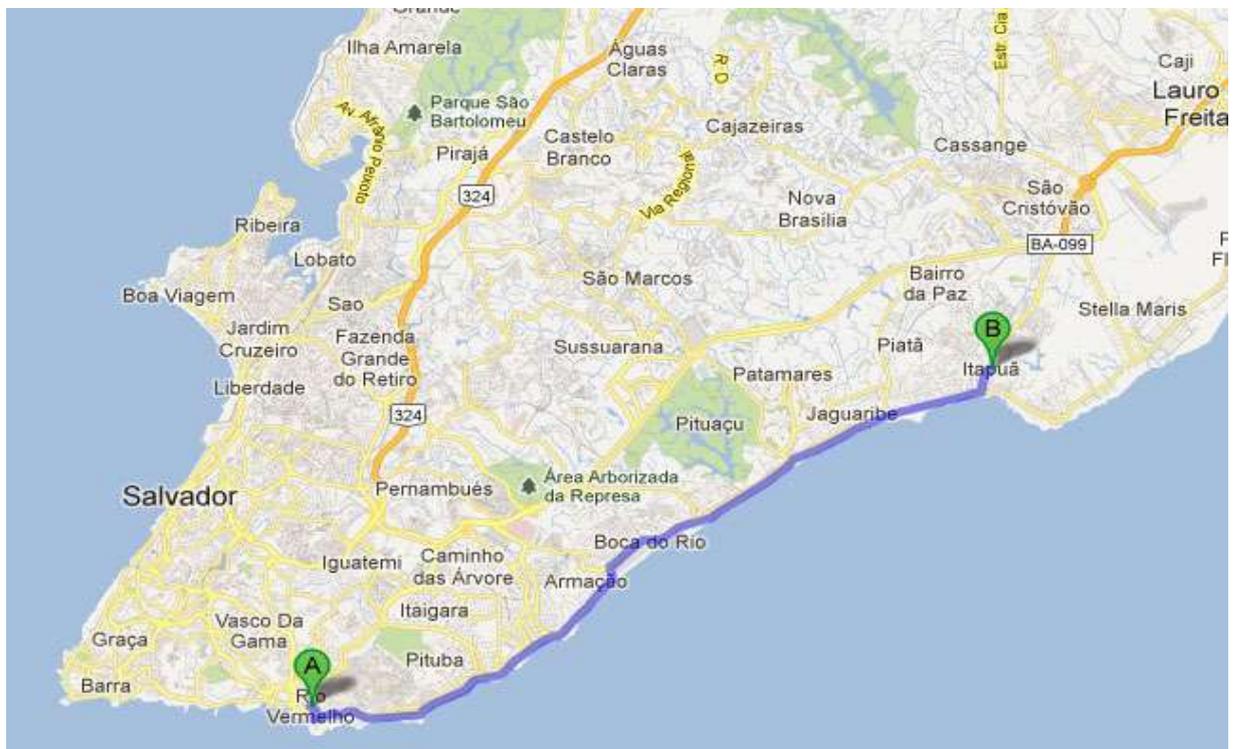
A pesquisa de campo deste estudo foi desenvolvida em duas etapas distintas. Na primeira etapa realizei visitas a localidades tradicionais da pesca, no entorno da Baía de Todos os Santos, com intuito educativo e instrumental, objetivando minha preparação para o que viria a seguir: a etapa da observação participante propriamente dita, na colônia de pescadores da praia de Piatã, que fica situada na costa atlântica de Salvador, cidade capital do Estado da Bahia.

Piatã é uma das praias do famoso bairro de Itapuã, reconhecido como uma antiga aldeia de pescadores, mas que agora se encontra plenamente inserido no tecido urbano da cidade. A colônia de pescadores de Piatã foi o principal porto de atracação deste estudo, onde pude desfrutar da companhia e dos saberes dos pescadores desta singular colônia, onde pude acompanhar seu labor cotidiano e ouvir suas histórias de vida, participar de pescarias e realizar um registro documental de suas estratégias práticas e simbólicas.

Na costa atlântica de Salvador existem 8 colônias de pescadores localizadas numa extensão de praia de cerca de 20 quilômetros, da entrada da Baía de Todos os Santos, até o bairro de Itapuã. A escolha por uma colônia de pescadores deste lado da cidade se deve a alguns

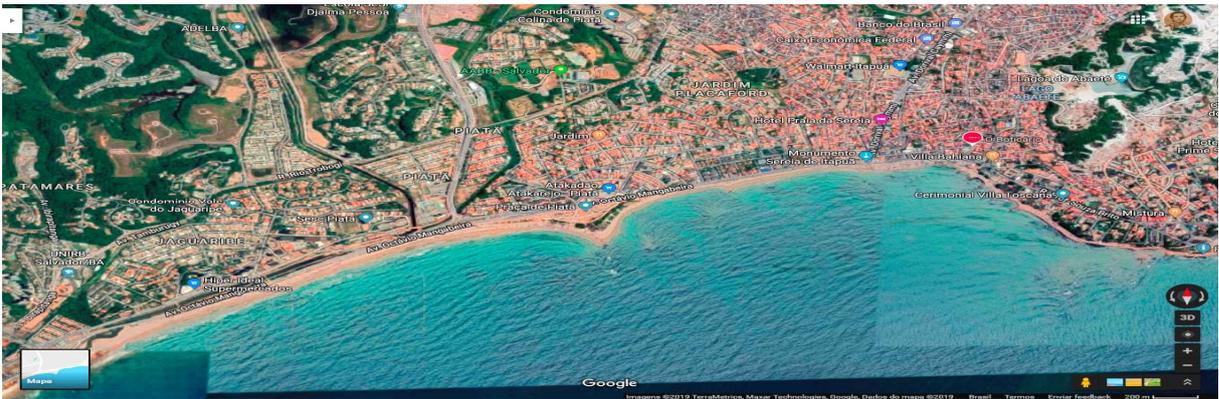
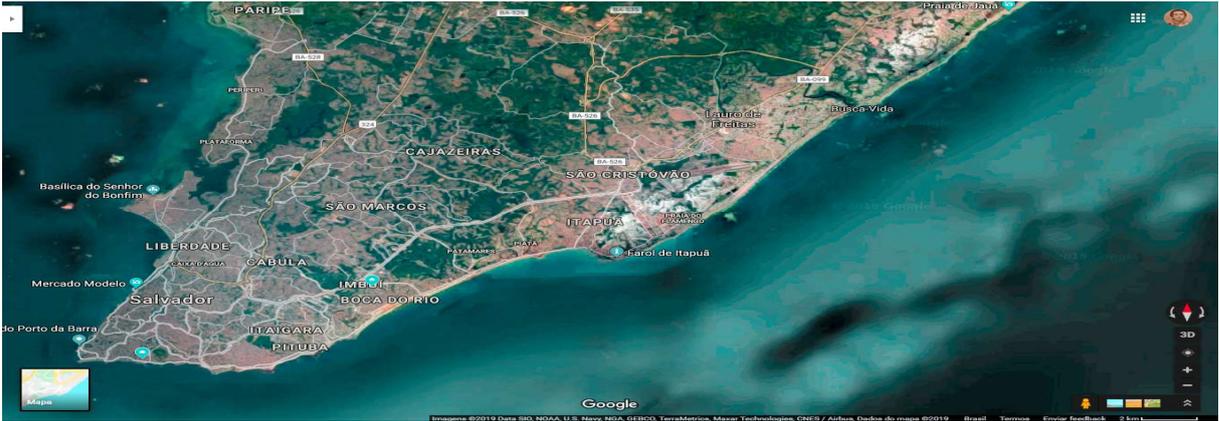
importantes fatores que diferenciam os pescadores deste lado da cidade, dos pescadores situados nas praias voltadas para o interior da Baía de Todos os Santos. A primeira dessas razões é o fato da costa atlântica ser o lado da cidade onde houve e ainda está em curso, o maior crescimento demográfico de Salvador, impactando fortemente nas condições de vida de todos os indivíduos que estão envolvidos de alguma forma na cadeia extrativista da pesca.

Se os pescadores, de maneira geral, sofrem com os efeitos da degradação ambiental - a poluição das águas dos oceanos e a diminuição da diversidade das espécies marinhas - os pescadores da costa atlântica de Salvador também sofrem com os efeitos da espoliação urbana, fenômeno que atinge as classes urbanas mais fragilizadas e que, dentre outras mazelas, os expulsa para áreas distantes dos centros econômicos e culturais da cidade. Um outro fator de grande relevância, por conta de seus desdobramentos, é que, nesta parte do oceano, a quantidade de pescados é efetivamente bastante limitada, devido a fatores geológicos.⁵ Essa relativa escassez não permite aos pescadores acúmulo significativo de riquezas. O peixe capturado pelos pescadores na costa atlântica de Salvador é todo comercializado na própria praia e nas ruas do bairro onde estão instaladas estas colônias.



Linha azul indica a região onde estão as colônias de pescadores da costa atlântica de Salvador. No lado oposto está a Baía de Todos os Santos.

⁵ Devido a curta extensão da plataforma continental.



Imagens áreas retiradas da internet, pontuando a localização urbana da Praia de Piata.

1.1 O que é ser um pescador na cidade.



No ofício do antropólogo que investiga fenômenos dentro da sua própria cidade/aldeia é comum a dúvida sobre qual momento ele ingressa no campo de sua pesquisa. Sou um antropólogo deste tipo, e as questões que me levaram a empreender este estudo, estão presentes no meu dia a dia. Contudo, este estudo a sobre pesca artesanal em meio urbano, teve como ponto de partida, o momento em que me deparei com uma cena semelhante à apresentada na fotografia acima, em que aparece um grupo de pescadores manejando habilmente uma canoa de vinhático, preparando-se para o cerco de um cardume de peixes. Talvez tenha sido a especial situação de luz e reflexo daquele instante, mas o fato é que, a imagem destes pescadores realizando uma atividade nada comum na rotina de uma grande cidade, reverberou em minhas antigas interrogações. Suzanne Langer (2004: 20) argumenta, apropriadamente, que a maioria das novas descobertas surge de coisas subitamente vistas e que sempre lá estiveram. Os antropólogos visuais são como os fotógrafos de Flusser (1985), que se movimentam como os antiquíssimos caçadores paleolíticos, perseguindo a caça na tundra. Com a diferença que os antropólogos visuais, não se movimentam em pradaria aberta, mas na floresta densa da cultura.

No foco de minhas preocupações e conseqüentemente de minhas pesquisas, aparece constantemente a questão da subsistência do homem urbano. Sendo que esta não foi a primeira vez que iniciei uma pesquisa a partir de um *insight* provocado por uma imagem, porém, por ora, pularei a etapa de explicar sobre o que entendo ser uma imagem.⁶ Interessa-me mais, neste momento, apenas refletir brevemente sobre “o que as imagens fazem com a gente?” (Wulf, 2013: 21). Para o antropólogo Etienne Samain, é evidente o fato de que toda imagem nos oferece algo para pensar, um pedaço do real para roermos, uma fâisca de imaginário para sonhar. “Toda imagem é portadora de um pensamento, isto é, veicula pensamentos”. E nos leva a pensar. Samain aprofunda sua reflexão a respeito das imagens se perguntando, “como” e não o “por que”, das imagens nos fazerem pensar (Samain, 2016: 22).

A imagem dos pescadores na orla de Salvador apontando para algo diferente de tudo mais ao meu redor. A grande cidade e a pesca artesanal, a tradição no coração da modernidade, se apresentando como personagens que se inter-relacionam, tanto do ponto de vista espacial quanto histórico, criando uma oportunidade privilegiada para um estudo antropológico. Segundo o último censo, 85% da população brasileira vive em cidades, enquanto os pescadores artesanais são habitualmente encontrados em lugares fora do perímetro das grandes cidades, nos vilarejos costeiros, onde os cidadãos aproveitam suas férias e finais de semana prolongados. Eu já havia me deparado e até mesmo fotografado, algumas vezes pescadores artesanais urbanos em ação, porém, foi só naquele momento que me senti desafiado a entender o que haveria por trás daquela imagem, vislumbrada na orla marítima de Salvador. Os motivos desta inquietação podem ser considerados exclusivamente pessoais, mas afinal, a subsistência e a espoliação urbana, a alienação no trabalho, o domínio e opressão sobre as classes subalternas e o entendimento das conseqüências das transformações operadas em nossas cidades, são questões de interesse pessoal ou coletivo? Por isso, a princípio, questioneei se estes pescadores estariam isentos dos problemas que afetam outras categorias de trabalhadores, ou se a pesca lhes proporcionaria algum tipo de emancipação do modelo econômico vigente. E se assim fosse, de que maneira a cidade afeta os pescadores artesanais e o que eles estão fazendo para continuar a viver da pesca artesanal dentro de uma grande cidade?

Estas interrogações iniciais, surgidas deste “meu encontro” com os pescadores artesanais, em plena atividade no ambiente urbano, vieram a calhar com meu plano de reingressar no Programa de Pós-graduação, desta vez no doutorado, para continuar minha formação em

⁶ Lúcia Santaella define três domínios principais da imagem. A definição que estou usando aqui está no domínio das imagens perceptíveis. As imagens que apreendemos do mundo visível, aquelas que vemos diretamente da realidade em que nos movemos e vivemos (Santaella, 2012).

Antropologia. Estimulado por esta *affordance*,⁷ elaborei um pré-projeto de pesquisa problematizando a permanência dos pescadores artesanais nas praias de Salvador, propondo compreender *o que é ser um pescador artesanal na cidade*, com todas as implicações decorrentes desse fato.

No processo de seleção, os avaliadores do Programa sinalizaram um problema a ser superado, minha argumentação estava muito centrada na urbanização acelerada de Salvador nas últimas décadas e havia poucas informações baseadas na vasta literatura antropológica sobre pescadores e a pesca artesanal. Contudo, apesar desta ressalva, os membros da banca de seleção, consideraram a originalidade da proposta de estudo e acharam cabíveis as justificativas apresentadas, bem como a metodologia proposta.



⁷ Conceito oriundo da psicologia ecológica de Gibson (1986), que seriam coisas, objetos, lugares ou eventos que se oferecem e que são percebidas pelos seres que habitam o ambiente.







Escolher um corpo teórico que ajude a seguir um caminho de pesquisa costuma ser um dos primeiros passos realizados pelo investigador social. Somente a escolha do objeto antecede esta etapa. A Antropologia é uma ciência com muitas divisões em seu interior. No entendimento de Peter Fry, a Antropologia ao mesmo tempo em que se especializa, sofre uma segmentação em antropologias mais ou menos estanques e às vezes até segregadas (antropologia urbana, marítima, etnologia indígena, antropologia ambiental, antropologia visual, antropologia da saúde, antropologia da religião, etc.). A unidade da disciplina estaria segundo Fry, fundada num ponto de vista e num método: a pesquisa de campo imaginada como meio de satisfazer o desejo de ouvir e entender o ponto de vista dos outros.⁸ Não há nada de contraproducente neste fato. Ao contrário, uma disciplina voltada ao estudo de uma espécie como nós humanos, em nossas múltiplas dimensões, só poderia ser assim, complexa e polifônica. Wolf (2003), por exemplo, tem uma visão pessoal sobre sua prática antropológica. Ele entende a prática antropológica “como modo de conhecimento que possibilita a busca incessante por uma explicação engajada do mundo, uma disciplina que se distingue, ao mesmo tempo enquanto ciência e uma forma de humanismo, que une as ciências sociais e as humanidades” (Wolf, 2003: 12).

⁸ Prefácio do livro, *Da Periferia ao Centro - trajetórias de pesquisa em antropologia urbana*. José Guilherme Cantor Magnani. Editora Terceiro Nome, 2012.

Minha primeira tarefa, no sentido de superar a defasagem apontada pela banca do Programa, foi conhecer melhor como a Antropologia vê os pescadores artesanais. Na sequência busquei suporte teórico na Antropologia urbana, na Antropologia visual e na Antropologia ambiental ou ecológica, e por fim, como indicarei adiante, me aproximei do pensamento de Tim Ingold.



Usar a linguagem fotográfica como recurso metodológico e escrita em antropologia, ou qualquer outro tipo de estudo acadêmico, exige uma intensa coleta prévia de informações sobre o que se pode encontrar na etapa de campo. Isto porque, em muitas situações, a interpretação dos fatos presenciados acontece, em boa parte, simultaneamente ao ato fotográfico. Comecei a ler e reler vorazmente artigos publicados na internet, monografias e livros publicados com a rubrica de pesca artesanal. Citei, a título de ilustração da diversificada abordagem encontrada sobre este tema, alguns relevantes trabalhos e autores. Início pela biblioteca do NUPAUB (Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras). Pode-se tranquilamente afirmar que Antonio Carlos Diegues, coordenador deste núcleo, é o autor brasileiro que mais publicou livros e artigos sobre este tema. No seu trabalho de referência, *Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar* (1983), Diegues se debruça sobre a

transformação dos pequenos pescadores artesanais em operários embarcados nos navios de grandes companhias de pesca.

Simone Maldonado (1986), em *Pescadores do Mar*, transita pelos principais temas da antropologia marítima. Kant de Lima e Pereira (1997), mostram uma situação de conflito ambiental vivido pelos *Pescadores de Itaipu*, no litoral do Rio de Janeiro. Elina Pessanha (2003), trabalhou também em Itaipu, publicando *Os companheiros*. Em, *A Faina, a Festa e o Rito*, Silva (2001) traz uma etnografia histórica sobre os agentes do mar. Em, *As redes do suor*, Luis Fernando Dias Duarte (1999) aborda o trabalho dos pescadores de Jurujuba com uma visão marxista, e ainda, *Ah, esse povo do mar!*, de Cristiano Ramalho (2006), sobre trabalho e pertencimento na pesca artesanal pernambucana.

No apagar das luzes desta exploração me foi apresentado pelo meu orientador, professor Lívio Sansone, um importante estudo realizado por Conrad Phillip Kottak, publicado no livro *Assault on Paradise, the globalization of a little community in Brazil*. Neste estudo Kottak analisa de um ponto de vista privilegiado, as transformações ocorridas em Arembepe, uma antiga vila de pescadores, localizada no litoral norte da Bahia, cerca de 30 quilômetros distante de Salvador. Kottak conheceu Arembepe ainda jovem aos 19 anos e vivenciou o antes, o durante, e o depois das profundas mudanças ocorridas no ‘paraíso de Arembepe’ produzidas pela implantação de uma fábrica de óxido de titânio destinado à exportação. A implantação da Tibrás e a poluição ambiental provocada pelo lançamento de resíduos industriais no mar, afetando consideravelmente a presença de peixes em boa parte da costa do litoral norte da Bahia, é um episódio recordado ainda hoje até mesmo entre os pescadores de Piatã, área de pesca distante de Arembepe.

Conrad Kottak observa que as mudanças ocorridas em Arembepe ilustram bem o que é capaz de fazer uma proposta equivocada de desenvolvimento econômico – a devastação ecológica e a globalização, que no entender de Kottak é a disseminação de uma cultura internacional e uma política econômica internacional.

The Malay Fishermen: their Peasant Economy, de Raymond Firth (1946), ensaio seminal apresentando um estudo comparando a economia camponesa com a dos pescadores malaios. Ao comentar este trabalho, Diegues afirma:

Firth, antropólogo funcionalista, utilizou indistintamente os termos "economia de pescadores" e economia camponesa. Para ele, a economia pesqueira malaia apresentava analogias estruturais com a economia camponesa e podia ser tratada como parte desta. Para ele, as diferenças entre ambas residiriam mais no tipo de recurso natural utilizado do que na sua organização social, ainda que Firth diferenciasse o camponês oriental do europeu. Para Firth, o camponês malaio pode ser agricultor numa estação do ano e pescador em outra e mesmo que as pessoas

ocupadas nessas atividades não sejam necessariamente as mesmas, estão frequentemente interligadas por valores e instituições comuns. Em trabalho posterior, no entanto (Firth, 1970), esse antropólogo fez uma diferenciação entre o "camponês" e os demais pequenos produtores, como os artesãos e os pescadores, baseada no tipo de acesso aos recursos naturais (terra e produtos do mar). Ainda assim, a contribuição teórica de Firth se fez sentir mais intensamente na criação de uma antropologia econômica do que de uma antropologia marítima (Diegues, 1995:8-9).

Anete Brito Leal Ivo (1978) investigou a situação da pesca artesanal realizada em Salvador, considerada dentro de uma perspectiva histórica, a partir da chegada dos europeus ao litoral baiano. O título dado a este estudo, *Pesca, Tradição e Dependência*, antecipa as conclusões da análise realizada por esta pesquisadora. Na observação participante junto aos pescadores de Piatã, como tentarei deixar claro adiante, constatei situações diferentes dessas conclusões de Leal Ivo. Ressalva seja feita, são tempos distintos e os procedimentos diferentes dos adotados na pesquisa citada. Privilegiei a observação participante e tive acesso a fontes que não estavam disponíveis em 1978. Um exemplo é a pesquisa de Tânia Risério d'Almeida Gandon, publicada em livro no início de 2018, sob o título de *A Voz de Itapuã*. Na história oral colhida por Gandon, os antigos moradores de Itapuã relatam com saudosismo como era a vida da gente na antiga aldeia de pesca de Itapuã.

Por último, cito *O Arpão e o Anzol: técnica e pessoa no estuário do Amazonas* (Vila Sucuriju, Amapá). Neste estudo Carlos Sautchuk aborda a pesca enquanto modo de construção da pessoa refletindo sobre a relação entre a técnica e o humano. Dois tipos de pescadores são comparados, os laguistas que se dedicam à predação do pirarucu, em lagos, “onde o acoplamento do arpão e da canoa do pescador é primordial”, e os pescadores de fora, que atuam na região costeira, tripulando barcos motorizados e “agem em coordenação com a maré e o espinhel (linha com centenas de anzóis) para capturar a gurijuba”.

Por estes estudos mencionados acima percebe-se claramente como a pesca artesanal é uma atividade de grande importância, por sua função social e pelo seu aspecto econômico. A pesca artesanal responde por 50% da produção do pescado mundial e 90% da mão de obra empregada na pesca e aquicultura (Carneiro et al, 2014). O pescador artesanal possui um modo diferente de estar no mundo, de constituir família e organizar seu trabalho. O ofício de pescador é aprendido longe da escola, na tradição oral familiar. Acheson considera a adaptação marítima uma das conquistas mais extremas conseguidas pelo homem (Acheson, 1981: 277). O pescador artesanal se envolve em um complexo processo de detecção e captura de espécies difíceis de localizar e capturar. O termo artesanal se vincula a ideia de um artesão, aquele que é proprietário do instrumento que maneja com perícia (Ramalho 2006).



Se a pesca é uma atividade que coloca o homem em confronto direto com a natureza, o pescador artesanal que escolhe viver em uma grande cidade, como Salvador, precisa se adaptar ao crescimento da metrópole, que se expande rapidamente e ocupa os espaços que outrora foram de seu inteiro domínio. Ramalho (2006) vê na cidade uma incompatibilidade com o universo da pesca, de suas casas, dos espaços dominados pela sua arquitetura física e social. O crescimento urbano exerce pressão no sentido de acabar com os redutos da pesca artesanal.

No campo da antropologia urbana, importante para entendermos a dimensão da relação entre a cidade e os pescadores enfocados neste estudo, citarei as proposições teóricas de Michel Agier (2011, 1995) e Ulf Hannerz (2015).

A contribuição de Agier (1995) veio, inicialmente, de um estudo etnográfico realizado na década de 1990, sobre a trajetória empregatícia, o espaço citadino, a família e o status social de operários urbanos do bairro da Liberdade, Salvador-BA (Agier, 1995). Agier defende que quem se propõe a conhecer as cidades deve fazê-lo a partir do contexto relacional produzido no meio urbano, de situações concretas dos cidadãos e de sua experiência cotidiana, de seus lugares de vida – dos bairros, das ruas, redes de sociabilidade, das dinâmicas identitárias apreendidas *in situ*, através da pesquisa direta que dá visibilidade ao que não se vê, ao que não

se sabe, ao que nem se imagina. Trata-se de ver o que o meio urbano introduz como modelos diferentes de organização social. Para Agier, a cidade não é uma coisa que se pode ver, nem um objeto que se possa apreender, a cidade pode ser descrita a partir de situações etnográficas, ou seja, do interior, pelo antropólogo que se encontra, ele próprio, presente e implicado. Cidade vivida, cidade sentida, cidade em processo. (Agier, 2011). “O que as minhas pesquisas me ensinaram, é como as pessoas fazem a cidade. São as pessoas que fazem a cidade, os grupos sociais que fazem a cidade e não a cidade que faz a sociedade. E é este fazer cidade que se observa nas relações sociais, em diferentes formas de sociabilidade, que é preciso decifrar melhor” (Agier, 2011: 55).



Para Hannerz (2015), os estudos antropológicos têm um potencial, nem sempre percebido, de fazer as pessoas refletirem sobre a variabilidade da condição humana e sobre sua própria situação particular. Os estudos realizados com *foco* no urbano – ou seja, o estudo de fenômenos que são mais prováveis de serem encontrados na cidade do que em outras áreas, é um valioso instrumento com o qual os habitantes de uma cidade podem pensar de maneira nova sobre o que se passa ao seu redor. Hannerz acredita que as investigações na cidade podem oferecer *insights* para a antropologia geral, “que para fazer jus à sua pretensão de ser a ‘ciência da humanidade’, deve ser reconstruída para incluir uma consciência de vida urbana”. As cidades

deveriam ser os lugares estratégicos para se pensar a cultura em termos de uma organização da diversidade. A ênfase da antropologia de Hannerz se dá sobre uma perspectiva relacional – sobre situações sociais, sobre a participação das pessoas nestas e sobre a maneira como uma “vida social complexa pode ser construída a partir dela” (Hannerz, 2015: 20).



A cidade com suas incongruências, problemas e desafios é o lugar onde neste Século XXI a maior parte dos humanos enfrenta seu cotidiano, se reproduzem, criam seus filhos, se divertem, nascem e morrem. Antônio Risério, em *A cidade no Brasil*, argumenta que nossas cidades são na verdade anticidades: “temos problemas demais em nossas cidades, que todos conhecem muito bem, sabendo recitá-los de cor: violência, tráfico de drogas... expansão das favelas, carência habitacional, congestionamentos, desemprego, sistemas de saúde sucateados, falta d’água encanada e esgotamento sanitário, poluição, etc.” (Risério, 2013: 301). Agier (2011), afirma que a cidade é a forma mais complexa e sofisticada das civilizações. Boa parte da humanidade está vivendo em cidades, que cada vez mais se tornam metrópoles, onde a complexidade do viver juntos se torna mais aguda.



Na metrópole, a vida dos habitantes está centrada no emprego nosso de cada dia. A cidade é, acima de outras atividades, o lugar do trabalho, ação que para Marx (1989) é a essência da vida humana.⁹ Na rotina dos moradores de uma grande cidade, o trabalho se impõe como motor da vida social. Durante o dia, à exceção dos finais de semana, reservados para o lazer e o descanso, a maioria dos cidadãos está no seu local de trabalho, indo ou voltando do mesmo, presos em engarrafamentos, ou estão à procura de emprego, que lhes dê renda para satisfazer suas necessidades e desejos de consumo. Até mesmo os jovens estudantes têm na obtenção de um futuro trabalho o foco de muitas de suas horas diárias. Escolas, colégios e universidades educam esses jovens para o trabalho, para o capital, como afirma Mészáros (2006). Para que consigam bons empregos, sejam eficientes e competitivos no mercado de trabalho, ganhem bons salários, ou, sejam bons administradores de seus próprios negócios.

Salvador é a capital do Estado da Bahia, cidade que já teve o rótulo de campeã do desemprego e do carnaval. Cidade com o maior contingente de negros fora do continente

⁹ MARX, Karl. Processo de trabalho e processo de produzir Mais-valia. In: O Capital 14. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

africano. Cidade cercada de mar por quase todos os lados, onde os fundadores portugueses aportaram 500 anos atrás. Cidade dos paradoxos, dos contrastes, da alegria e da violência, da favela e do luxo, do orgulho e do desprezo, do progresso e do atraso.

Como primeira capital do país, Salvador foi uma das mais importantes cidades do continente sul americano, no tempo do Brasil Colonial. Com o fim dos ciclos da cana de açúcar, do fumo e do algodão e a falta de investimentos em outras áreas que pudessem suprir as necessidades econômicas dos seus moradores, Salvador ingressou no século XX sofrendo de uma grave estagnação econômica. Na década de 1950 esta situação começou a mudar a partir da exploração de poços de petróleo em municípios vizinhos a Salvador, e posteriormente, com as medidas de incentivo adotadas por parte dos governos federal e estadual. Contudo, falhas nos projetos de implantação de dois centros industriais não permitiram que fossem alcançados os efeitos imaginados para a economia da região, com o agravante de que em apenas uma geração, entre os anos 1940 e 1990, Salvador cresceu de quatrocentos mil a dois milhões de habitantes, chegando a ocupar a posição de terceira maior cidade do país. Neste exato momento, a população de sua área metropolitana é de cerca de três milhões. Restou aos setores do comércio e do turismo administrar este fracasso e amenizar a falta de empregos para a crescente população de Salvador e Região Metropolitana.¹⁰ Este crescimento extraordinário, em um curto lapso de tempo, provocou mudanças profundas no mercado de trabalho e nas relações profissionais.

Áreas antes distantes do centro habitacional e comercial, habitadas pelos pescadores artesanais, foram integradas ao tecido urbano. Neste processo, o antigo reduto de pescadores de Piatã, no bairro de Itapuã, foi “englobado” por esta expansão.

Bem antes da colonização do Brasil, Itapuã era terra dos índios Tupi Guarany, guardando uma paisagem natural de extrema beleza, que só a partir da segunda metade do século XIX começou a sofrer modificações mais expressivas. Em Tupi Guarany, Itapuã quer dizer “pedra que ronca”. Conta a lenda que uma pedra roncava na praia de Itapuã, sempre que a maré estava vazante, e isso acabou dando origem ao nome do bairro.

Na década de 50, Itapuã era apenas uma colônia de pescadores, distante 21 km do Centro de Salvador. Na beira mar, negros (ex-escravos e descendentes de escravos), deram origem a uma singular comunidade de pescadores que, durante muitos anos, viveu em função da pesca e até hoje permanece desenvolvendo esta atividade para a sua sobrevivência. Já na década seguinte, Itapuã se transformou em um ponto de veraneio.

Nos anos 70 sofreu novas intervenções, vindo a transformar-se em bairro. Os 21 quilômetros que o separavam do Centro de Salvador já não são mais percebidos como longínquos, depois da implantação da estrada de asfalto que liga toda orla da Capital

¹⁰ ALMEIDA, Paulo Henrique. A Economia de Salvador e a Formação de sua Região Metropolitana. In: Inaiá M. M. de Carvalho; Gilberto Corso Pereira. (Org.). Como anda Salvador - Salvador: Edufba, 2006.

baiana. Neste subespaço o visitante encontra hotéis, pousadas, o farol de Itapuã, as faixas de praia da Rua K, dentre outras diversas atrações.¹¹

A aldeia de casas de taipa tornou-se um grande bairro, com vida própria, comércio variado, bancos, clínicas de saúde, escolas e locais de diversão. Os antigos moradores do bairro eram quase todos dependentes das atividades da pesca. Mais de uma vez escutei conversas entre os atuais residentes do bairro nas quais eles afirmavam que todo nativo de Itapuã sabe pescar.¹²

Aos poucos fui compreendendo que na imagem dos pescadores em atividade na orla de Salvador cabiam outras instâncias de interpretação. Minha nova investida consistiu em lançar um olhar sobre as ciências ambientais, que tiveram seu início inspirado em estudos de comunidades diretamente dependentes de recursos naturais, tais como os pescadores artesanais. Atualmente a pesca artesanal é uma das poucas atividades laborais realizadas no meio urbano em que o ser humano se defronta com a natureza plenamente.

Iniciei este novo percurso através das ideias de Maurício Waldman (2006), explanadas em *Meio Ambiente e Antropologia*. Waldman aborda as especificidades do olhar antropológico para com o meio ambiente e os diferentes entrelaçamentos, entre cultura e natureza, nas sociedades tradicionais e nas sociedades modernas. Sobre a questão ambiental, conclui Waldman,

...a identificação de um paradigma ambiental e, por extensão, a noção de crise ambiental, sugerem uma avaliação bem mais ampla e profunda do que uma simplória contabilidade dos recursos disponíveis ou, singelamente, de um “estudo da casa” numa “situação clímax”. Tanto no passado do homem quanto nos dias de hoje, a questão ambiental relaciona-se sumamente com um sistema de poder econômico, social, político e ideológico, não podendo ser aquilatada na sua devida extensão na ausência desses referenciais (Waldman, 2006: 224).

Ulrich Beck (2010) defende a tese de que o risco se tornou uma constante em nossas vidas. O risco vem das mudanças climáticas provocadas pelo modo de vida das populações dos países industriais, onde o uso dos recursos naturais é realizado em grande escala, bem como pelo passivo ambiental deixado pelo descarte equivocado dos resíduos da produção industrial.

John Hannigan (2009) assume uma abordagem construcionista no campo do ambientalismo. Os problemas ambientais, segundo Hannigan, também são construções, assim como outros tipos de problemas sociais. Se os problemas ambientais não forem abordados

¹¹ SANTOS, Fernanda Almeida, Turismo cultural em Itapuã: um percurso afetivo. Capturado em 24/06/2015. www.revistas.unifacs.br/index.php/sepa/article/download/315/265.

¹² Nativo, na concepção dos pescadores e de todos os antigos moradores do bairro, são aqueles que nasceram ou se criaram no bairro. Os nativos sentem orgulham de sua condição.

socialmente, permanecerão invisíveis, aparecendo apenas em um contexto de crise política, econômica ou desastres ecológicos.

No tocante à percepção que se tem da natureza, voltei a cruzar com Diegues. Em *O mito moderno da natureza intocada*, Diegues (2001) mostra que existem diferentes percepções da natureza entre as populações urbana e rural e que a noção de mundo natural como terra intocada é uma percepção urbana, que difere muito da percepção das pessoas cujas vidas se baseiam no uso da terra e que a tem como fonte primária.

A percepção humana permeia os discursos sobre o meio ambiente, seja para preservá-lo intocado ou para justificar qualquer dano que se considere inevitável para tornar a vida mais segura e duradoura para o homem. Essa percepção do mundo natural expressa em atitudes e ideias têm se modificado ao longo do tempo. Um trabalho que merece destaque neste ponto é o livro de Keith Thomas, *O homem e o mundo natural, mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500–1800)*. Thomas aborda a percepção, sentimentos e raciocínios dos ingleses frente aos animais, pássaros, vegetação e paisagem física, nos séculos iniciais do período moderno. No início desse período, ressalta Thomas, predominava o pensamento antropocêntrico. Animais e plantas existiam para servir ao homem. Essa forma de pensar justificava discursos como o de que os animais eram felizes em cativeiro e que haviam sido criados para “labutar a nosso serviço”.

Foi seguindo nessa trilha que encontrei as ideias de Tim Ingold autor que mais influenciou a maneira como este estudo foi conduzido e está sendo apresentado. Para Ingold, os requisitos últimos da prática humana vem do ambiente no qual os seres estão imersos, percebem e agem.

1.2 A antropologia da vida de Tim Ingold.

Ser é estar ao longo de caminhos. O caminho, e não o lugar, é a condição primordial do ser, ou melhor, do tornar-se. (Ingold, 2015)



Tim Ingold, antropólogo e professor na Aberdeen University, Escócia, se tornou reconhecido por seus estudos ligados a uma vertente da antropologia ecológica e fenomenológica. O primeiro dos escritos de Ingold que tive acesso – nas aulas de Teoria antropológica - abordando sobre a transmissão das representações e a educação da atenção,¹³ no qual ele enfatiza a importância da percepção e da ação como forma de estar no mundo e de transmissão da cultura - me estimulou a conhecer melhor suas originais ideias e sua linha de raciocínio.

Com este propósito em mente, consegui adquirir um raro exemplar do livro *Cultura, Percepção e Ambiente, Diálogos com Tim Ingold*, editado e distribuído somente entre os pares, para registrar e celebrar os encontros e debates deste antropólogo com cientistas sociais e educadores brasileiros e sulamericanos, em sua estada no Brasil, em outubro de 2011. Os artigos publicados nesta coletânea, além da palestra proferida por Ingold, apresentam o resultado de pesquisas antropológicas em que algum dos conceitos elaborados por Ingold foi tomado como base para as análises. Carlos Alberto Steil e Isabel Cristina de Moura Carvalho, organizadores da publicação, observam que as ideias de Ingold apontam para o surgimento de um novo paradigma nas ciências sociais, em que os observadores de um mundo de objetos fixos devem se imaginar como participantes imersos com a totalidade do ser nos cursos de um mundo em criação. “O mundo que nos é dado a observar é um mundo em movimento, num contínuo devir. O observador não olha a partir de um corpo que se situa como uma totalidade independente em relação ao fluxos de luz, sons e texturas do ambiente, mas ao contrário, ele é atravessado por

¹³ INGOLD, Tim. “Da transmissão de representações à educação da atenção”. Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.

estes fluxos, nos quais lhe é dada a possibilidade de descrever e compreender o mundo” (Steil & Carvalho, 2012 : 45).

Nas páginas finais do livro, o antropólogo Otávio Velho classifica em tom crítico, o trabalho de Ingold, como uma obra em desenvolvimento e que ainda não apresenta respostas para alguns pontos que o próprio Ingold levanta. Este comentário contradiz com o que o mesmo Velho afirmou 10 anos antes no artigo *De Bateson a Ingold: passos na constituição de um paradigma ecológico*. Suponho que a mudança de atitude de Velho tenha sido motivada pelo fato de, neste mesmo encontro, Ingold apresentar uma versão atualizada para sua linha de pensamento, explicitada no livro *Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description*, ao qual Velho e os demais autores dos trabalhos apresentados em *Cultura, Percepção e Ambiente* ainda não tinham tido acesso no momento da realização de suas pesquisas. Em meados de 2015, *Being Alive* foi lançado no Brasil com o título de *Estar Vivo – ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Neste livro Ingold passa a se definir como um antropólogo: não um antropólogo social ou cultural, não um antropólogo biológico ou arqueológico, apenas um antropólogo.

Na antropologia que Ingold classifica como da vida, o ser humano é concebido: *como um nexo singular de crescimento criativo dentro de um campo de relacionamentos desdobrando-se continuamente*. Este processo de crescimento do ser equivale a um movimento ao longo de um caminho de vida. Os organismos são como fluxos ou linhas e não como unidades circunscritas por um invólucro identitário (Ingold, 2015: 12). A obra de Ingold, segundo suas próprias palavras, “tem sido amplamente seguir as implicações desta sugestão”. Ingold divide seu trabalho em quatro fases distintas, sucessivas, mas não estanques. Cada uma girando em torno do significado de um único termo – produção, história, habitar e linhas.

Tudo começou com a questão acerca do que significa dizer dos seres humanos que sejam produtores de suas vidas. Mas não deixei de pensar sobre esta questão, uma vez que ela deu à luz outra: Como é que, na produção de suas vidas, os seres humanos criam a história? Como, se assim de fato o for, deve esta história ser distinguida do processo de evolução no qual todas as criaturas vivas supostamente encontram-se apanhadas? Tampouco deixei de pensar na história quando comecei a ver, no que chamei de perspectiva do habitar, uma maneira de superar a divisão arraigada entre os “dois mundos” da natureza e da sociedade, e de reinserir o ser humano e o devir no interior da continuidade da vida. E não cessei de pensar sobre o habitar nas minhas atuais explorações na antropologia da linha, que cresceu a partir da constatação de que cada ser é instanciado no mundo como um caminho de movimento ao longo de um caminho de vida. Ou, traçando a evolução do meu pensamento no sentido inverso: estabelecer um caminho através do mundo é habitar; habitar é viver historicamente; cada forma histórica de vida é um modo de produção (Ingold, 2015:26).

- Sobre a produção, Ingold afirma que a essência da produção está na qualidade atencional da ação. Conforme o indivíduo trabalha, não são apenas os materiais com que ele trabalha que são transformados. O trabalhador também é modificado através da experiência. As potencialidades latentes de ação e percepção são desenvolvidas. Ele se torna, mesmo que ligeiramente, uma pessoa diferente. A prioridade está no processo em curso e não sobre a forma final (Ingold, 2015: 27).
- Sobre a história, o que somos, ou o que podemos ser, não vem pronto. Temos, perpétua e infinitamente, que estar nos fazendo a nós mesmos. Isso é o que a vida é, o que a história é, e o que significa produzir. Investigar a vida humana é, portanto, explorar as condições de possibilidade em um mundo povoado por seres cujas identidades são estabelecidas, em primeiro lugar, não por atributos recebidos, específicos de uma espécie ou de uma cultura, mas por realização produtiva (Ingold, 2015:31).
- O habitar concerne à maneira como os habitantes, isolados e em conjunto, produzem as suas próprias vidas, e como a vida, prossegue. A habitação não é meramente a ocupação de estruturas já construídas. Significa antes, essa imersão dos seres nas correntes do mundo da vida, sem a qual atividades como concepção, construção e ocupação não poderiam acontecer (Ingold, 2015: 34).
- Linhas, a caminhada é o modo fundamental como os seres vivos habitam a terra. Cada ser tem, por conseguinte, que ser imaginado como a linha do seu próprio movimento ou mais realisticamente – como um feixe de linhas. (Ingold, 2015: 39).

“Aqui, finalmente, encontra-se a chave para o meu projeto de restaurar a vida para a antropologia. Se a nossa preocupação é habitar este mundo ou estudá-lo – e, no fundo, as duas coisas são as mesmas, uma vez que todos os habitantes são estudantes e todos os estudantes habitantes – a nossa tarefa não é fazer um balanço do seu conteúdo, mas seguir o que está acontecendo, rastreando as múltiplas trilhas do devir, aonde quer que elas conduzam. Rastrear esses caminhos é trazer a antropologia de volta à vida” (Ingold, 2015: 41).

Minha aproximação com o pensamento de Ingold se faz presente, não no uso de algum de seus conceitos em particular, como fazem os autores das pesquisas arrolados no livro citado acima. Mais importante para mim, é sua reflexão sobre o que é a vida e, conseqüentemente, sua “animada filosofia”, que ele chama de antropologia, é claro! – “uma filosofia que foi lançada para fora de suas tradicionais torres acadêmicas e forçada a pensar tanto dentro quanto com o próprio mundo do qual escreve” (Ingold, 2015:12). Também na sua maneira de pensar a antropologia como prática de educação, transformadora dos predicados do ser, e a etnografia

como uma prática de educação da atenção, onde se deve dar a primazia ao processo formativo e não ao produto final.¹⁴

Para Ingold o propósito da antropologia deve ser o de promover uma investigação constante e disciplina das condições e potenciais da vida humana. Sendo a tarefa dos antropólogos, observar e descrever com o propósito de mudar a vida, tal como a conhecemos (idem, 2015: 11). Acompanho Ingold, mais uma vez, quando ele defende o exercício de uma antropologia que participe de uma grande conversa para moldar o mundo:

Nós trabalhamos com pessoas que deveriam ser convidadas para participar de uma grande conversa, e essa grande conversa é a respeito de como no mundo estão se moldando a humanidade e uma forma humana de vida que possam ser adequadas e possíveis no futuro.

Acho que sem dúvida, os modelos que tivemos nos últimos cem ou duzentos anos falharam nesse sentido de forma significativa; precisamos encontrar formas alternativas de viver e decidir qual é a tarefa da humanidade, como vamos viver nesse mundo. Para isso precisamos de toda ajuda possível. Não que isso signifique que tenhamos que concordar com tudo o que as pessoas nos dizem, mas podemos aprender com elas. E a boa coisa da antropologia é que ela pode expandir de forma muito abrangente nossas formas e fontes de conhecimento. Os antropólogos ao redor do mundo conhecem muitas pessoas, e aprendem com elas. Nós podemos trazer todo esse conhecimento à grande conversa sobre como moldar uma humanidade para todos nós.¹⁵



¹⁴ Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. Artigo originalmente publicado em inglês, com tradução autorizada pelo autor. INGOLD, Tim. That's enough about ethnography! **Hau: Journal of Ethnographic Theory**, v. 4, n. 1, p. 383-395, 2014 (licensed under the Creative Commons | © Tim Ingold. ISSN 2049-1115 [on-line]. <http://dx.doi.org/10.14318/hau4.1.021>).

¹⁵ A Antropologia como participante de uma grande conversa para moldar o mundo. Entrevista com Tim Ingold. *sociologia&antropologia* | Rio de Janeiro, v.04.02: 303 – 326, outubro, 2014

1.3 Sobre fotografia e antropologia

“No fundo, a fotografia é subversiva não quando assusta, perturba ou até estigmatiza, mas quando é pensativa”. Roland Barthes ¹⁶



Um dos propósitos da realização deste estudo, para além da aproximação com o universo dos pescadores artesanais urbanos, foi explorar as possibilidades e potencialidades da linguagem fotográfica como solução epistemológica para lidar com as problemáticas sociais contemporâneas (Barbosa, 2003). E como meio legitimado de narrar modos de vida e suas formas de sociabilidade, representações e valores (Mathias, 2016: 11); como recurso metodológico e escrita em trabalhos antropológicos.

Na formatação desta narrativa, de fotografias misturadas e dialogando com as palavras, e vice-versa, tomei inicialmente como base a proposta de uma fotoetnografia - em que a etnografia clássica dá lugar a uma construção de imagens fotográficas, empenhado no inventário dos elementos culturais e sociais de grupos humanos (Achutti, 1997). Visando ampliar esta original proposta de Achutti e ser ainda mais eficaz na comunicação do que está

¹⁶ *A Câmara Clara*, nota sobre a fotografia. Nova Fronteira, 1984: 62

sendo dito sobre o problema estudado, apliquei a semiótica de Lúcia Santaella, procurando construir páginas dinâmicas, ritmadas e fluidas, alternando sequências fotográficas e descrições verbais imagéticas, na tentativa de aproximar o leitor dos lugares e das pessoas descritas ao longo da narrativa, para dessa forma, aumentar de muitas maneiras o entendimento sobre o que foi observado.

A intenção foi investir em uma narrativa onde fotos e textos produzam uma descrição densa, ao estilo de Geertz (2008). Mas para uma total compreensão desta proposição, é imprescindível acabar com os entraves e resistências ao uso de outras formas de expressão, como a linguagem fotográfica, na apresentação do resultado de estudos antropológicos. Ao redor do mundo grupos de antropólogos se esforçam para que narrativas imagéticas sejam validadas na academia. A Associação Brasileira de Antropologia possui um Comitê de Antropologia Visual visando estimular os antropólogos brasileiros a pesquisarem sobre e com imagens. A American Anthropological Association, por sua vez, possui algo semelhante em seu interior. Fundada em 1984, a Society for Visual Anthropology promove o uso de imagens para a descrição, análise, comunicação e interpretação do comportamento humano. Contudo, ainda persiste na Antropologia, ou melhor, entre uma legião de antropólogos, um evidente apego à exclusividade da língua como forma de linguagem e meio de comunicação em trabalhos científicos.

Esse privilégio se deve, segundo Santaella,

Há um condicionamento histórico que nos levou à crença de que as únicas formas de conhecimento, de saber e de interpretação do mundo são aquelas veiculadas pela língua, na sua manifestação verbal oral ou escrita. O saber analítico, que essa linguagem permite, conduziu à legitimação consensual e institucional de que esse é o saber de primeira ordem, em detrimento e relegando para uma segunda ordem todos os outros saberes, mais sensíveis, que as outras linguagens, as não verbais, possibilitam (Santaella, 2012: 15).

Na antropologia, arrisca dizer Andréa Barbosa (2003), “a imagem vem ganhando centralidade, surgindo como uma aposta no poder e centralidade desta linguagem para a compreensão das realidades sociais”. As linguagens estão no mundo e nós estamos na linguagem. O nosso estar no mundo é mediado por uma rede intrincada e plural de linguagens. “Somos uma espécie animal tão complexa quanto são complexas e plurais as linguagens que nos constituem como seres simbólicos, isto é, seres de linguagem” (Santaella, 2012: 14). Simultaneamente à linguagem verbal, existe uma enorme variedade de outras linguagens que também se constituem em sistemas sociais e históricos de representação do mundo.

A finalidade da Antropologia em sua orientação profundamente humanista é registrar o acúmulo da experiência humana em épocas e lugares diferentes; a sabedoria e a insensatez

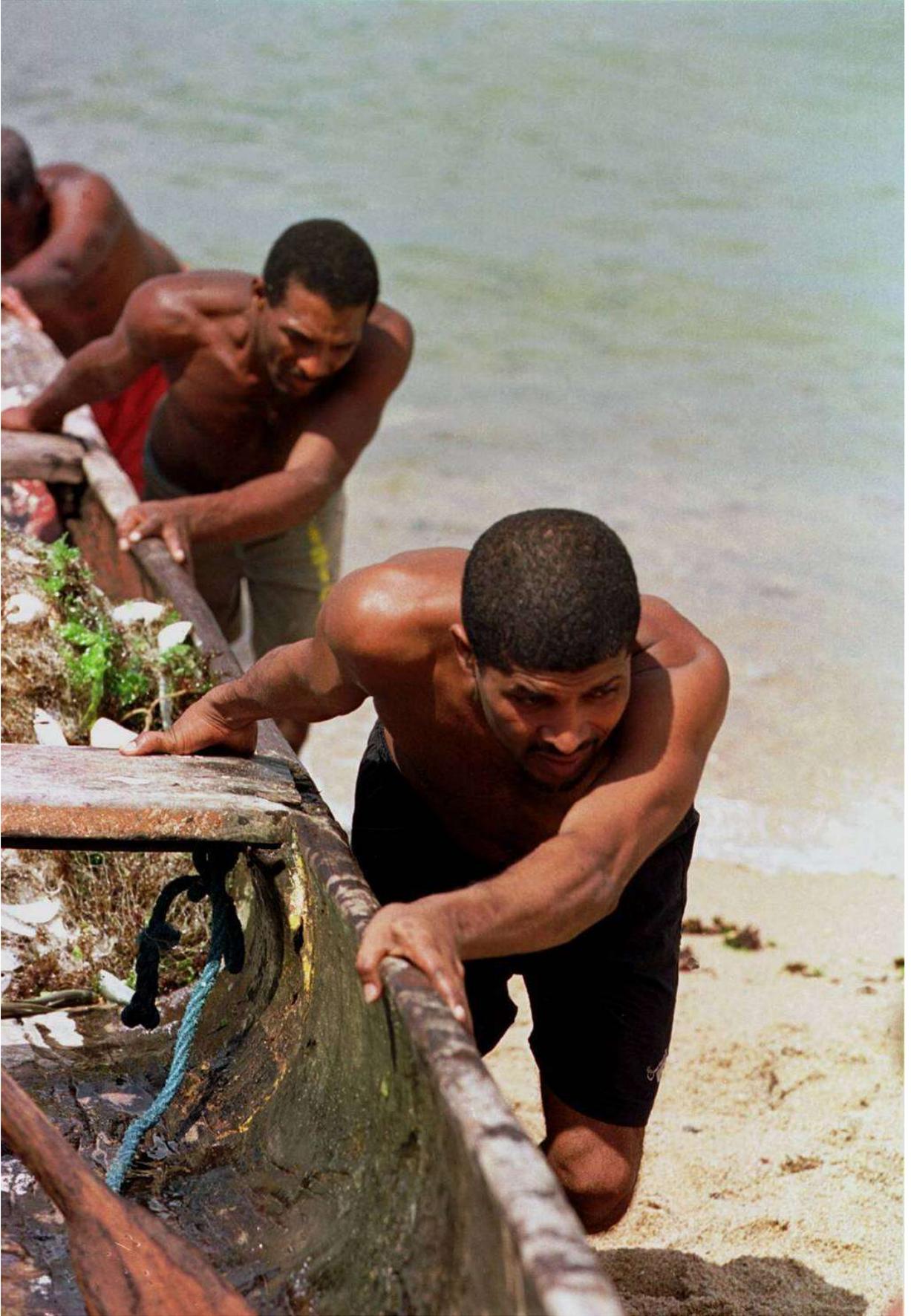
acumuladas da humanidade, para iluminar as possibilidades de nosso futuro coletivo. Sendo sua especificidade, a participação íntima na vida das pessoas, preocupada com os significados, com a textura da vida cotidiana nas comunidades, valiosa e até mesmo urgente em um mundo cada vez mais dominado pela tecnocracia (Kessing & Strathern, 2014). Quanto à antropologia visual, adiciona-se como uma de suas tarefas, a documentação através de imagens, fotográficas ou filmicas, do inventário e da diferença cultural.

Minha escolha pelas imagens começou a partir de uma habilidade desenvolvida por situações de vida e de ofício, minha forma de perceber a dinâmica do mundo é observá-lo fotograficamente. Exerci a profissão de fotojornalista por longo tempo, nas redações dos jornais de Salvador, cidade que adotei aos 12 anos de idade. Alguns amigos e colegas de trabalho seguidamente observam que gosto de usar imagens, tanto fotográficas quanto verbais. Carreguei para a prática antropológica esse gosto pela construção de imagens carregadas de conceitos, capazes de expressar meu pensamento científico.

John Collier Jr. é uma inspiração. Ele e seu filho Malcolm Collier são os autores do manual, *Visual Anthropology, Photography as a Research Method*, republicado em 1986, onde a fotografia é apresentada como uma rica fonte de dados quantitativos e de informações qualitativas sobre a interação humana. No prefácio do livro, Edward T. Hall comenta que Collier Jr., aos sete anos de idade, foi vítima de um acidente de automóvel que danificou parte de seu cérebro, afetando sua audição e sua capacidade de verbalização. Hall acredita que esteja aí a explicação para a excepcional habilidade de Collier Jr. de conseguir incorporar uma qualidade auditiva em suas imagens fotográficas.

As pessoas têm comentado sobre como os indivíduos que ele fotografa não parecem estar cientes de sua presença, uma observação com a qual eu concordaria. É quase como se ele estivesse ouvindo em vez de ver - projetando aquele ouvido perdido na cena.

Os mundos auditivo e visual são diferentes. O primeiro é mais linear e o posterior, mais holístico. E, embora uma imagem possa valer mais que mil palavras, isso é verdade (se é que é verdade) somente se a foto for tirada de uma maneira particular e depois analisada apropriadamente. Uma das contribuições de Collier tem sido nos ensinar como usar as fotografias de novas maneiras: cientificamente para as informações que poderiam ser obtidas a partir delas, e como um meio de reforçar, documentar e checar afirmações etnográficas (Hall, in Collier, 1986: xiv - tradução minha).



O livro dos Colliers enfatiza sobre como se pode conseguir uma visão ampliada em antropologia através do uso da fotografia. O olho crítico da câmera usado como uma ferramenta essencial para coletar informações visuais precisas. No entender dos Colliers, nós modernos somos frequentemente pobres observadores e que com o uso da câmera fotográfica em nossas pesquisas, teremos a chance de amenizar esse problema.

O esquema conceitual usado por quem se arvora a trabalhar com imagens é o mesmo de qualquer outro ramo da antropologia. “O parâmetro deve ser o de um bom texto antropológico, o que não é pouco: significa saber manipular bem as imagens, com vistas a uma determinada mensagem” (Rial, 2014). Os procedimentos metodológicos são os mesmos. A obtenção de refinados e detalhados dados no campo da pesquisa são conseguidos a partir de uma eficiente observação participante. Fazer antropologia visual - além do olhar antropológico domesticado pelo esquema conceitual, formador de uma certa maneira de ver a realidade - requer o desenvolvimento de outras habilidades específicas, grosso modo, domínio do equipamento e da linguagem fotográfica. A fotografia, da mesma forma que a antropologia - funciona como uma espécie de prisma por meio do qual a realidade observada sofre um processo de refração (Cardoso de Oliveira, 2006: 19).

A percepção humana atua nos processos mais gerais do conhecimento. A partir das operações de reconhecimento, identificação, memória e previsibilidade, a percepção é o processo cognitivo final de uma série linear de efeitos espacialmente conectados, terminando no percebedor. A maior parte da percepção humana, no estágio atual da evolução, é visual (Santaella, 2016: 21). Ou seja, a orientação do ser humano no espaço, grandemente responsável por seu poder de defesa e sobrevivência no ambiente em que vive, depende majoritariamente da visão. Esta conclusão não é de toda compartilhada por Ingold, que entende e argumenta que não percebemos com os olhos, os ouvidos ou a superfície da pele, mas com o corpo todo (Ingold, 2015: 87).

Santaella em seus estudos sobre a percepção visual, se baseia na ecologia perceptiva de James Gibson, o mesmo psicólogo que inspirou algumas das teses de Ingold. Gibson sugere, em um artigo sobre a informação disponível em uma imagem, que “uma imagem é uma superfície tratada da maneira que determinado arranjo óptico é disponibilizado para um ponto de observação, contendo o mesmo tipo de informação que é encontrado no arranjo óptico ambiental” (Gibson, citado em Santos, 1971). Arranjo óptico ambiental corresponde a um ponto de observação que nos é permitido ver. Santaella e Nöth (2005: 40) complementam que, “a relação de semelhança não se encontra mais entre imagem e objeto, mas sim entre duas formas

de percepção do receptor”. Ao lermos uma fotografia, temos as mesmas informações que são encontradas no arranjo óptico ambiental, desde que se saiba usar a perspectiva geométrica para copiar o mundo tridimensional em uma superfície bidimensional, oferecendo semelhantes informações. Gibson também afirma que, “uma imagem é um registro, que preserva o que seu autor observou e considerou valioso noticiar” (idem).

Em uma videoaula, disponível na plataforma do Youtube, Lúcia Santaella faz uma análise dos novos equipamentos midiáticos usados na comunicação humana. Santaella analisa as novas invenções tecnológicas da seguinte forma:

Hoje vivemos em sociedades hiper complexas e uma das razões é dada pelo crescimento das linguagens, pela explosão da comunicação planetária e das mídias da inteligência. Na era eletromecânica, a fotografia, assim como o cinema e o rádio, introjetou um certo tipo de inteligência, que é a inteligência sensória, a inteligência dos nossos sentidos. A câmera fotográfica introjetou o funcionamento do nosso olho e mecanizou este funcionamento automatizando o ato de flagrar a realidade visível, sensível. A fotografia como uma extensão da nossa capacidade de visualização. A fotografia ajuda a povoar o mundo de narrativas. O ser humano, desde que ele é humano, ele não vive sem narrativas. O que temos agora é o crescimento da possibilidade de registro e transmissão de narrativas.¹⁷

Para a obtenção de bons registros fotográficos em campo, o pesquisador precisa em primeiro lugar desenvolver uma habilidade que permita observar ao mesmo tempo em que fotografa. Achutti ressalta que é preciso ser capaz de, no processo de conhecer, nos fornecer dados (Achutti, 1997). O ato de fotografar não começa e nem termina no momento da ação ou evento que se quer registrar. O ato fotográfico pressupõe um pensamento, um tipo diferente de pensamento, mais sensorial do que racional. Milton Guran, que é fotógrafo e antropólogo, comenta: “O pesquisador fotógrafo precisa se colocar em um certo ‘comprimento de ondas’ face aos acontecimentos, de modo que o raciocínio possa, por um momento, ceder a primazia à sensibilidade e à intuição”.¹⁸

¹⁷ https://www.youtube.com/watch?v=8_laAMh74IY&t=276s

¹⁸ Pesquisador associado do Centro de Estudos Afro-Asiáticos da Universidade Cândido Mendes e professor e Coordenador de Pesquisa do Curso de Comunicação Social da Universidade Gama Filho.



“Observo, observo, observo”, disse certa vez o fotógrafo Cartier-Bresson, completando, “é através do olhar que compreendo”.¹⁹ Em outro momento, Bresson afirmou que o assunto mais

¹⁹ Henri Cartier-Bresson, *Ver é um todo*, entrevistas e conversas 1951, 1998. Edição organizada por Clément Chéroux e Julie Jones; São Paulo: Gustavo Gili, 2015

importante é “o homem, o homem e sua vida, tão curta, tão frágil, tão ameaçada”. Para Bresson, a fotografia é um meio de expressão, o meio que nos permite através de imagens testemunhar. Cartier-Bresson, não era antropólogo como Etienne Samain, mas se dedicava *quase que exclusivamente ao homem*, assim como os antropólogos.

Com relação à apresentação das fotos, sem a interferência de legendas que direcionem a interpretação, o problema é que a mensagem contida em uma narrativa fotográfica sem texto, pode não ser apreendida por um grande número de pessoas. Humanos são treinados desde os primeiros anos escolares para ler textos escritos. A leitura de imagens não faz parte do currículo padrão das escolas. Segundo Ingold (2010), “nosso conhecimento consiste, em primeiro lugar, em habilidades, todo ser humano é um centro de percepções e agência em um campo de prática”.²⁰ O foco do problema não está na narrativa fotográfica, mas na habilidade dos leitores em interpretá-las em sua profundidade. Está aí uma questão importante para quem usa a linguagem fotográfica em antropologia visual.

Santaella argumenta em sua obra *Leitura de imagens*, da coleção *Como eu ensino*, que “imagens podem e devem ser lidas”,

A alfabetização visual significa aprender a ler imagens, desenvolver a observação de seus aspectos e traços constitutivos, detectar o que se produz no interior da própria imagem, sem fugir para outros pensamentos que nada têm a ver com ela. Ou seja, adquirir os conhecimentos correspondentes e desenvolver a sensibilidade necessária para saber como as imagens se apresentam, como indicam o que querem indicar, qual é o seu contexto de referência, como as imagens significam, como elas pensam, quais são seus modos específicos de representar a realidade. No contexto institucional da escola, alfabetização visual significa desenvolver sistematicamente as habilidades envolvidas na leitura de imagens, de modo a levar ao compartilhamento de significados atribuídos a um corpo de informações. Ainda bastante presas à ideia de que o texto verbal é o grande transmissor de conhecimentos, as escolas costumam negligenciar a alfabetização visual de seus educandos. Entretanto, desde a invenção da fotografia, depois seguida de uma série de meios imagéticos – cinema, televisão, vídeo, e agora em plena efervescência dos meios digitais, com suas variadas interfaces – computadores desktops, iPhones, iPads, o ser humano está rodeado de imagens por todo os lados, em cada canto e minuto do seu cotidiano, isso sem considerarmos que, quando dormimos, continuamos a ver imagens nos sonhos. Diante disso, nada poderia ser mais plausível, e mesmo necessário, que a imagem adquirir na escola a importância cognitiva que merece nos processos de ensino e aprendizagem (Santaella, 2012: 13-14).

²⁰ Da transmissão de representações à educação da atenção. Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.



A estratégia de fotografar os pescadores de Piatã em atividade e depois oferecer-lhes as fotografias funcionou muito bem, como estratégia de aproximação, mais pelo conteúdo das fotografias, que transmitiram de forma clara como eu estava compreendendo a atividade dos pescadores artesanais, do que pelo presente oferecido. O processo de construção da narrativa imagética seguiu seu curso de forma compartilhada e dialógica, sem a necessidade de oferecer novos presentes fotográficos. Na sequência de minha vivência na colônia de pesca, quando passei a participar intensamente das atividades do grupo, de acordo com a minha qualificação, a presença da câmera deixou de ser estranha para os pescadores. Se cada membro do grupo tinha suas tarefas, eu tinha as minhas e dentro dessas, a de tirar fotos. Em algumas situações os pescadores mais próximos a mim, sugeriam cenas a serem fotografadas. Poucas vezes os pescadores expressaram desejo de ver novas fotografias, exceto as fotografias registradas na festa do presente de Iemanjá, quando as famílias comparecem na colônia de pesca.

Parece haver certo consenso entre pesquisadores sobre essa prática de fornecer fotografias para o grupo estudado. No desenrolar dos acontecimentos, nessa e em outras pesquisas, tenho percebido que essa prática funciona como uma troca de presentes - o pesquisador compartilha suas fotos e os fotografados retribuem fornecendo os dados que o pesquisador precisa. Essa é uma prática que vejo com certa restrição. A entrega continuada das fotografias pode acabar criando uma expectativa na pessoa fotografada, que posteriormente pode perder a espontaneidade diante da câmera.

A escolha do equipamento fotográfico adequado foi fundamental para o bom desenvolvimento da exploração. Foram utilizadas duas câmeras digitais amadoras portáteis, sendo uma aquática. O visor basculante das pequenas câmeras ajudou na discrição do ato fotográfico, por não precisar colocar a câmera na frente do rosto, como uma máscara que esconde a face do operador, como se este se ausentasse da cena enquanto fotografa.







CAPÍTULO 2

O tipo de visão que temos das imagens é mais difícil de entender do que o tipo de visão que obtemos da luz ambiental, e não mais fácil. Ele deveria ser considerado ao final de um tratado sobre percepção, e não no seu começo.²¹

2. Elogiemos os pescadores ilustres.



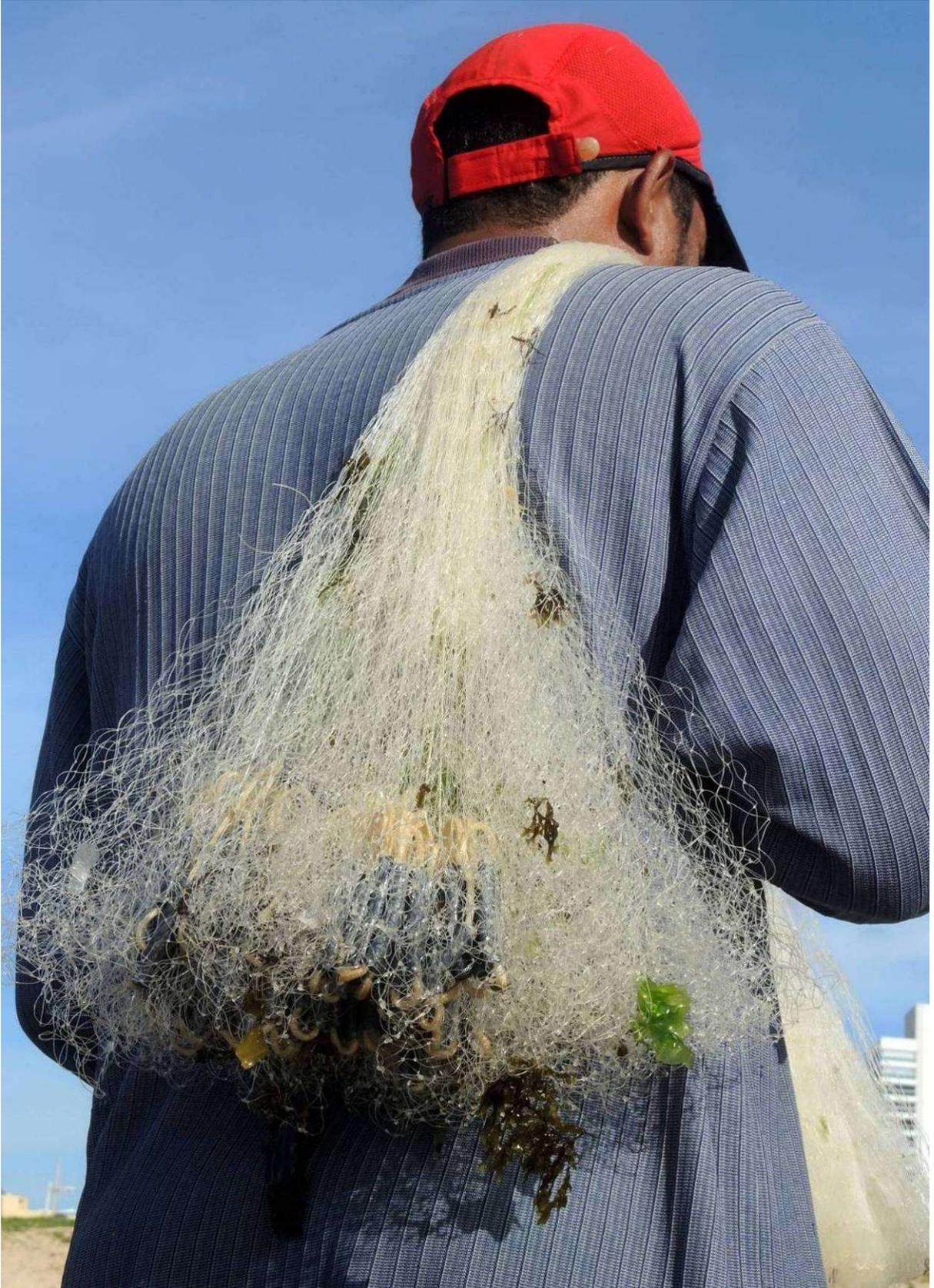
O bloco de fotografias que compõe este capítulo foi concebido com a finalidade de passar uma ideia prévia do universo do grupo pesquisado. A escolha dessas fotografias é fruto do aprofundamento conseguido a partir da compreensão da dinâmica de trabalho dos pescadores artesanais. Todos os registros fotográficos foram colhidos durante a pesquisa de campo, entre os anos de 2015 e 2017, período em que compartilhei experiências e aprendizados com os pescadores da colônia de pesca de Piatã. Utilizei na escolha das fotografias desta seção, como um dos critérios, a verticalidade, objetivando uma melhor visualização do conteúdo das fotografias, na forma impressa, já que a formatação das páginas em um trabalho acadêmico

²¹ GIBSON, James, 1978. Citado em Marcelo Santos, Gibson e seu work in progress ecológico; esboço para uma nova abordagem da comunicação visual? - https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/viewFile/1297/pdf_29

precisa obedecer às regras da ABNT. Priorizei na edição, fotografias que conseguem aguçar os sentidos do *Spectator* (Barthes, 2012). Na montagem da sequência narrativa deste capítulo, especificamente, procurei seguir as recomendações da metodologia fotoetnográfica desenvolvida por Achutti (1997) - fotografias agrupadas sem a intermediação de legendas ou outros escritos explicativos. A narrativa fotoetnográfica é apresentada na forma de uma série de fotos que estão relacionadas entre si e que compõem uma sequência de informações. A etapa de edição e montagem da sequência das imagens se assemelha ao trabalho de construção de um texto, porém, novamente é necessário experiência com edição de imagens fotográficas para que se consiga o efeito desejado, ou seja, permitir uma leitura objetivada das fotografias, principalmente pela audiência que não está acostumada com a leitura de imagens.

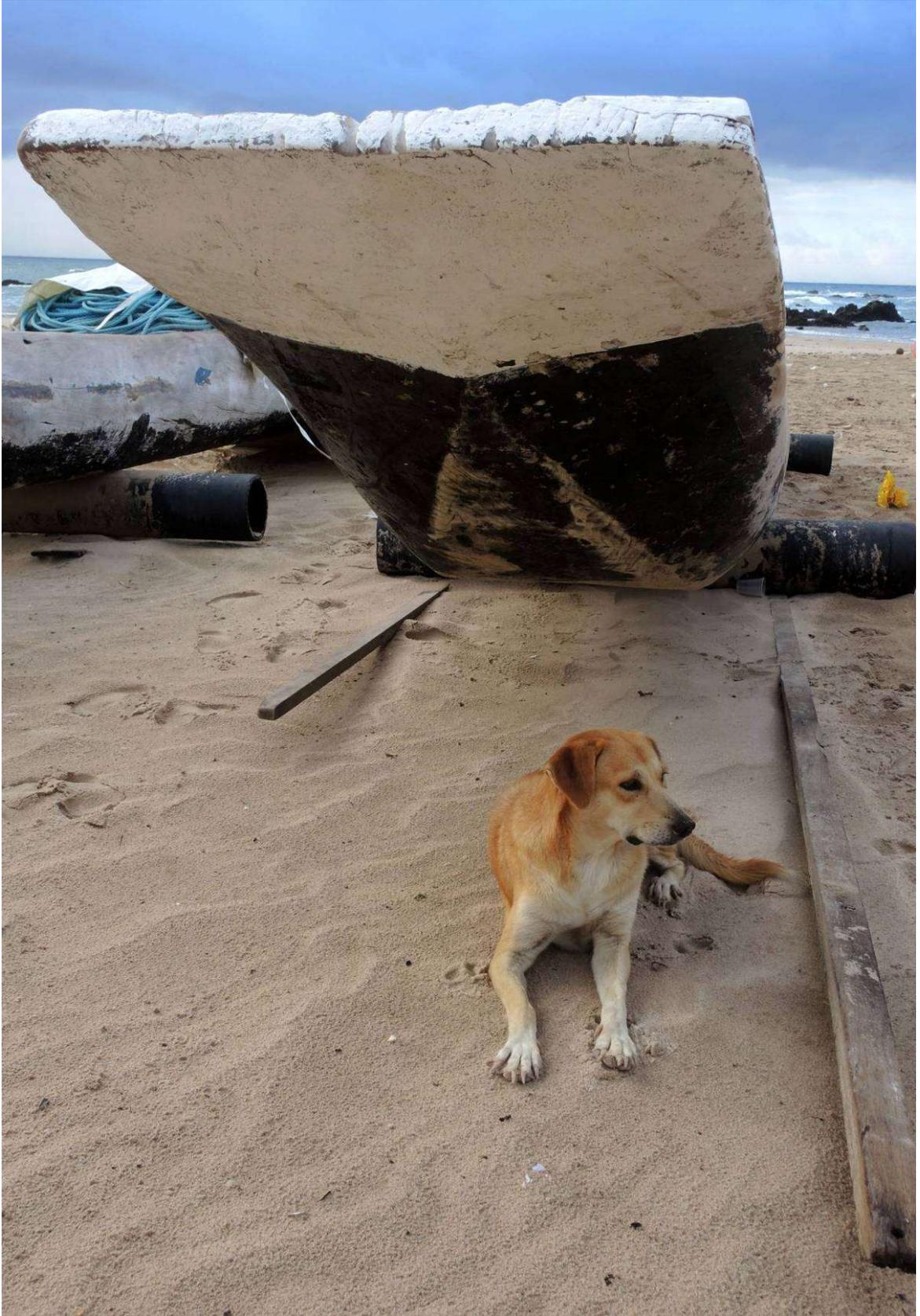
Cada fotografia traz em seu bojo um simbolismo discursivo, sinais, rastros e pegadas do universo pesquisado, umas mais, outras menos. Para aqueles que vislumbram a narrativa fotográfica como arte, afirmo, da mesma maneira que fez Tim Ingold, que as proposições da arte, na medida em que tenham força, devem estar fundamentadas em uma profunda compreensão do mundo vivido. Arte e antropologia têm em comum o fato de observarem, descreverem e proporem. (Ingold, 2015: 11)



























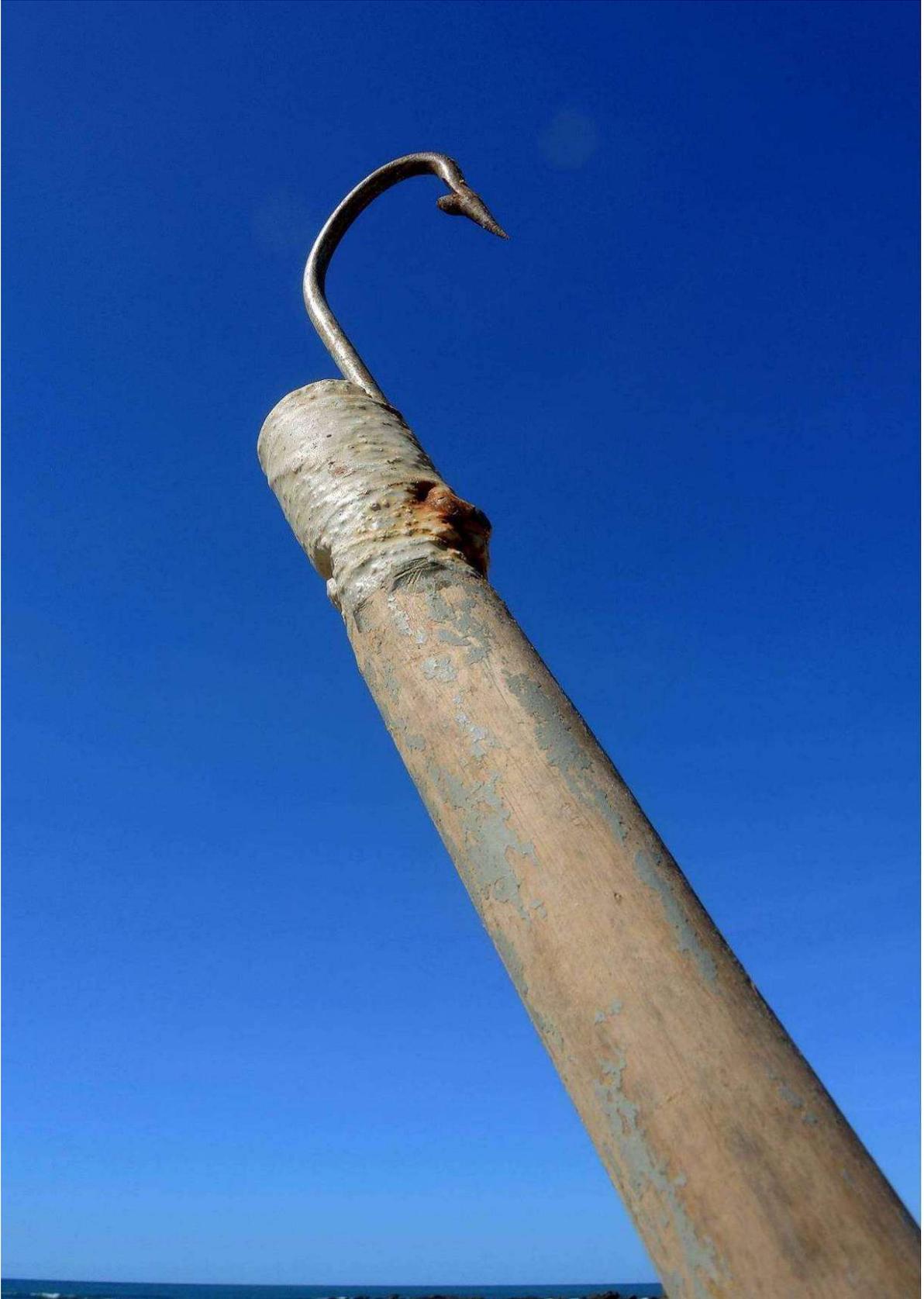






















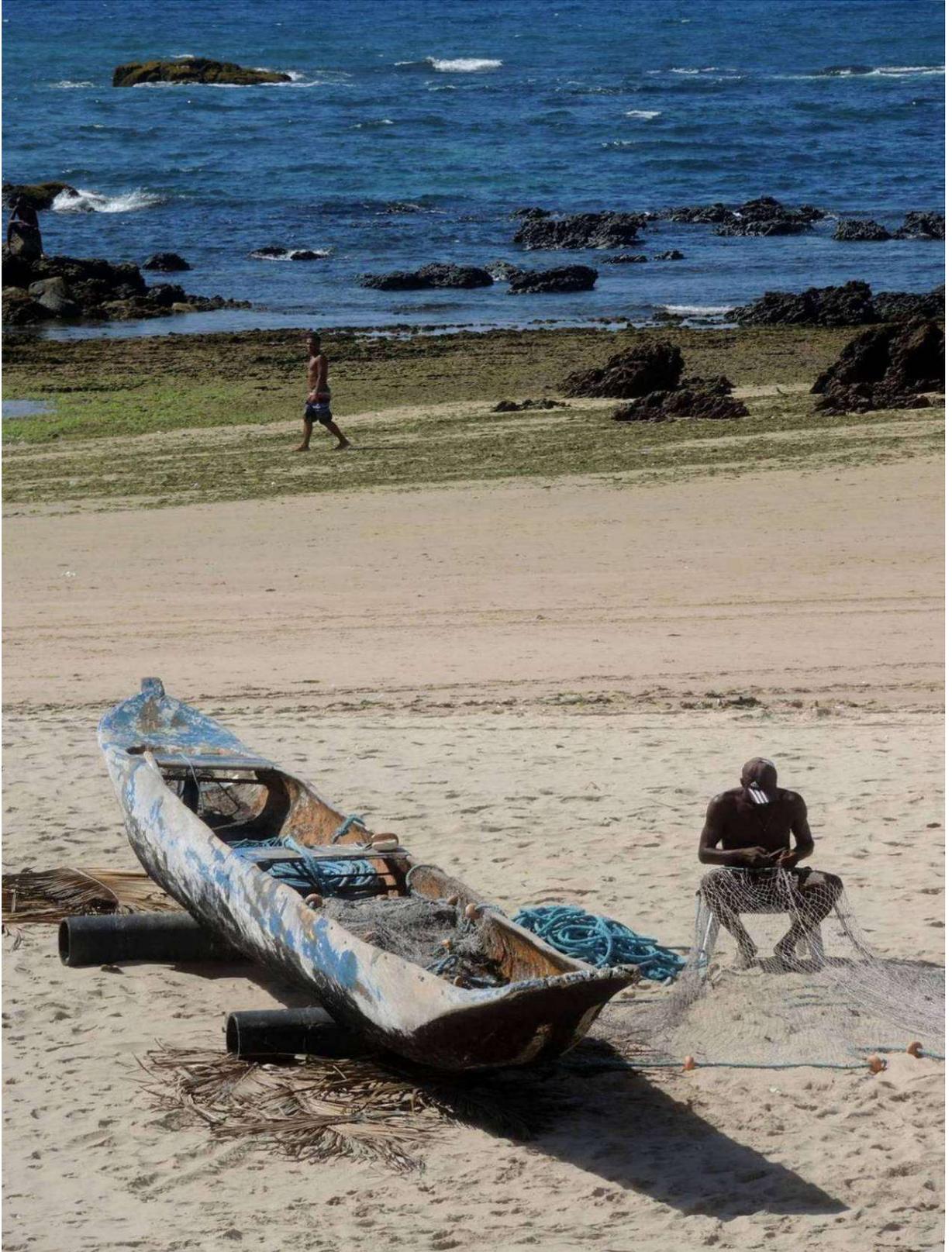


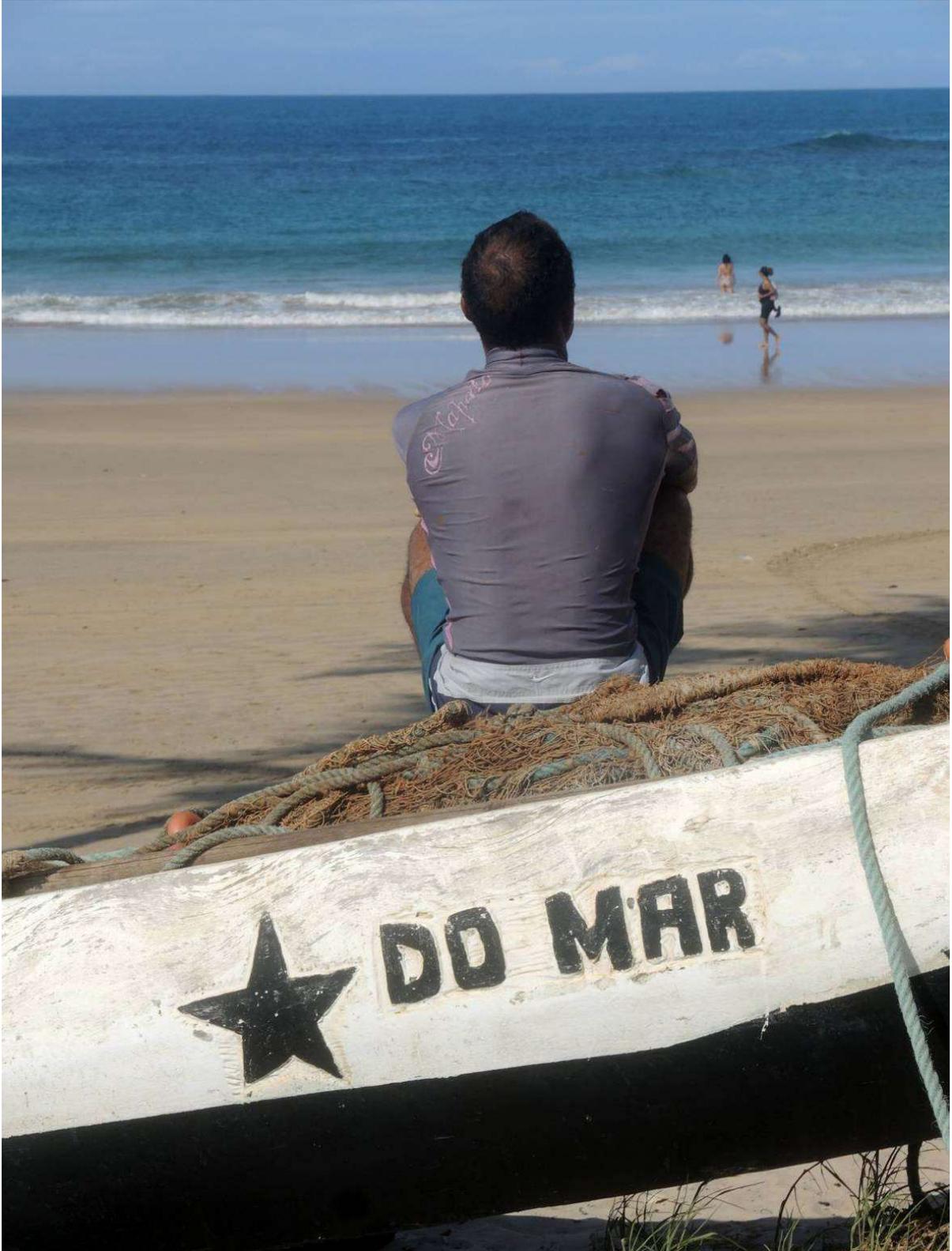






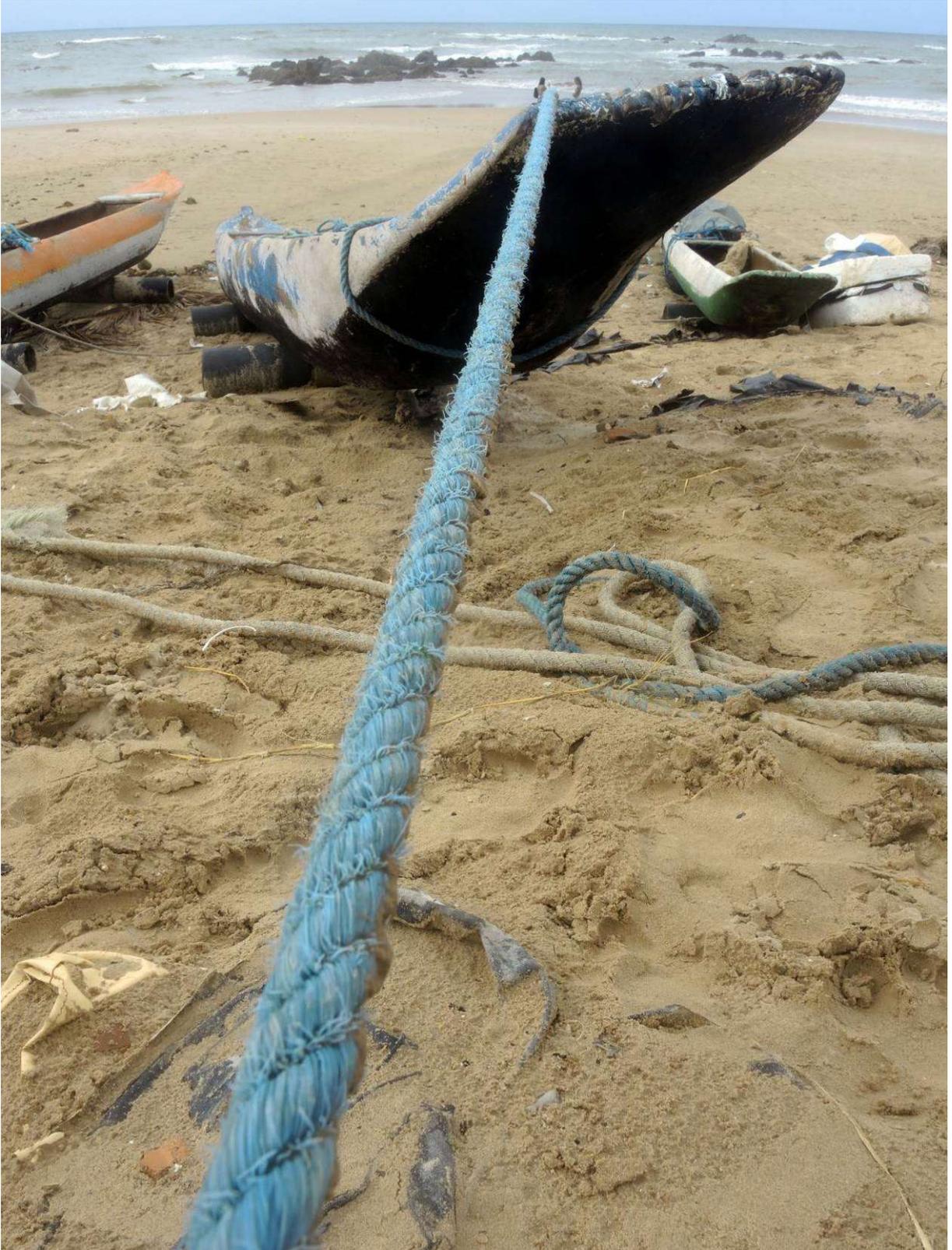










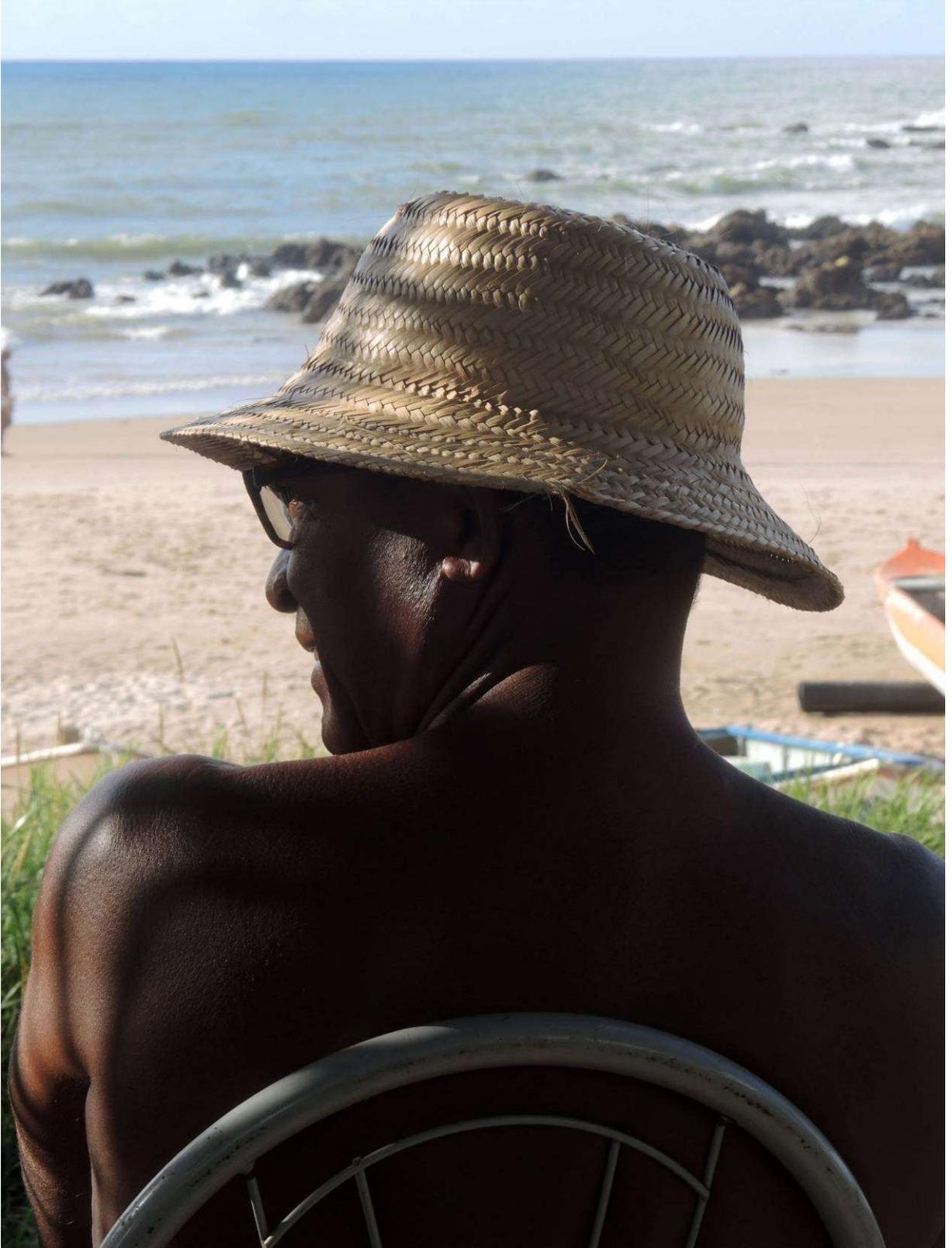




















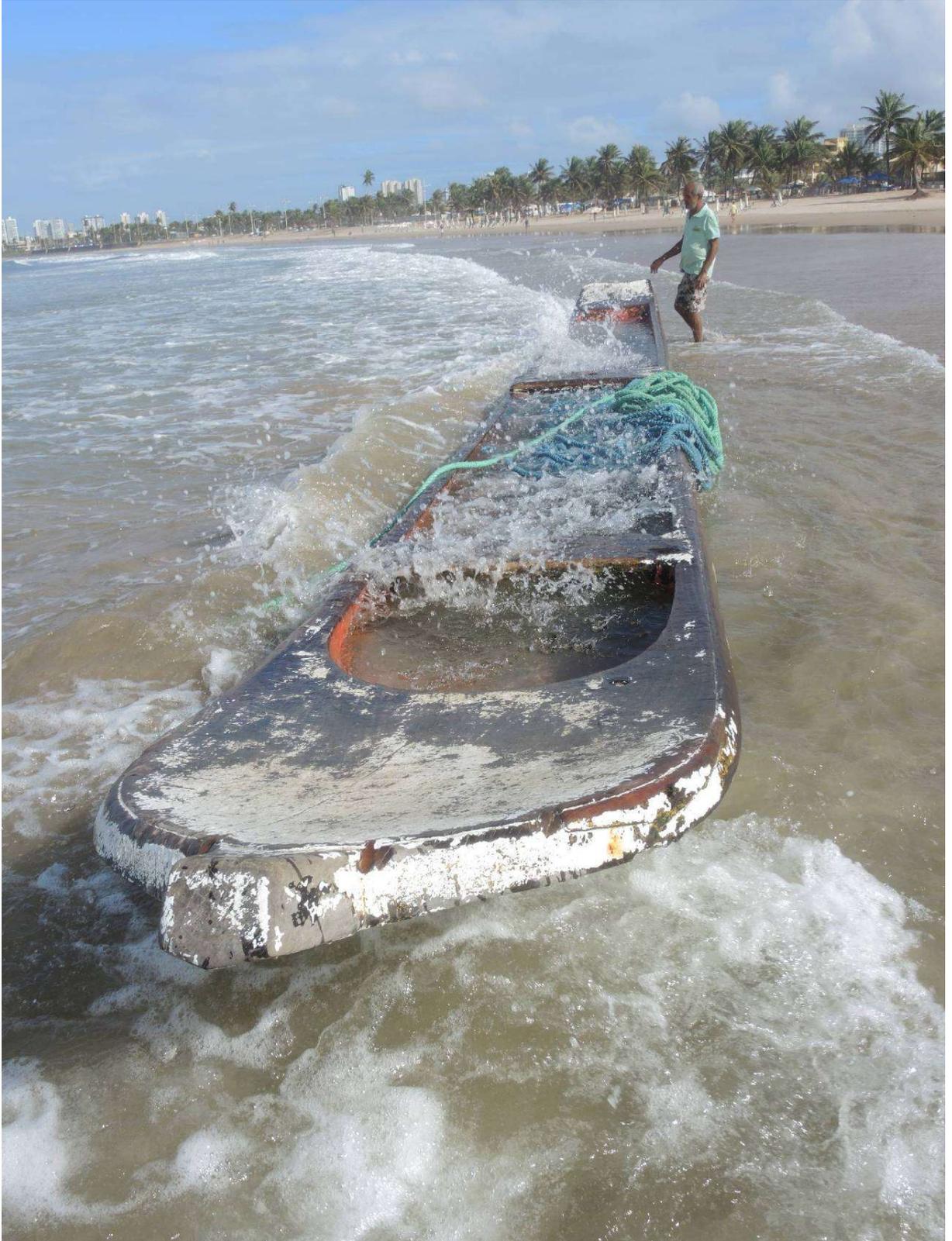
































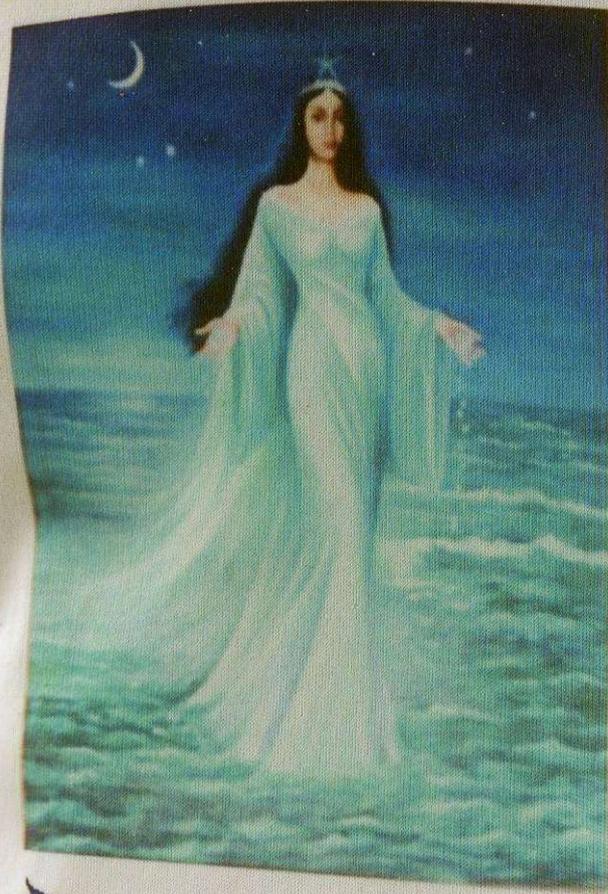




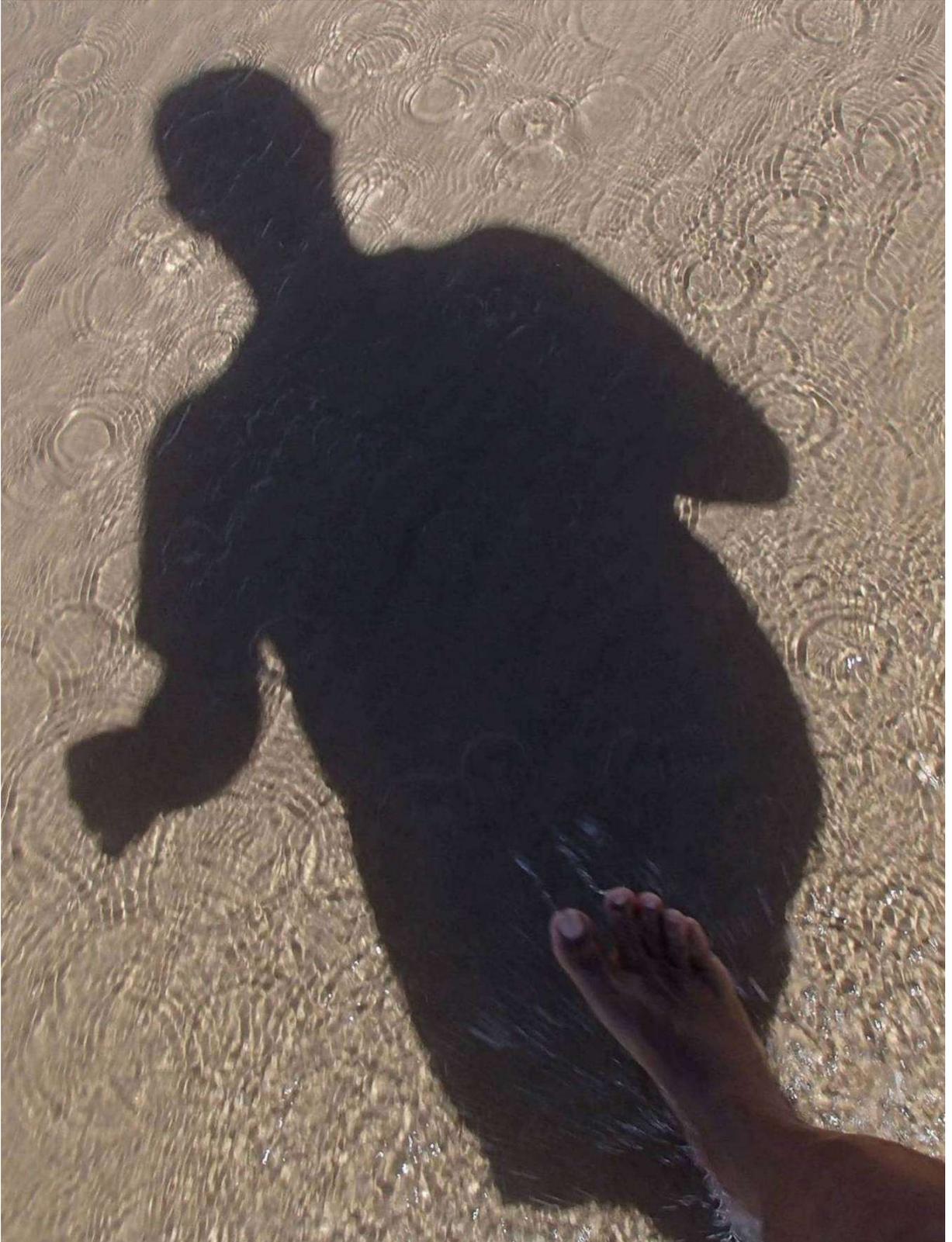




PRESENTE DE IEMANJÁ 2010

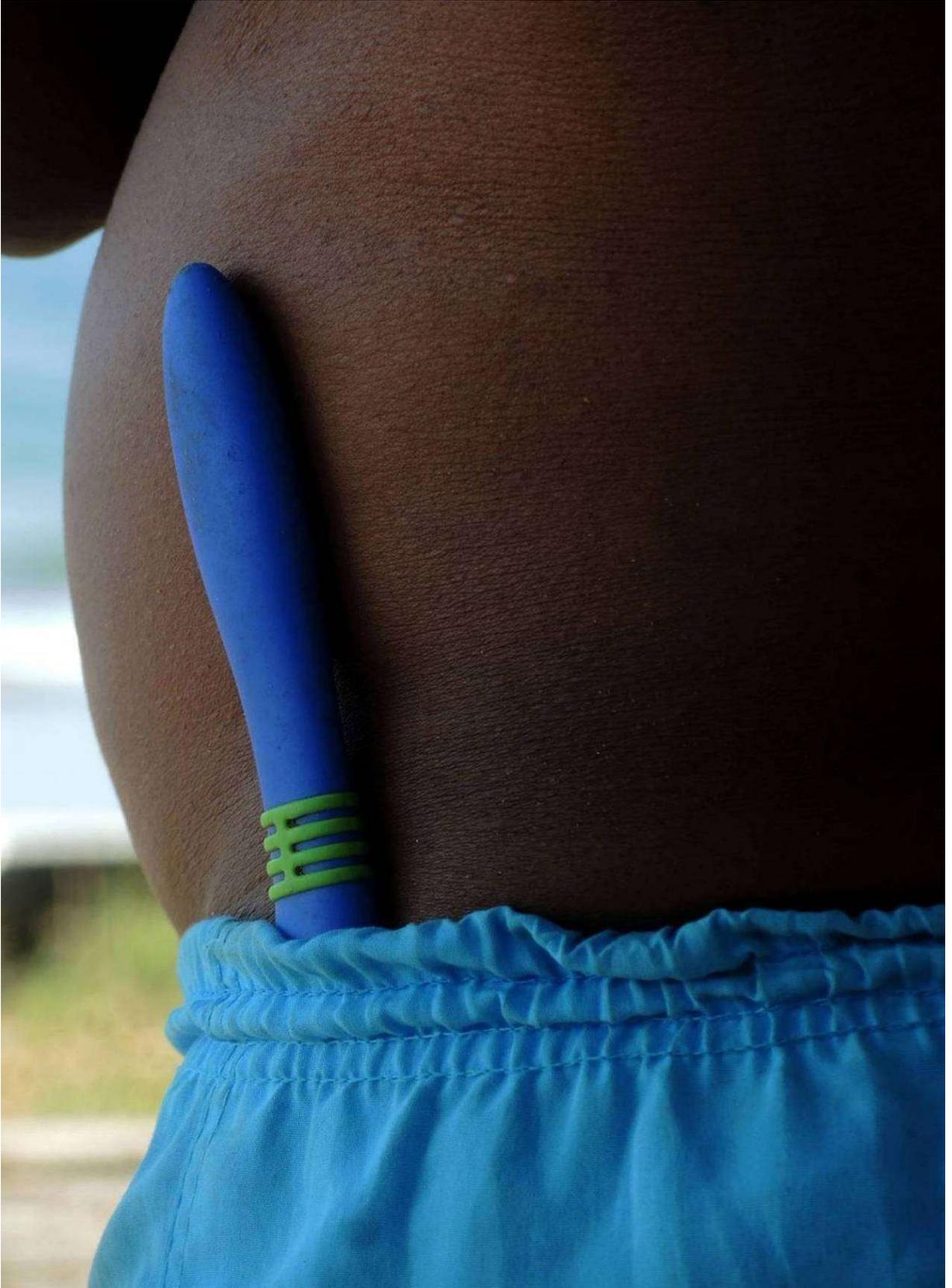


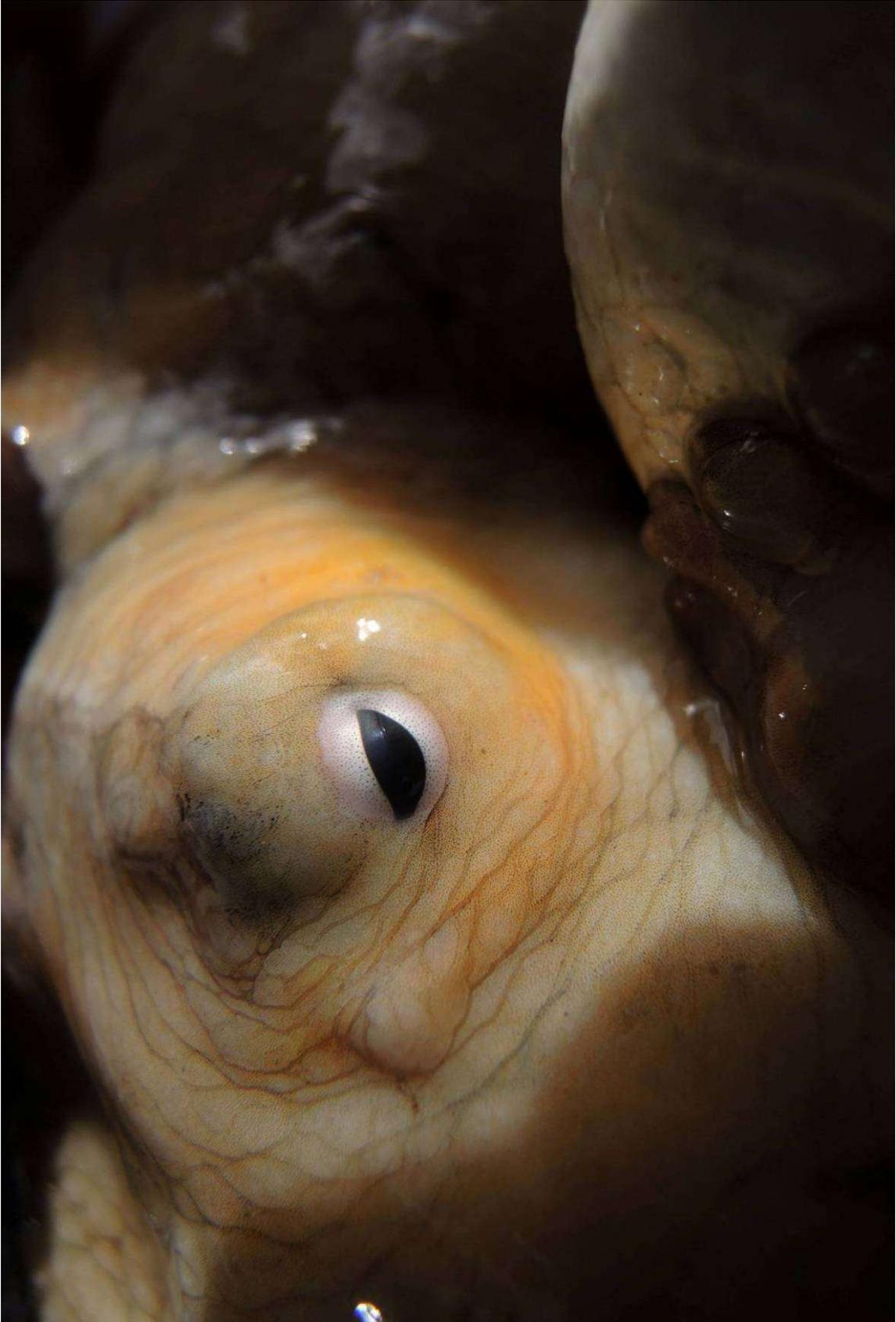
D.HELENA







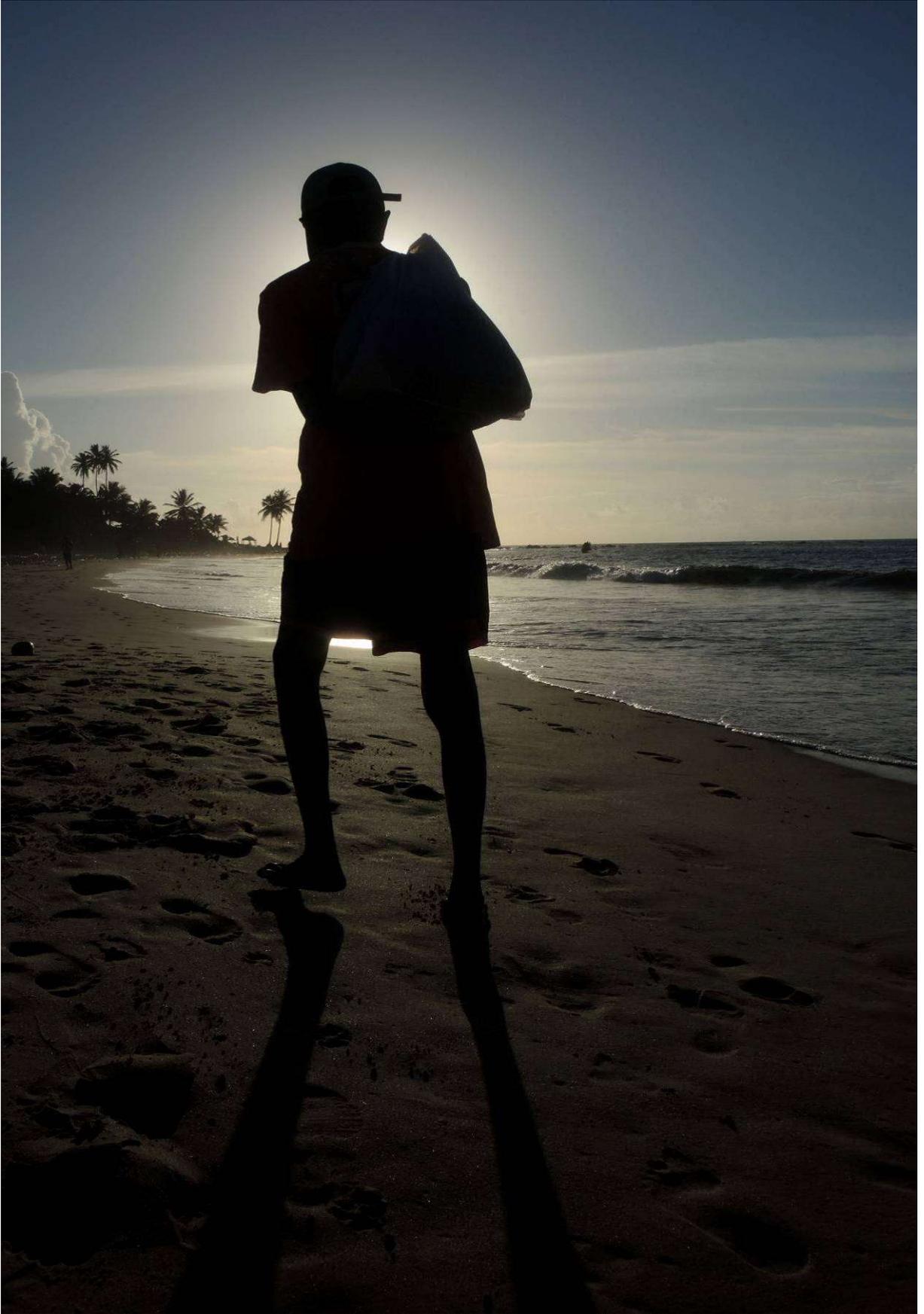












2.1 O mar é uma outra terra.

O oceano imprime-lhes um cunho especial, são propriedades do mar. Nascem de mães pescadoras, partejadas quase sempre por curiosas, vivem nas praias, nunca as abandonam. Aos quatro nadam, aos dez remam e acompanham os parentes às pescarias, e assim passam a existência, familiarizados apenas com as redes e os apetrechos de pesca. João do Rio ²²



Na colônia de pesca de Piatã os pescadores estão sempre a postos para a faina. Faça chuva ou faça sol. A rotina de trabalho começa no meio da madrugada, pouco antes do nascer sol. A primeira tarefa do dia é tomar um café reforçado, que garanta energia durante a imprevisível jornada. Antes de partir rumo ao alojamento de pesca, é preciso conferir se os apetrechos de pesca estão acondicionados na bagagem, para em seguida pegar a estrada, pois já vai longe o tempo em que o pescador morava em frente à praia.

Com o aumento da violência urbana são poucos os pescadores que se arriscam a andar sozinhos na escuridão da noite, de ruas vazias. A estratégia usada é se juntar com outros companheiros em um local próximo de casa, para dali seguirem juntos até a praia. Nesta hora, o

²² João do Rio, 1951. (apud Tassara, 2005)

telefone celular se torna um novo e útil apetrecho da pesca, usado para confirmar os combinados feitos anteriormente. O celular também ajuda a vender o peixe e ser informado sobre cardumes avistados nas proximidades da região de pesca.

A maioria dos pescadores de Piatã mora perto da colônia, no bairro de Itapuã, onde até a década de 1960 só moravam famílias de pescadores. Alguns poucos pescadores residem em bairros mais distantes, mas estes pescadores não costumam participar das primeiras atividades diárias da pesca. Os que moram em Itapuã não dependem de transporte público para chegar à colônia. A distância de suas casas para o alojamento de pesca fica entre três e cinco quilômetros, muito fácil para quem está acostumado a colocar o pé no chão diariamente.



De antemão, o pescador artesanal já imagina o que vai fazer naquele dia, mas só quando chega à praia e avalia as condições do mar e do vento, e confirma quem vai e quem não vai pescar, é que decide o que vai fazer.

Na Colônia de Pesca Z-6, capatazia de Piatã, acontecem vários tipos de pescarias - pesca de arpão, pesca com anzol, espinhéis, pesca de lanço e redes de tresmalho - mas é a puxada de rede, o arrastão, o tipo de pescaria predominante nessa singular colônia de pesca.



A puxada de rede é um fascinante empreendimento coletivo em que participam muitos pescadores executando diferentes tarefas. O arrastão começa com a espia do cardume, tarefa que não é exclusiva de ninguém em Piatã, por isso, a maioria dos pescadores está sempre olhando para o mar, atentos aos sinais da presença do peixe na enseada ou no costeiro de Piatã.

Perceber a presença de um cardume exige muita habilidade. As marcas da presença do peixe são muito sutis, só quem tem olhos treinados consegue diferenciar as borbulhas na superfície da água produzidas pelo movimento dos peixes grandes em perseguição aos peixes pequenos. Quando alguém avista e dá o alarme da presença do cardume, acontece um corre-corre coletivo em direção à canoa que está preparada para o cerco.



A ponta da corda da rede do arrastão é deixada na praia, com um dos puxadores de rede, enquanto a canoa segue em direção ao local onde o cardume foi avistado. Em muitas situações os canoeiros permanecem parados aguardando a confirmação da localização do cardume. Em outras situações, a canoa segue circulando vagarosamente à procura do local exato onde está o cardume. A rede só é lançada no mar quando se tem a certeza que o peixe está na área que vai ser cercada. Só quando se tem essa certeza é que o mestre executa o lançamento da rede, enquanto a canoa contorna o cardume.





À medida que a rede vai sendo lançada, os remadores vão se jogando na água um a um, até que na canoa permaneçam apenas o mestre e o popeiro. Os remadores se tornam mergulhadores com a função de acompanhar a rede de dentro do mar. Quando a rede engancha em alguma pedra, estes descem até o fundo para liberar a rede. Outros mergulhadores vindos da praia se juntam ao grupo. A preocupação é impedir a fuga dos peixes, e para isso a rede precisa ficar esticada formando um semicírculo. Quando termina o lançamento, o mestre conduz a canoa para o centro da rede, onde fica o capitão – uma pequena corda que serve para sinalizar o meio da rede, e assim poder-se visualizar se um lado está mais na frente do que o outro lado. Da praia outro mestre dita o ritmo da puxada, fazendo sinais com os braços, para abrir ou fechar o semicírculo, e ordenar a parada ou continuação da puxada da rede.



Os arrastões que acontecem no início da manhã contam a participação de poucos puxadores. Mas quando o cerco é feito do meio da manhã em diante, banhistas e turistas curiosos se aproximam querendo participar do empreendimento que inspirou o professor Júlio Braga a escrever um artigo sobre a Pesca do Xaréu, no ano de 1968, enaltecendo a puxada de rede e pedindo providências das autoridades governamentais frente ao risco de extinção do que ele classificou como o mais belo cartão postal da Bahia.²³ O arrastão continua sendo um belo espetáculo, mesmo sem a pujança que havia no passado, quando mais de uma centena de homens negros, usando calção de pano e chapéu de palha, entoavam canções, enquanto puxavam uma enorme rede trazendo o cardume de xaréu, peixe graúdo e valente. O cineasta Silvio Robatto

²³ BRAGA, Júlio - Notas sobre a pesca do xaréu: folclore e compromisso religioso. <https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/download/20759/13362>. Acessado em 09/03/2019

registrou em filme, na década de 1950, a pesca do xaréu na praia do Carimbamba, que fica a poucos quilômetros de Piatã.



Na temporada em que o arrastão é mais frequente algumas pessoas costumam ficar na praia aguardando a puxada. Jô e o rasta Bolívar são dois puxadores que garantem sua refeição com o peixe do quinhão. Eles chegam cedo na praia e ficam observando de longe, sem se aproximarem da Colônia. Pinda, César e Bin Laden, Borracha e Pretinha são moradores de Itapuã e presenças constantes na “farra do arrastão”. André vem de um bairro distante e, além de puxar, ajuda a recolher a rede, colocá-la de volta na canoa e carregar as caixas com os peixes até a colônia, onde acontece a partilha. André vende os peixes do seu quinhão para seus vizinhos em Itinga. Muitas vezes ele compra mais peixes de outros pescadores, faz essa transação sempre que está sem trabalho. Sabido e Carlos, são de outro tipo de puxadores, são pescadores aposentados e o arrastão é a única pescaria que ainda participam. Inocêncio era um puxador de rede que merece destaque pela sua intrigante história e porque era o pescador mais velho da colônia. Soube que ele faleceu logo depois que terminei a pesquisa de campo em Piatã.

Inocêncio afirmava cheio de orgulho ser filho de africano, ele gostava de repetir que seu pai era angolano. Na capatazia ninguém confirmava ou duvidava dessa informação. Eu mesmo escutei pelo menos três vezes Inocêncio contar essa história. Fiz algumas contas para checar se

seu pai poderia ter sido trazido de Angola como escravo. Vejamos, se o pai chegou adolescente, por volta dos 15 anos de idade, em 1865, e Inocêncio tenha nascido quando o pai estava com 57 anos, é possível que sim, que o pai dele tenha sido escravo. Essa conjectura é minha, Inocêncio nunca se referiu ao pai dessa forma. Pelo contrário, Inocêncio gostava de contar outra história. Que o pai tinha sido dono de parte do coqueiral de Piatã. E depois deixou para a mãe de Inocêncio, mas a prefeitura invadiu e tomou a área. Imagino que a família tenha possuído o terreno sem escritura, por isso perderam a posse do terreno. Inocêncio vivia do dinheiro da aposentadoria. Quase sempre que estava na praia usava a mesma roupa, um calção, e duas camisas diferentes. Tentei conseguir mais detalhes sobre sua vida, mas sempre que a conversa avançava, sua fala ficava embolada, e Inocêncio tinha uma relação difícil com os outros pescadores, por isso ninguém se interessava em me ajudar a descobrir outros pormenores sobre a história de vida de Inocêncio.

Alguns pescadores chamavam Inocêncio de angolano e outros de cinzento, por causa da cor de suas pernas curtidas pelo sol. A mãe de Inocêncio, segundo soube, veio de Açú da Torre, no litoral Norte, para Itapuã. Ela teve 11 filhos, só dois ainda estão vivos. Inocêncio morava na casa de uma sobrinha, em Nova Brasília, em Itapuã mesmo, mas preferia permanecer na colônia a ficar em casa, por causa de tumulto no bairro, muita gente, crianças fazendo algazarra na rua. Ele sempre chegava cedinho na colônia e só saía o mais tarde possível. Inocêncio, segundo ele mesmo informou, nasceu em 1931, julho, trabalhou de ajudante de pedreiro, fazendo massa, levantando bloco, em vários bairros da cidade, Amaralina, Rio Vermelho, Pituba, etc.

Observei algumas vezes Inocêncio ajudando Chiquinho a entralhar pano de rede. Quando não participava do arrastão, ganhava peixe do mesmo jeito. Na partilha de peixes tem uma parte chamada de quinhão de remo de terra, referente a antigos acordos de famílias. Nesse quinhão o grupo que faz o cerco dá uma parte dos peixes para o dono de outra rede, e recebe em troca, quando a outra família tiver pescado, um quinhão de remo de terra, em retribuição. O pai de Inocêncio teve rede e canoa. Os peixes do quinhão de remo de terra também são destinados aos pescadores que estiverem doentes e aos idosos, que não estão mais na ativa. Sobre a polêmica de que Inocêncio teria mais idade do que lembra, Jaime falou que os antigos moradores de Itapuã não sabiam direito quando nasceram, porque tinham dificuldade para fazer o registro de nascimento. Era o dono de um armazém que levava, de tempos em tempos, os registros de nascimentos até o cartório da cidade.

“Eu sou de Oxum e Oxalá, deixe lá que eu venho buscar. O peixe só vai aparecer quando eu voltar”. (resposta de Inocêncio para um pescador que viu ele se afastar da praia, antes do arrastão acontecer)



Voltando para o arrastão, a chegada da rede na praia é o momento mais tenso e agitado da operação. A rebentação das ondas é um obstáculo a ser vencido. Uma onda mais forte, nos dias de mar grosso, pode botar todo o enorme esforço coletivo a perder.



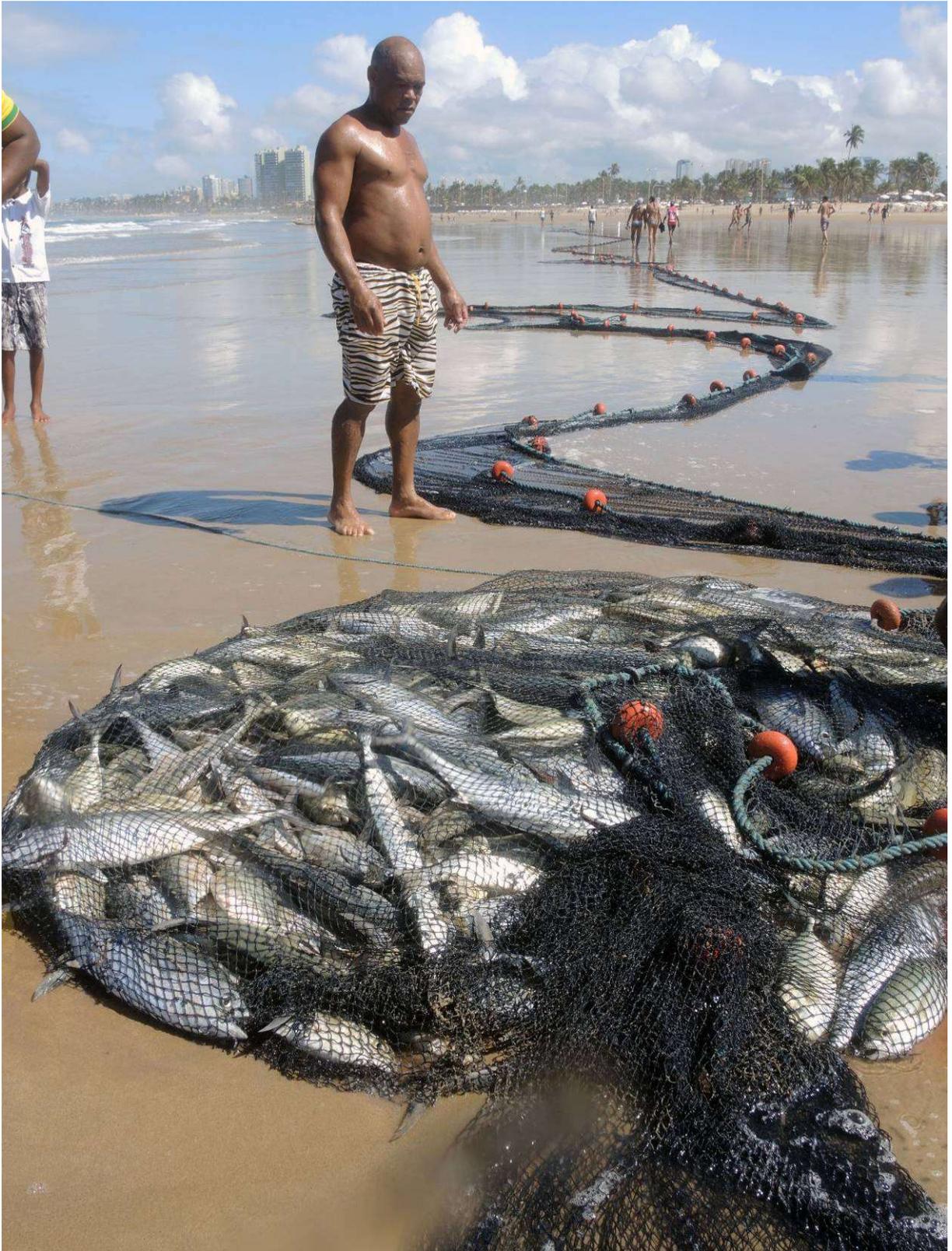


A primeira parte da rede a chegar à areia é o calão, que são varas de madeira presas nas pontas da rede com a finalidade de mantê-la esticada na vertical. Neste momento, para impedir que os peixes fujam por baixo, alguns puxadores se ajoelham dos dois lados da rede e se encarregam de manter a parte de baixo da rede rente ao chão. Na sequência, quando chega ao final da puxada, na parte de malha mais fina - o copi - é dado o comando de copiar a rede, juntar a parte de cima com a de baixo, prendendo os peixes dentro. Os peixes capturados são colocados em caixas, e a rede é imediatamente recolhida e devolvida à canoa, deixando tudo pronto para uma nova investida, que pode acontecer na mesma hora ou só no dia seguinte, a depender da presença de um novo cardume. Cheguei a presenciar três arremates no mesmo dia, e épocas sem arrastão durante uma semana inteira ou mais ainda.



Os peixes mortos no arrastão são levados para a colônia pela areia da praia, somente quando o arrastão é feito numa área muito distante é que os peixes são transportados dentro da canoa.







O arrastão com suas canoas e redes é a atividade que demarca o território pesqueiro da colônia de pesca de Piatã.²⁴ Em um único arrastão consegue-se capturar grandes quantidades de peixes. E também o arrastão envolve todos os pescadores presentes na colônia no momento da puxada da rede.

O arrastão acontece nas praias de Salvador desde o tempo do Brasil colônia, quando negros recém libertos, não inseridos no mercado de trabalho da capital, faziam uso dessa técnica para cercar cardumes de xaréu que se aproximavam da costa. Nessa época, o número de participantes do arrastão era significativamente maior.²⁵ A abundância de peixes era suficiente para o sustento das famílias dos pescadores e ainda gerava um excedente para ser vendido nos mercados da cidade, permitindo dispor de recursos para o preenchimento de outras necessidades.

²⁴ O território é o espaço ao qual um certo grupo garante aos seus membros direitos estáveis de acesso, de uso, e de controle dos recursos e sua disponibilidade no tempo (Castro, 2000)

²⁵ Xaréu é a designação comum a várias espécies de peixes teleosteos, percomofos, migratório, da família dos carangídeos, encontrados no oceano atlântico.





2.2 Mestre Veveco

Quando comecei a pesquisa em Piatã a sede da colônia de pesca era constituída de uma construção de alvenaria, e dois pequenos abrigos de telhado de palha, uma do grupo de mestre **Veveco** e outra do mestre Guio, o mais velho pescador em atividade em Piatã. A permissão para que eu pudesse circular na área da colônia foi negociada com o mestre Veveco, líder da principal equipe de arrastão e o segundo mais velho pescador da colônia na época da pesquisa. Homem de poucas palavras, um brinde feito com vodca Slova, ligeiramente batizada com suco de laranja, selou a aceitação da minha presença entre os pescadores, não de todos ainda, mas entre os que atuam na sua equipe de pesca. Foi um ótimo início.

Veveco, como a grande maioria dos pescadores da colônia de Piatã, é filho de uma das famílias da antiga aldeia de pescadores de Itapuã. Seu pai era jangadeiro e sua mãe professora e marisqueira no manguezal do Rio Jaguaribe. Uma pena que Veveco não seja de falar muito, pois sua biografia é bem representativa da trajetória de muitos dos pescadores mais antigos de Piatã. Assim, tive que recorrer a outras pessoas para conhecer sua história de vida. O método que adotei, não só com Veveco, foi deixar as situações irem acontecerem, sempre atento para anotar e estimular relatos de histórias que surgiam espontaneamente durante as rodas de conversas. As perguntas mais pessoais eram feitas longe dos outros companheiros.

Quem me falou bastante sobre Veveco foi um dos seus irmãos, Jaime, que não é pescador profissional, ou seja, sabe pescar, já que é filho e morador de Itapuã, mas não vive vida de pescador. Jaime contou que Veveco estava com 64 anos, ficou viúvo, mas casou de novo, e a nova esposa estava com 45 anos. A filha mais velha tinha 43. O nome de batismo de Veveco é Everaldino. Começou a pescar com 10 anos. Era um bom nadador, mas os pescadores recebiam levá-lo na canoa. Apenas um arriscava levar para ficar acompanhando o calão. Depois virou remador, ‘daqueles que levantam bastante água’. Nessa mesma conversa, Jaime aproveitou para explicar que a enseada e o costeiro de Piatã são bons para a pesca de arrastão, porque sempre entra algum cardume em qualquer época do ano, e que o vento e a maré determinam e interferem na entrada do peixe na enseada.

Até aqui vemos na biografia de Veveco a mesma trajetória dos jovens de comunidades tradicionais da pesca. Mas por volta da década de 1960, Salvador começou a estender suas raízes para o lado de Itapuã, seduzindo os mais jovens com oportunidades de trabalho consideradas, a princípio, mais vantajosas que a incerteza na pesca. Assim, Veveco teve vários trabalhos subalternos, pois nunca se dedicou de verdade a estudar o que os bons empregos da cidade

exigem. Nos finais de semana a pesca sempre ajudou a completar sua renda. Nos dias atuais, com a idade já avançada, não consegue mais emprego e nem tem mais interesse de abandonar a rotina da pesca. Sua expectativa atual é completar 65 anos, para poder se aposentar como pescador profissional e passar a ter uma renda certa.

Todos os dias, invariavelmente, Veveco está na praia, junto com seu irmão Bau, espiando o peixe, entalhando pano de rede e bebendo sua dose de Slova, com um pouquinho de suco de laranja. No arrastão sua função é comandar a pescaria da praia. Quando não é época do arrastão, assume um dos remos da canoa que sai para botar rede de tresmalho ou cercar agulhinha. Raramente Veveco pesca de linha. Na vez que eu o vi sair no barco de Pedrinho, para pescar o peixe da Semana Santa, voltou com um xaréu de 11 quilos.

Dinho (João Durinho) ficou todo orgulhoso do feito do pai. “Foi meu pai que pescou”. Vários pescadores pediram para tirar foto segurando o peixe. Pedrinho, o dono do barco, contou que deu muito trabalho pegar o peixe, porque o xaréu corta a linha. Mas Bau disse que eles estavam usando nylon 80, forte o suficiente para suportar peixe de até 30 quilos. “Tem que trabalhar o peixe até ele cansar. Levou uns 20 minutos pro peixe cansar e puxar pra dentro do barco com a fisga”. Veveco usou como isca um cabeçudinho vivo. Bau falou que a isca viva é irresistível para o xaréu. Pedrinho vendeu o peixe por telefone, por 14 reais o quilo. Dinho recebeu cinco reais para limpar o peixe. Nesses casos, a divisão da venda do peixe é feita da seguinte forma: o dono do barco fica com uma parte do dinheiro e o restante é dividido pela tripulação. Como Pedrinho era dono e também tripulante, ganhou o dobro que Veveco e Bau. O xaréu foi fígado perto do Farol de Itapuã, num lugar onde passa peixe de carreira, peixe que não tem morada, não se esconde nas pedras.

Uma vez dei um jeito de dar carona a Veveco, até sua casa e acabei descobrindo sua outra paixão, os netos, filhos de sua filha, que passam o dia na sua casa para mãe poder trabalhar fora.





Veveco sempre vai direto para casa depois da pescaria. Ele tem por hábito tirar um cochilo após o almoço, e acordar pouco depois, para fazer algumas tarefas caseiras e assistir TV. À noite, dorme por volta das seis ou 7 horas, tornando a levantar as 11, para tomar o remédio da pressão. Volta a dormir até por volta de 2 horas da madrugada, quando começa a se preparar para a rotina

da pescaria do novo dia. Faz café, toma mingau de aveia e espera Mourinho passar por volta das quatro e meia para reunir o grupo que segue junto para a praia. O caminho para a praia inclui contornar a duna onde fica a colônia para evitar surpresas com ladrões escondidos no coqueiral.









Veveco, Bau, e Durinho juntam as latinhas das bebidas consumidas pelos próprios pescadores e as deixadas por banhistas nas imediações do alojamento. Quando alcançam boa quantidade de latinhas, ensacam e levam para vender no posto de coleta de reciclagem de materiais de Itapuã.







A liderança de Veveco, conforme explicou Jaime é legitimada pela experiência e firmeza no comando da equipe, e também por ele supervisionar os equipamentos de pesca do espólio do finado Adalberto, ex-servidor da Embasa, empresa do governo estadual, que faleceu pouco antes do começo da pesquisa em Piatã. No seu espólio de pesca, Adalberto deixou três canoas de vinhático, uma rede de calão e uma rede de agulhar. Adalberto era um amante da pesca em Piatã, duas de suas canoas são as únicas que tem nome gravado no costado, a Estrela do Mar e a Olinda.

Veveco, Bau e o sobrinho Mourinho, são os responsáveis pela manutenção e entrega para a família de Adalberto da parte do quinhão referente ao uso desses apetrechos de pesca.

Cruzei com o filho mais velho de Adalberto em duas ocasiões. Demorei um tempo para identificá-lo como dono de tantos apetrechos de pesca, pois sua participação na colônia me pareceu igual a dos demais pescadores. Em nenhum momento Beto agiu como se fosse dono de qualquer coisa ali, deixando a impressão que o legado deixado por seu pai foi uma contribuição para todos os pescadores daquela colônia, já que no arrastão todos conseguem seu quinhão.

Em um dos meus primeiros dias na praia Vevenco me perguntou se eu tinha puxado rede, “puxou rede rapaz? Tem que puxa rede pra participa da folia”. No arrastão do dia seguinte resolvi participar da puxada da rede. Neste dia, quando cheguei à praia, por volta das seis da manhã, vi uma canoa sendo empurrada para dentro d’água. A canoa navegava lentamente, indo e voltando dentro da enseada, até que os tripulantes começaram a remar mais rápido, quando o cardume foi enfim localizado. Um dos remadores pulou na água e levou a ponta da corda até a praia para que pudesse começar a puxada da rede. Depois, esse mesmo remador, voltou para a água e assumiu o lugar de mergulhador. Havia pouca gente na praia nesse horário e por isso não foi nada fácil minha iniciação. As mãos endureceram e o nylon da corda arranhava a palma da mão. A rede me pareceu muito pesada, comentei com o puxador que estava do meu lado e ele me explicou que era o peso do chumbo na parte de baixo, senão a rede sobe e os peixes fogem por baixo. Isso pode ser bom para os puxadores no momento da divisão do quinhão, mas seguramente não é para um pesquisador e noviço nas artes da puxada de rede. Foi um grande esforço, mas fiquei até o final e não fiz corpo mole. ‘Matamos’ 80 peixes, mais ou menos, 50 guaricemas e 30 sororocas. Na sequência, os pescadores arrumaram rapidamente os equipamentos, rede e cordas dentro da canoa e voltaram para a água. Aconteceram mais dois arrastões neste dia, porém, nessas outras vezes, já tinha bastante gente para ajudar na puxada. No final da manhã voltei para casa com duas graúdas guaricemas e duas sororocas, a parte que me coube na partilha do quinhão de puxador de rede. Foi nesse mesmo dia que conheci Jaime, um dos 10 irmãos de Vevenco, filhos do casamento de um pescador com uma professora e marisqueira.



Além dos netos e da segunda esposa, conheci três filhos de Veveco. Certa feita ele me pediu para fotografar o filho caçula na sede do Distrito Naval de Salvador. Fiz o que ele me pediu, o chefe mandou, obedeci. O filho estava servindo na Marinha e no dia da foto estava vestido com farda de gala para receber as autoridades na cerimônia de comemoração da vitória brasileira na Batalha do Riachuelo. Nesse tempo os pescadores ainda me chamavam pelo apelido recebido nos meus primeiros dias na colônia, *fotógrafo*. Nunca me importei com o apelido, mas quando passaram a me chamar pelo meu nome, senti que minha posição na comunidade estava mudando.

O filho mais velho de Veveco só aparece eventualmente em Piatã, sempre com equipamento de mergulho. Se tiver arrastão ele participa, como fazem todos os presentes na colônia na hora do arrastão. Ele trabalha como salva-vida nas praias do município de Camaçari. Coincidência ou não, os três filhos de Veveco têm atividades ligadas ao mar. Um é fuzileiro naval, outro é salva-vida e o terceiro, pescador. O pescador é Dinho, ou Durinho, como muitos o chamam. Este, Dinho, estava com 42 anos e pesca desde os 11, já é quase considerado mestre como o pai e o tio Bau. Está quase sempre na colônia, quase, porque às vezes se excede nas farras, ficando sumido por alguns dias, até curar a ressaca. Uma vez teve que ficar internado no

hospital porque estava ‘variando’. Mas o vi ficar sóbrio por vários meses, sem tocar em álcool e conseguir ganhar alguns quilos.



Na praia Dinho se vira, cata latas, sobe em coqueiros, trabalha de garçom na barraca de Guio e sempre participa dos arrastões. Entralha pano de rede e sai para pescar de barco no mar de fora. Uma vez me confidenciou que gostaria de voltar a trabalhar como peixeiro, de carteira assinada, habilidade para isso não lhe falta.



2.3 Mestre Bau





Na praia todo mundo conhece pelo nome de **Bau**, mas o nome de batismo é Luis Gonzaga, escolhido por Antoninho Casaes, político que veraneava na casa da sua família. Antoninho conseguiu emprego de coveiro para o pai de Bau, no cemitério de Itapuã. Foi Bau quem disse que ‘mestre é aquele que conhece todas as pescarias’. Um mestre pescador tem que ter responsabilidade total com o patrimônio (apetrechos de pesca), conhecimento, experiência, dedicação e saber administrar a equipe. Desembaraço, inteligência e saber dividir o peixe.



Bau é um grande mestre pescador e tem muito orgulhoso disso. Uma vez assisti ele fazer uma manobra incrível na popa da canoa salvando de um eminente alagamento que levaria a canoa a afundar longe da costa, numa saída para arriar rede de tresmalho. Bau é o irmão mais novo de Veveco, domina vários tipos de pescarias - tresmalho, arrastão, cerco de agulhinha, tarrafa, cerco de lanço e pesca de anzol. Uma vez acompanhei uma conversa entre ele, Magal e Euclides, sobre pesca de peixes grandes. Magal acha que o marlim é o peixe mais perigoso porque sua espada pode atravessar o casco do barco. Magal contou que pegou um marlim de 30 quilos, que depois de puxado para dentro do barco com a fiska teve que ser morto a pauladas. Bau não concordou com Magal, o peixe mais perigoso é o cação que fica se batendo e mordendo de um lado pro outro. Euclides contou que pescou de canoa, junto com Zé, um beijupirá de 80 quilos, mas Bau não acreditou, disse que era história de pescador. Os três pescadores

concordaram em duas coisas, que o badejo é o peixe mais inteligente, por causa da forma como ele caça suas presas, e que a arraia jamanta é o peixe que mais cresce.

Num outro dia, presenciei um debate sobre as razões de o peixe ter escapado ao cerco do arrastão. O argumento era que a boia tinha sido jogada em cima de onde o peixe estava comendo e isso tinha afugentado o peixe. O certo seria ter dado uma volta e cercado pelo outro lado. Bau finalizou o debate afirmando que tem que saber cercar, se não o peixe foge mesmo.

No arrastão Bau é o mestre que faz o lançamento da rede na água, tarefa que exige equilíbrio e agilidade. O mestre de rede vai em cima do banco da canoa, lançando a rede à medida que a embarcação vai se deslocando em semicírculo. Olhando da praia parece que a canoa está deslizando no asfalto liso, mas as poucas vezes que embarquei na canoa pude sentir o quanto de equilíbrio é necessário para não cair no mar. Algo semelhante a surfar uma onda em cima de uma prancha.



Bau, assim como Veveco e vários outros pescadores da colônia, teve experiências em atividades fora da pesca e fora de Piatã. Trabalhou em plataforma de exploração de petróleo; na Caraíba e na Tibrás; como ajudante de montagem; conferente na Ebal e no Extra, no Bompreço como repositor; fez tratamento de piso e foi segurança na Itaparica FM. Atualmente, segundo me confidenciou, sua renda chega a 2000 reais num mês, gasta 32 de luz e 42 de água. Boa parte desse dinheiro é consumido em bebida. No dia que ganhou 100 reais, gastou 47 em cerveja. O resto guardou para pagar outras despesas. Quando ganha bom dinheiro com um cerco de muitos peixes, faz compra em grande quantidade no mercado. De vez em quando recebe ajuda financeira dos irmãos e de uma sobrinha, coisa que ele não conta para ninguém. Cansado

do trabalho estressante, pediu as contas no último emprego. Agora todo dia Bau está na colônia espiando o peixe e enquanto o peixe não aparece, aproveita para remendar a rede do arrastão.

Na equipe de Veveco, Bau e Mourinho são os responsáveis pela venda dos peixes para uma clientela do próprio bairro. Eles só repassam o pescado para as peixarias quando a quantidade é muito grande. No ano passado, contou Bau, fizeram um cerco de muitas guaricemas, algumas chegaram a estragar porque o cerco foi muito tarde, quase de noite e as peixarias já estavam fechadas, apenas uma ficou com peixe. Alguns peixes foram salgados, outros congelados, mas alguns estragaram. Isto porque na colônia não tem freezer para guardar o pescado. Todo o peixe é vendido na mesma sequência da pescaria, na praia ou na própria casa dos fregueses.

Bau é o único pescador da colônia que vejo usando protetor solar. Sua enteada o alertou sobre o risco de pegar câncer de pele, e de fato é bem perceptível que a pele de seu rosto está sensível. Bau tem 57 anos. Um pescador tem que ter pelo menos 15 de contribuição e a idade mínima de 65 anos para ter direito ao benefício da aposentadoria do governo federal.

Bau dá valor aos filhos de Itapuã que conseguem obter sucesso fora da pesca, porque são inteligentes e se dedicaram ao estudo na escola. Um exemplo para Bau é Rafael, que agora é gerente nos Correios da Pituba. Aprendi com Bau diferentes receitas para cada tipo de peixe que eu ganhava no quinhão de puxador. Destaque para a receita de moqueca de pititinga com maxixe e ovo, e a melhor de todas, a receita para preparar sardinha em conserva na panela de pressão, com tomate e cebola. No arrastão Bau me ensinou a técnica de passar o braço por trás do corpo, facilitando a puxada da rede. Também foi com Bau que aprendi os nomes das partes da rede do arrastão. Bau se tornou o melhor interlocutor na pesquisa.



2.4 Mestre Guio

- Bom dia! Vai ter peixe hoje?

- Tamo esperando Deus manda.



Guio é o pescador mais velho em atividade na praia de Piatã, privilégio que ele faz questão de repetir sempre. A infância de Guio foi semelhante à de Veveco. Os pais deles, inclusive, foram colegas de profissão, pescadores e coveiros no cemitério municipal de Itapuã. Guio conta que seu pai exigia sempre a presença de um dos filhos na praia quando ele voltasse do mar, para ajudar a suspender a jangada, feita de paus retirados da mata que existia nas redondezas. As jangadas feitas de Tambaipé eram pesadas e duravam mais. As feitas com Pau verdadeiro eram leves e mais fáceis de carregar até o mar. As jangadas desapareceram de Piatã depois que foi proibida a extração da madeira utilizada para construí-las, e foram substituídas pelos barcos de fibra.



A família de Guio morava na beira da praia, na casa da avó materna, em Itapuã. Quando a maré subia além da conta, o mar invadia a cozinha e a sala da casa. No dia em que Guio nasceu sua mãe estava lavando roupa na Lagoa do Abaeté. Quando sentiu as dores do parto correu para casa. A parteira foi uma vizinha da avó. Guio começou a pescar por volta dos oito anos. Depois entrou para a guarnição do Corpo de Bombeiros de Itapuã, como salva-vida. Permaneceu na Polícia Militar até se aposentar como oficial. De sorte que sua presença na pesca não é uma

questão financeira, o que não impede dele ser um dos pescadores mais ativos de Piatã. Muitos nativos da antiga vila de Itapuã que fizeram suas vidas fora da pesca, como Guio, acabaram retornando depois, na aposentadoria.



Guio possui um carro de passeio e uma caminhonete usada para o transporte dos equipamentos de pesca. Além disso, ele é permissionário de uma barraca de praia, para a venda de cerveja, refrigerante, água de coco e lanches, mas que eu tenha visto, só em dois finais de semana ele armou a barraca, cujo garçom foi Dinho, o pescador filho do compadre Veveco. Sua esposa e as filhas dominam a arte da culinária baiana e prestam serviço em festas e duas vezes por semana vendem acarajé e abará no ponto da Cira, famoso local de venda dessas iguarias em Itapuã.

Todo dia Guio está na praia. O tempo de militar é evitado em suas lembranças. Guio deixa claro não gostar de falar sobre este assunto. Um dia fez uma provocação dizendo que o governo estava convocando os bombeiros aposentados para retornar ao trabalho. Para minha surpresa, Guio falou que o retorno era opcional, e que ele preferia não voltar, apesar dos 50 por cento de bônus oferecido para quem aceitasse a proposta. A provocação era infundada, uma brincadeira, não sabia que o governo tinha feito essa proposta. Guio falou que prefere ficar ali na pesca, onde não tem de ficar repetindo sim, senhor. “A pesca é mais gratificante, o chefe somos nós mesmos, não tem negócio de baixar a cabeça. Eu sei onde tem pesqueiro de rabo aberto, vermelho e jaguaraça, a gente não volta sem a moqueca. No tempo de arribação, peixe, cardume, se deslocando no mar”.

Guio compartilha com a ideia de que mestre é quem sabe fazer tudo na pesca e sua preferência, como Bau, é o arrastão. As tarefas são divididas, cada um faz sua parte. No arrastão trabalha menos, às vezes só meia hora, depois divide o peixe e cada um volta pra casa, se quiser. Guio é o mestre que comanda o arrastão da rede de Lequinho e de Adelson. Mais de uma vez me falou que quer comprar uma canoa, só não consegue encontrar quem queira vender. Já conversou com seu tio Argemiro, dono de 11 canoas na Sereia de Itapuã, algumas encostadas em bom estado, sem uso, mas até agora a negociação não avançou.

Na pesca de barco a responsabilidade é toda de dois ou três pescadores. Leva muito tempo no mar para arriar ou resgatar as redes. Depois, mesmo voltando tarde, ainda tem que lavar o motor para tirar a água salgada, e desmalhar o pescado. Tem sempre a preocupação das redes estarem na água. Só chega em casa três ou quatro horas da tarde.

Guio usa boa parte do tempo que passa na praia para atar pano de rede. Se tivesse que pagar para alguém custaria muito caro. As redes se estragam muito. Ele me disse que já teve de reconstruir uma rede inteira, só deu para aproveitar as boias e a chumbada. As lagostas são quem mais estragam as redes.

- Como é que aprende a atar rede?

- Eu aprendi assim, vai vendo outro fazer, vai fazendo e aprendendo.

Guio é o único pescador que tem um abrigo de palha só dele, um dos sinais de que o tempo na corporação militar deixou marcas em sua personalidade. Não que ele seja antissociável, pelo contrário, ele se dá bem com quase todo mundo (quase), à exceção de uma época que tentou expulsar da colônia um pescador turrão que está em Piatã há pouco tempo. Ninguém apoiou a exclusão e segundo me contaram, Guio voltou a emprestar dinheiro a Juscelino para comprar seda de nylon e fazer rede de tresmalho. Dívida que seria paga em forma de pano de rede, no devido tempo.

Os pais de Guio tiveram 12 filhos, seis homens e seis mulheres. Um deles é Beбето, 59 anos, pescador que não entra mais no mar, mas que não deixa de estar na colônia um dia sequer. Beбето ajuda todos pescadores a embarcar e desembarcar equipamentos nos barcos e sempre participa em terra da puxada de rede. Tentei saber a razão dele não entrar mais no mar, mas ele não quis dizer, talvez seja superstição. Ele me disse que costumava pescar de jangadinha desde os 16 anos, “no tempo que esse mar tinha peixe”. Trabalhou de mecânico industrial em várias empresas do Pólo Petroquímico de Camaçari. Só na Tibrás ficou 22 anos. Aposentou-se por tempo de serviço. Outra coisa forte em sua vida é a música. Descobri que ele é um dos poucos que lembra as canções que os pescadores antigos entoavam enquanto puxavam as redes, hábito que não existe mais entre os pescadores. Certa vez levei na colônia uma turma de crianças que estavam estudando sobre o mar, para elas conhecerem de perto o trabalho dos pescadores. As crianças fizeram várias perguntas aos pescadores, no final Beбето ensinou uma das antigas canções da pesca para as crianças. Na volta de ônibus para casa, estimulados pela professora, os meninos repetiram a canção ensinada por Beбето.



2.5 Os novos mestres pescadores.

Beto, Mourinho, Chiquinho e Magal, são representantes da nova geração de mestres pescadores de Piatã. Cada um tem uma trajetória de vida diferente dos demais. Começarei por Chiquinho e Beto, que são filhos de Itapuã.

Chiquinho é o filho do meio de uma grande família. Sua mãe era professora de uma escola de Itapuã. Teve 13 filhos e ainda criou mais dois filhos de parentes. Antigamente eles residiam próximo à praia, mas foram atingidos pela especulação imobiliária que empurrou as famílias dos pescadores para longe do mar. Sobre seu pai, seu Cicílio, afirmam ter sido o melhor pescador daquelas bandas. Chiquinho tem atitudes que o diferencia dos outros pescadores de Piatã, uma delas é não pescar de rede de tresmalho, porque, segundo sua avaliação, esse tipo de rede em algum momento acaba ficando enganchada nas pedras, largando pedaços que agridem o meio ambiente. Os peixes que ficam presos nesses pedaços de rede morrem sem serem aproveitados pelos humanos. Essas sobras de rede fecham as locas onde os peixes gostam de ficar, fazendo com que eles procurem outros lugares.

De fala mansa e bom papo, troquei muitas ideias com Chiquinho. Em nossas conversas sobre a pesca sempre fazíamos parênteses para digressões sobre o mundo da bola, outra paixão deste mestre de rede. Aprendi com Chiquinho que as partidas do campeonato de futebol de praia de Itapuã acontecem nos finais de semana, de quinze em quinze dias, correspondendo com as marés baixas. Ele joga no time dos casados e também na seleção de Itapuã. Para Chiquinho o futebol é tão importante quanto a pesca. Segundo Chiquinho, vários filhos de Itapuã se profissionalizaram no futebol, como ele gostaria de ter feito.

Outra diferença importante de Chiquinho para com os outros pescadores de Piatã é o fato dele não beber, procurando estar sempre em forma nas partidas da liga de futebol. Chiquinho trabalha com uma sobrinha e a mulher num buffet e presta serviços para uma empresa de manutenção de fornos industriais. Uma vez o vi empenhado em vender passagens para uma excursão de escuna pela Baía de Todos os Santos, ele até me ofereceu, informando que na semana seguinte teria outra para Aracaju, capital de Sergipe.



Além de Chiquinho, outros dois filhos de seu Cicílio estão envolvidos na pesca artesanal. Bituca e Tinho. Bituca é presença constante na colônia de Piatã, ajuda a liderar as pescarias com a rede e a canoa da sua família e participa como pode dos arrastões das outras redes. Quando não tem lugar na equipe de remadores, coloca óculos e snorkel e vai de mergulhador. Nunca presenciei Bituca ajudando na manutenção dos apetrechos de pesca da sua família. É sempre Chiquinho quem se preocupa com esses afazeres. O outro irmão pescador de Chiquinho aparece ocasionalmente em Piatã para ajudar a remendar o pano da rede. Tinho é o mais velho dos três irmãos, e o único que vive exclusivamente da atividade da pesca, porém sua base é a colônia do farol de Itapuã, só aparecendo em Piatã para ajudar Chiquinho com a manutenção da rede da família.

Existe uma escala de dia para as redes pescarem na enseada de Piatã. Cada dia é dia de uma rede. Na verdade, são dois dias de pesca para cada rede, sendo um para o lado da enseada e outro para o lado das Alagadas. Tomando a sede da capatazia como referência, um dia a rede pesca para o lado direito – a enseada, e no outro para o lado esquerdo – as Alagadas. Nos dias de pesca da sua rede, Chiquinho não sai da praia antes do final da tarde. Nos outros dias, faz como Bituca, participa do jeito que dá. De mestre, mergulhador ou remador, o importante é participar e garantir o peixe do dia.

A canoa da família de Chiquinho tem 11 metros de comprimento e a madeira está desgastada e retorcida. Pensava que fosse uma herança do pai pescador, mas Chiquinho explicou que foi comprada de Adalberto, que era seu tio, ao preço de 1500 reais. Os reparos na canoa são feitos com cola epóxi araldite e pó de serra.

Sobre o xaréu, esse peixe lendário que todo pescador de Piatã enche a boca para falar, Chiquinho disse que a carne do xaréu não é muito apreciada, até difícil de vender algumas vezes. O que mais atira os pescadores na pesca do xaréu é o fato dele andar em grandes cardumes e fazer alvoroço quando está perseguindo os peixes menores. O bonito e a guaricema são os peixes de rotina em Piatã, já o xaréu é o peixe cobiçado, desejado.





Como a maioria dos outros mestres concentra suas atividades pela parte da manhã, quando tem arrastão pela tarde quase sempre é Chiquinho quem comanda, mesmo não sendo com sua rede ou sua canoa. No dia desse relato sobre a carne do xaréu, nossa conversa foi

interrompida para que pudéssemos ajudar na retirada de um barco da água. Acontece que no momento em que estávamos descendo a duna, ouvimos uma gritaria avisando que tinha peixe na enseada. É bonito ver o peixe comendo. Corremos para tirar o barco da água e em seguida empurrar a canoa de Chiquinho. A tripulação da canoa formada por Beto, Chiquinho, Kalanguinho, Guio, Robert e Juscelino. O início do cerco foi rápido, o peixe estava perto da praia. A puxada começou em seguida, me encarreguei de trazer a boia da rede para a praia, logo apareceram mais pessoas para ajudar, inclusive alguns banhistas. Houve uma agitação diferente nessa puxada. O mar virou ressaca de repente e as ondas ficaram mais fortes, Chiquinho não conseguiu levar sozinho a canoa de volta para o capitão no centro da rede, por causa da força das ondas. No finalzinho do cerco uma preocupação a mais. As fortes ondas passavam por cima da rede, colocando em risco o sucesso do arrastão. Os peixes podiam aproveitar para fugir, foi preciso ficar levantando a rede em meio à força das ondas. Entrei na água para ajudar a levantar a parte de trás da rede. Momento tenso e trabalhoso como nunca havia participado. Tudo por causa da força da maré. Finalmente a rede foi copiada. Pegamos quase duzentos peixes. Foi o melhor cerco que participei, até então. Encheram cinco caixas de peixe, bonito e guaricema e uma arraia pequena que foi devolvida ao mar.

Enquanto um grupo retirava os peixes da rede, outro grupo preparava a canoa para fazer outro cerco, ainda tinha peixe comendo na enseada. Chiquinho remendou a rede ali mesmo na praia. Alguns peixes tinham escapado pelo buraco que ele remendou. Tudo rápido, com pressa, em questão de minutos a canoa estava novamente na água, os remadores agitados para tomar posição atrás do cardume. E o mar mais agitado ainda, por causa da ressaca. Novo cerco, perto da praia. Nesse segundo arrastão vieram uns cem peixes, bonito e guaricema.

O que deu muito trabalho foi levar a canoa de volta para o porto com o mar agitado. Tirei bem uns cem capacetes de água de dentro da canoa. Tivemos que empurrar a canoa pela beira da praia, lentamente. A rede carregada de volta para o porto nas costas dos pescadores. Foi um dia diferente, pela quantidade de peixe pescado, pela agitação de quem participou, pela força das ondas no momento da puxada, por ter de empurrar a canoa até o porto e por ter de levar a rede nas costas. Não tenho foto da canoa sendo empurrada até o porto. Mas valeu a pena. Chiquinho demonstrou cansaço no final do arrastão, disse que o esforço para empurrar a canoa acaba com a coluna da pessoa.



Na vez seguinte que encontrei com Chiquinho, perguntei sobre a venda dos peixes desses arrastões. Ele respondeu que o quinhão dele e dos irmãos é sempre destinado para o consumo da família, que é bem grande, irmãos, irmãs, cunhados, filhos, sobrinhos, netos e assim por diante. Para Chiquinho e Bituca, a pesca é tradição, para honrar pais e avós que os criaram com a pesca. Antigamente as famílias dependiam exclusivamente do que era pescado, tinha época em que a comida era escaldado de pinaúna. Era uma vida de sacrifício na antiga aldeia de Itapuã, disse Chiquinho.

Beto foi o primeiro pescador de Piatã com quem mantive contato, logo no primeiro arrastão que observei. De temperamento falante, de cara foi avisando que era nascido e criado em Itapuã, filho, neto e bisneto de pescadores. “Tem gente que não dá valor ao pescador. O pescador não põe nada no mar e quer cobrar pelo peixe? Precisa ver o trabalho que a gente tem”.



Beto e seus dois irmãos pescadores, Dico e Rafael, são filhos de outro celebrado pescador de Piatã. Mestre Vivô, que também era jangadeiro. Pela manhã comandava a canoa de Zacarias e a tarde trabalhava de porteiro no Colégio Estadual Lomanto Júnior. Vivô era irmão de dona Helena, mãe de Veveco e Bau.

Dico, o irmão mais novo de Beto, está na pesca enquanto não consegue um novo trabalho. No último emprego ficou quatro anos trabalhando em um condomínio no Complexo de Sauípe, no Litoral Norte. Começou na manutenção e depois se tornou vigilante. Aos 46 anos, já trabalhou de estoquista, conferente e expositor. Gostaria de viver e sustentar a família com a pesca, mas não tem dinheiro para investir em equipamentos - rede, barco e motor.



Dico tem dois filhos, um de 23 outro de 10 anos. Mora na Baixa do Dendê, uma das áreas abertas depois da urbanização de Itapuã. Aprendeu a pescar com 14 anos acompanhando o pai. Estudava de tarde e toda manhã estava na Praia. Dico lembra que as ruas do bairro eram de

barro e areia. “Era bom demais. A gente teve infância, tinha roça, frutas. Hoje os meninos não têm espaço e se envolvem com drogas. A pesca piorou muito. Antes a gente se mantinha com a pescaria, tinha dinheiro até para ir a shopping. Tinha dificuldade de vender de tanta lagosta, 200, 300, 500 quilos de lagosta e xixarro do olho grande”. Dico começou a beber com 12 anos, parou há oito e se tornou evangélico ardoroso, frequenta a Igreja de Deus em Cristo. O peixe está pouco por causa da idolatria e da ganância, afirma Dico. Os peixes que aparecem são uma fresta que deus dá passagem, os peixes nunca vão acabar. “Os peixes é Deus quem manda”. Na escola achava que tinha algum problema, não conseguia aprender nada. Repetiu a quarta série seis vezes.



O outro irmão de Beto, Rafael, ao contrário de Dico, era aluno aplicado no Lomanto Júnior, tanto que passou num concurso dos Correios. Sua presença na pescaria é eventual, quando consegue conciliar com o horário de trabalho. Na época que nos conhecemos ele estava trabalhando no turno da noite de 10 as 6 da manhã. Largava do trabalho direto para a praia. A pesca para Rafael é mais do que uma maneira de fazer renda. Filho de pescador, irmão de pescadores, se sente totalmente à vontade naquele ambiente e para completar, sua filha tem um

problema de saúde que melhora com o consumo de peixe. Rafael estranhou quando me viu indo embora sem antes limpar meus peixes. Disse que se agora eu estava sempre na praia como é que não sabia tratar peixe. Ele me arranjou uma faca amolada e foi me ensinando como deveria fazer. Cortar as barbatanas, tirar as escamas e abrir o peixe para tirar as guelras e os órgãos internos. Depois desse dia passei a levar sempre uma faca comigo e já levar para casa os peixes tratados. Rafael tem uma condição de vida diferente dos dois irmãos pescadores. Nos Correios atualmente é chefe de seção e o emprego público lhe garante estabilidade na empresa.

Dos três irmãos pescadores e evangélicos, Beto é o único que apoia a festa que homenageia Iemanjá. Não só apoia como participa ativamente na organização, providenciando o patrocínio para confecção das camisas e a venda das mesmas para a compra de bebidas e os ingredientes da comida. Durante a festa fica no comando do bar, sem cair na farrá. Beto me confidenciou que fazia questão da festa continuar acontecendo, “o povo precisa se divertir”. Essa tarefa de cuidar das bebidas tem precedente na vida de Beto. No carnaval ele arma uma barraca próxima do palco armado no coqueiral de Piatã, onde aconteciam shows de rock e agora de música gospel.

Magal e Mourinho compartilham semelhanças e diferenças em suas trajetórias de vida. Os dois vieram de fora de Itapuã. Mourinho veio ainda criança, adotado pela família de Geraldinho, irmão de Bau e Veveco. Magal já chegou adulto em Piatã. Segundo mestre Guio, Magal chegou escoltado, insinuando em tom de brincadeira, que ele fora expulso da colônia da Boca do Rio, onde, por sinal, ele foi colonizado pescador. Magal começou a pescar de jangada com o pai, na Boca do Rio, aos 12 anos. Depois se mudou para a colônia da Pituba, onde pescava em barcos de motor de popa. No Rio Vermelho pescou em saveiro, chegando a ficar até 15 dias embarcado, compondo equipe de quatro pescadores que se alternavam em três camas. “Pesca brutal de anzol, só peixe grande – badejo, caranha, vermelho de fundo, olho de boi. Peixe de até 100 quilos”.

Magal e Mourinho são os dois mestres pescadores mais ativos de Piatã e nunca trabalharam fora da pesca, conseguindo fazer boa renda, investindo trabalho na pescaria certa de cada época do ano. Magal tem preferência por pesca de rede tresmalho, principalmente as arraieras. Mourinho já prefere o arrastão. Junto com os tios Veveco e Bau, ele ajuda a administrar o espólio de pesca de Adalberto. Como o arrastão não acontece durante todo o ano, é frequente os dois se juntarem para pescar no mar de fora. Só que nenhum dos dois possui barco. Magal tinha a sua disposição o barco de Gilson, um empresário da área, dono de uma

pousada e um quiosque. Quando o motor do barco de Gilson quebrou, eles começaram a pescar no barco de Aneilton, que é bombeiro civil, filho, neto e bisneto de pescador de Itapuã e que pesca para completar sua renda. Se bem que uma vez Aneilton me disse que sua renda na pesca é maior do que na função de bombeiro. Juntos os três jovens pescadores chegaram a botar até 10 redes num dia só. As redes são arriadas no fundo a uns 30 metros de profundidade. Na hora de recolher tiveram que fazer duas viagens, pegaram quase 100 quilos de lagosta, 40 na primeira viagem e 60 na segunda. Passaram o dia todo no mar. Nessa estação as lagostas estavam subindo do sul.











A renda da pescaria, em qualquer situação, sempre é dividida deixando um percentual para o dono do barco. Ninguém é empregado de ninguém. Os pescadores entendem que o apetrecho da pesca é uma forma de investir o lucro do trabalho realizado. Essa lógica funciona pra tudo na pesca em Piatã. Nas embarcações e nas redes. Tudo que um pescador ganha vem da pesca. O nylon para as redes que eles mesmos confeccionam é comprado com dinheiro

conseguido na própria pesca. E o trabalho de fazer as redes também é recompensado com o lucro da venda dos peixes. Na partilha do quinhão dos peixes, a parte destinada para o dono da rede ou da canoa é referente a trabalho realizado antes da pescaria. E a parte dos pescadores é a recompensa do trabalho realizado naquela pescaria.

Magal foi o pescador que se dispõe a testar comigo meu barco no mar de fora. No primeiro dia que saímos eu pretendia apenas conhecer os caminhos de saída e entrada da enseada por entre as pedras. Mas Magal, como um bom pescador, já nesse dia levou seu equipamento de pesca e sentado no banco da frente da embarcação, jogou no mar duas linhas com isca artificial para a pesca de sororoca. Navegamos boa parte da manhã. No caminho vimos um bando de golfinhos passar por baixo do barco. Magal pediu para seguirmos discretamente um barco com pescadores do Farol de Itapuã, que passou pela gente, para descobrir onde ficava o pesqueiro deles. Magal usou o método da triangulação, com marcos avistados na praia, para depois poder voltar ao pesqueiro que ele sabia ser muito produtivo. Pegamos, quer dizer, Magal pegou três sororocas, me deu duas e ficou com uma.



2.6 As redes do suor



A atividade de atar ou **entralhar rede** faz parte da rotina dos pescadores em Piatã. Raro é o dia que se chega à colônia e não se veja ao menos um pescador em algum canto da praia, entre as canoas ou coqueiros, em pé ou sentado, atando pano de rede, contribuindo para deixar a praia de Piatã com mais cara de reduto da pesca artesanal.



Entralhar pano de rede é uma forma de investir tempo e dinheiro em um bem que pode servir para uso ou para troca. Os únicos pescadores que nunca vi atando rede em Piatã foram Bituca e Magal, que preferem comprar na mão dos companheiros. Dinho me contou que uma vez roubaram uma rede que ele estava consertando para um cliente, e em pagamento teve que dar uma de suas redes de tresmalho.

As redes de tresmalhos são usadas para a captura de peixes, arraiais e lagostas, e medem de 100 a 500 metros de comprimento. O capital disponível para a compra do nylon, boias e chumbo, é quem determina o tamanho da rede. A confecção de uma rede pode demorar alguns anos.

As valiosas redes do arrastão não foram originalmente feitas em Piatã. Todas as redes usadas no arrastão de Piatã são antigas, do tempo da fartura de peixe, quando compensava investir alto, sabendo que o retorno seria rápido e garantido.







Na época da fartura de peixe, havia um ritual para a venda do xixarro, as canoas lotadas de peixe eram empurradas até o centro da praça, e o aviso para os fregueses se chegarem para comprar o pescado, era o sopro de um búzio, na antiga Itapuã.

As redes de tresmalho e do arrastão precisam de constantes reparos, pois elas sempre se prendem nas pedras do fundo do mar. No agito do arrastão não tem como livrar a rede com cuidado, o cerco ao cardume vale mais que os buracos na rede. A arquitetura da rede do arrastão é bem mais complexa que as redes de tresmalho. A rede de tresmalho tem uma mesma bitola em toda sua extensão. Na rede do arrastão são quatro bitolas diferentes – copi, manga, mangueira e encontro. O copi é o meio da rede, de malha mais apertada. Do meio para as pontas, as bitolas vão aumentando de tamanho para permitir que os peixes pequenos consigam sair do cerco. Os fios da rede também vão engrossando, no sentido inverso, das pontas para o meio.



Periodicamente as redes do arrastão passam por um processo de tingimento numa infusão extraída da casca de Murici. A infusão leva uns quinze dias para ficar pronta. O líquido da infusão é colocado dentro de uma canoa. Vai passando a rede por dentro da infusão até os fios ficarem amarronzados. Esse tom escuro dificulta que o peixe enxergue a rede e ache caminho para fugir. Depois a rede é colocada para secar no sol, em cima das canoas. O tingimento também ajuda muito na conservação das redes, por isso as redes são tingidas pelo menos uma vez por ano. Chiquinho costuma tingir a rede de sua família de seis em seis meses, embora esteja cada vez mais difícil de conseguir as cascas de Murici, por conta de mais uma proibição do IBAMA.





Além das nove redes do arrastão que estão em condições de uso, ainda existem mais duas que estão fora de combate, mas os proprietários preservam seu direito ao dia da rede, no rodízio da colônia. A demarcação do território de pesca exclusivo da colônia, pelo lado direito, é um coqueiro ao lado do posto do Salvamar. Ultrapassando esse coqueiro, começa o costeiro,

território livre para pescar qualquer dia, até mesmo para quem é de fora da colônia. Registre-se, que em Itapuã existem mais duas colônias de pesca, a da Sereia de Itapuã e a do canal do Farol. Quando acontece de uma rede pescar na enseada no dia que não é o seu, tem a obrigação de repassar metade dos peixes para o dono da rede daquele dia. No lado esquerdo, a delimitação é feita pela formação das pedras, na região conhecida como Alagadas. Estes são os donos de rede na colônia de Piatã: Raminho, Chiquinho, Asteria, Lequinho, Veveco e Bau, Doutor, João Durinho, Adelson e Adalberto



A divisão do quinhão dos peixes do arrastão obedece a uma regra legitimada pelos pescadores de Piatã. No papel, ou melhor, na concepção, a partilha é fácil de entender; 40, 20, 20, 10 e 10, por cento. 40 por cento dos peixes ficam com o dono da rede, canoa e mestre. 20 com os remadores, outros 20 vão para a “percentagem”, 10 para os caidores n’água e os últimos 10 por cento, são divididos entre os pobres puxadores, como eu. Dito dessa forma parece fácil fazer a divisão, mas tem que se levar em conta os diferentes tamanhos, peso e valor comercial dos peixes mortos no arrastão. Por isso, só quem tem experiência consegue fazer uma partilha justa e rápida, ali na areia da praia, em que todos fiquem satisfeitos com seu quinhão de peixe.

Os 20 por cento da percentagem, são os peixes de ajuste, do quinhão de remo de terra, daqueles que não estavam na hora do arrastão, mas recebem por serem frequentes em outros arrastões, ou para pescador adoentado e para cumprir acordo de mútua solidariedade entre donos de rede.

São poucos os pescadores que têm autoridade para fazer a partilha do quinhão. Veveco. Guio, Chiquinho, Magal e Mourinho são os únicos que vi repartindo os peixes. Beto também fazia a partilha dos peixes até o dia que aconteceu um problema entre ele e outro pescador, que o acusou de vacilar na contagem dos peixes. Marreta não ficou satisfeito com a quantidade de peixes recebido e foi para cima de Beto, precisando da intervenção de outros pescadores para apaziguar a discussão. Depois desse dia Beto perdeu o cargo de mestre da rede de Adelson, sendo substituído por Guio, que passou a comandar duas redes do arrastão, a de Adelson e a de Lequinho.





A maioria dos pescadores já tem seus fregueses habituais. Quando a pescaria rende boa quantidade, os peixes são repassados para as peixarias do próprio bairro. No arrastão os peixes mais frequentes são a guaricema, o bonito (parente do atum) e a sororoca. Na mão dos pescadores o quilo do bonito e da guaricema custava 15 reais, e a sororoca 20. Nas peixarias esse preço é acrescido de cinco e 7 reais, respectivamente.

De setembro a dezembro aparecem cardumes de agulhinhas e no verão xixarro, garapau e budião e os cada vez mais raros cardumes do lendário xaréu. O cerco ao budião é diferente dos outros cardumes, é o arrastão de lanç. Neste tipo de cerco, a canoa sai da enseada em busca do cardume que costuma se concentrar na região conhecida como Tabuleiro, distante uns três quilômetros de Piatã. Já o xaréu é lendário porque todo pescador de Itapuã tem uma história para contar sobre o xaréu. Peixe valente que remexe bastante a água quando está comendo perto da costa. No primeiro verão que passei na colônia, os pescadores ficaram vários dias inteiros de prontidão para tentar cercar o xaréu. A questão não é somente financeira. Vale muito mais a façanha. No ano anterior o xaréu apareceu em tão grande quantidade que virou notícia de jornal. No primeiro ano da pesquisa ele voltou, cheguei a ver o peixe comendo, aliás, essa foi a primeira vez que consegui perceber com meus olhos inexperientes, os sinais da presença de um cardume.

Neste dia os pescadores ficaram até de noite espiando o mar. Chegaram até a jogar rede, mas o cardume do xaréu, peixe que além de valente é esperto, escapou ao cerco.



Os barcos que saem para o mar de fora voltam com arraias, cabeçudos, vermelhos, bagres, cação, lagostas e uma variedade de outras espécies de peixes. Os polvos que possuem bom valor de mercado, sendo vendidos na média por 30 reais o quilo, são fígados na pesca de mergulho. A variedade de peixes é uma característica do mar nessa região, mas a quantidade de peixe nunca foi grande o suficiente para justificar o investimento na pesca em escala industrial. Atualmente a produção de pescado das três colônias existente no bairro não é suficiente para abastecer a população de Itapuã, forçando a importarem peixes de outros lugares para atender a demanda.



2.7 Humanos e não humanos.

Não humanos contribuem não só para seu próprio crescimento e desenvolvimento, mas também para o crescimento e desenvolvimento dos seres humanos. Segue que a vida social humana não é dividida em um plano separado do resto da natureza, mas faz parte do que está acontecendo em todo mundo orgânico. É o processo no qual os seres vivos de todos os tipos, naquilo que fazem, constituem as condições de existência uns dos outros, tanto para si próprios quanto para as gerações subsequentes (Ingold, 2015: 32-33).



Pequeno em tamanho, mas grande em importância, a pititinga, ou manjuba é o peixe que dá início à cadeia da pesca no mar de Piatã. A espia do peixe no arrastão começa pela procura da “manta de manjuba”. No dia em que o mar está manso é fácil de enxergar essa manta. O trecho de água onde está o cardume fica ligeiramente escuro. Os peixes predadores se aproximam da costa para se alimentar desse pequeno peixe. Os pescadores de anzol e linha, que saem para o mar de fora, também dependem da pititinga como isca para os peixes maiores.



Alguns meses depois que comecei a frequentar a colônia de Piatã conheci Marielson, pescador que se dedica à pesca da pititinga. Marielson costuma percorrer todas as praias da costa Atlântica de Salvador, de farol a farol, em busca dos cardumes de pititinga. A rede usada

para a pesca desse importante peixinho é a tarrafa de malho fino, que de tão fino parece um filó, desses usados em mosquiteiros domiciliares. Cruzei com Marielson em duas ocasiões tarrafeando em Piatã. A primeira vez foi num dia chuvoso. Marielson entrou no mar várias vezes, avançando até ficar somente com a cabeça fora d'água. Depois do lançamento, ele mergulhava para ajudar a fechar a tarrafa, e em seguida retornava para areia com a rede cheia de pititingas, o suficiente para encher mais de dois baldes a cada vez. Nesse dia, vi Marielson entregando uma boa quantidade de pititinga para Veveco tratar e vender. Marielson também me ofereceu, disse que eu poderia pegar quantas quisesse, mas pensei no trabalho de tratar os peixinhos e lembrei que era dia de folga da cozinheira. Preferi comprar um quilo de pititinga já tratada, que acabou sendo dois na mão de Bau, por 10 reais, foram vários dias almoçando pititinga frita e de moqueca, com maxixe e ovo, seguindo a receita que Bau ensinou. Marielson vendeu 90 reais de pititinga. Vestiu bermuda e camisa e foi-se embora, não tinha mais compradores, acabou o trabalho do dia. Perguntei sobre um homem que levou um balde cheio, Marielson explicou que ele comprava as pititingas para usar de engodo para os peixes grandes, joga no mar para atrair os peixes para o local onde eles estão pescando, quando terminam de comer as pititingas lançadas, os peixes comem a isca com anzol.

Na outra ocasião apareceram dois barcos no costeiro de Piatã vindos do lado do farol de Itapuã. Marielson estava em um dos barcos. Foi dessa vez que pude confirmar toda sua habilidade com a tarrafa. Inicialmente ele fez uns lançamentos de fora do barco, mas depois passou a lançar de dentro mesmo, acompanhando com o corpo o sobrevoos e a descida da tarrafa. Os pescadores do outro barco só queriam algumas manjubas para servir de isca, pegaram algumas na mão de Marielson e foram embora. Marielson permaneceu por mais tempo. Perguntei ao dono do barco como eles sabiam que a pititinga estava por ali. *“Um avisa aos outros onde está a isca, liga pra avisar”*. Marielson é um dos pescadores mais conhecido de Itapuã e adjacências, justamente por causa dessa sua especialidade na pesca da manjuba. Volta e meia tem pescador ou comprador procurando saber onde ele está tarrafeando.

Seguidamente, quando demora de aparecer cardume na área, o grupo de pescadores do alojamento de Veveco e Bau passa as manhãs tratando pititinga para garantir algum rendimento nesses dias de escassez de peixes. A limpeza da pititinga consiste em torcer a cabeça de uma forma que ao arrancá-la venha junto o bucho do peixinho. O preparo mais comum da pititinga é fritá-la no óleo para ser consumida como tira-gosto nas mesas dos bares de Itapuã.





Linguado, barbeiro ou jabu, pinaúna, cabeçudo, xaréu, cação, peixe-gato, peixe-pedra, pampo, tainha, aracanguira, moréia ou caramuru, polvo, agulhinha, agulhão, cachimbau ou trombeta, guaricema, bonito, sardinha ou massambe, xixarro, manjuba, budião, pinaúna, vermelho (ariacó, dentão, rabo aberto) lagosta (sapateira, chan, verdadeira e capivara), arraia, cação, jaguaraça, garapau, ubaranas, carapicu, peixe galo, perna de moça, sororoca ou cavala, badejo, olho de boi, araçapeba, pirambu, aratubaia, piranema, saramurete, bicuda, caranha, beijupirá.















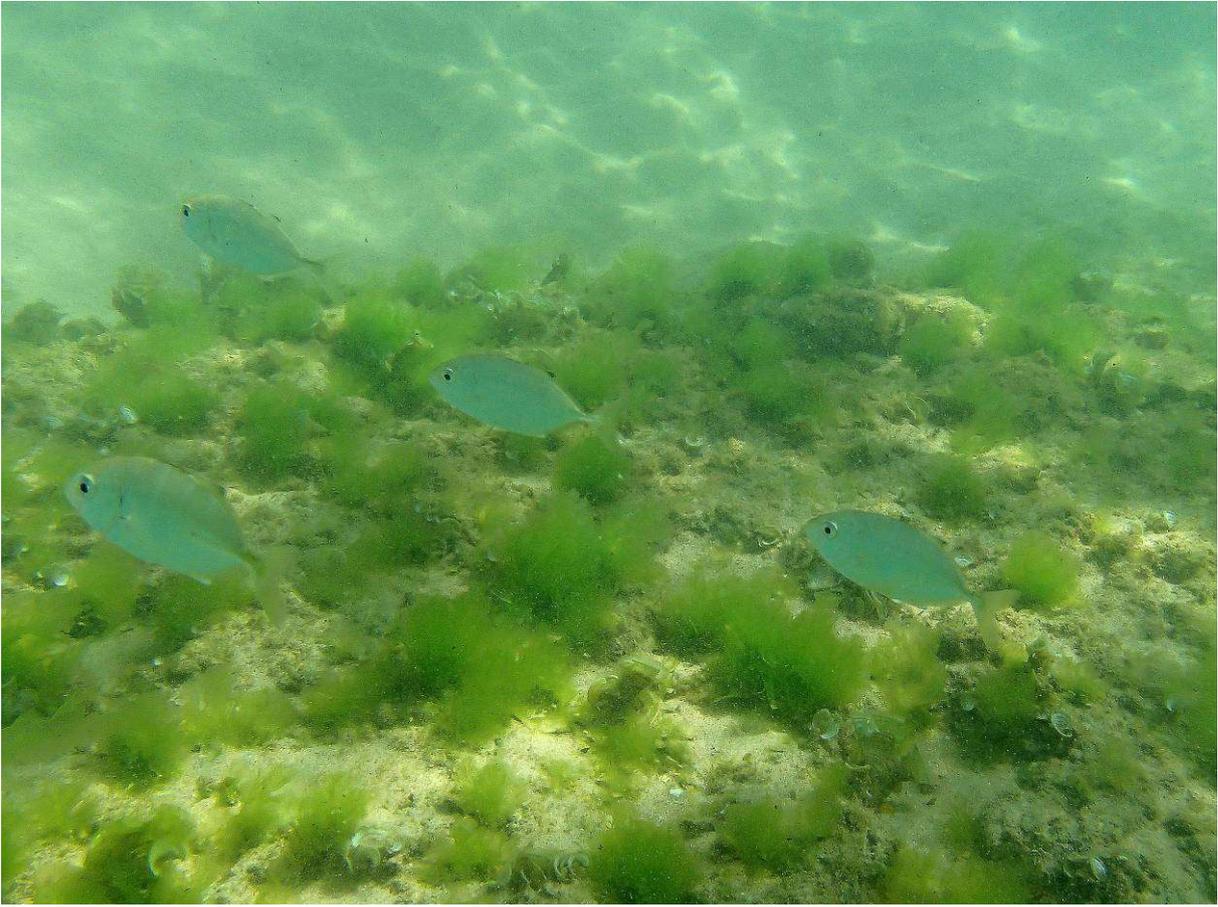
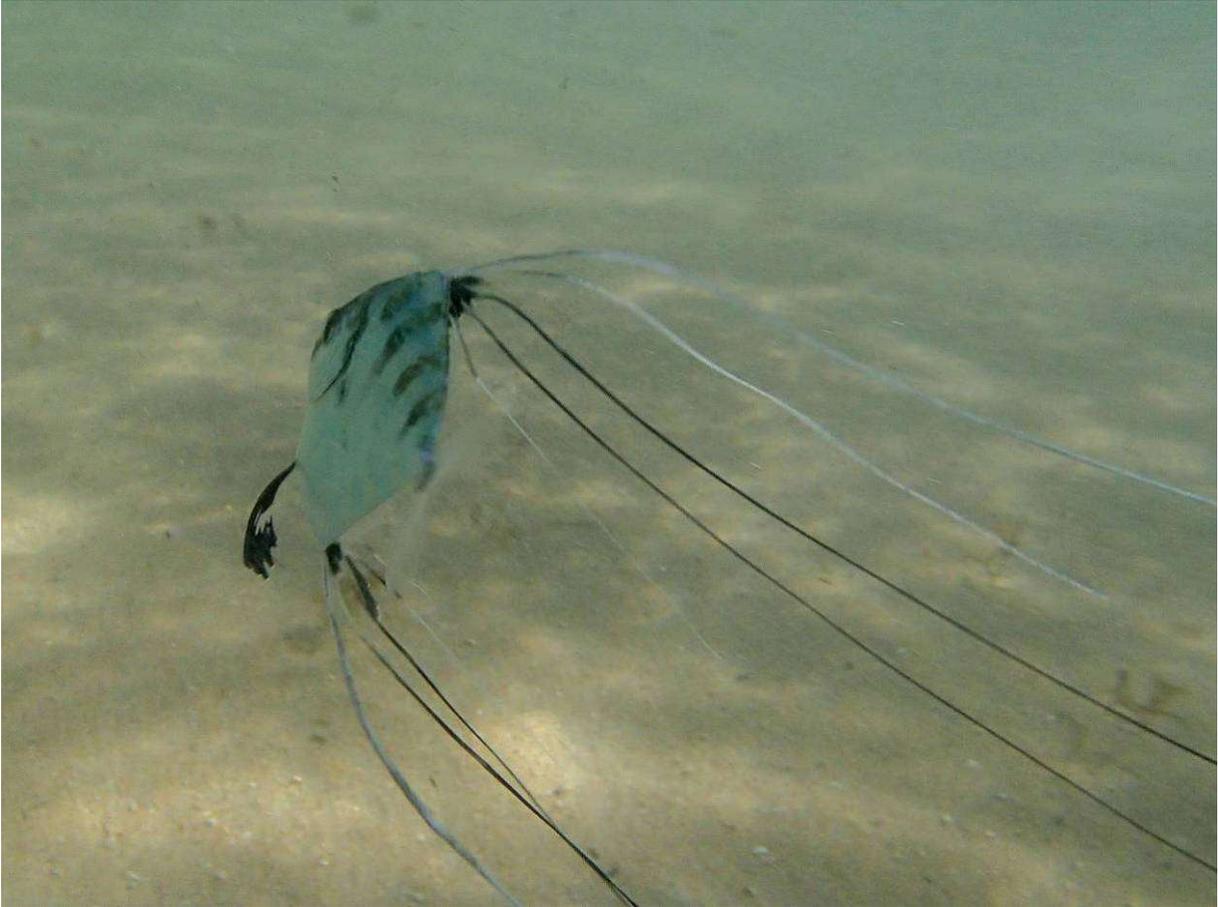














A costa de Salvador nunca teve quantidade suficiente de peixe que justificasse exploração em escala industrial, mas a diversidade de sua fauna é um aspecto a se destacar. São inúmeras as espécies marinhas que habitam a região. A sororoca, muitas vezes se mistura aos cardumes

de bonito e guaricema, mas também pode ser pescada com linha de arrasto, usando isca artificial. Na pesca no mar de fora, feita com linha e anzol, as diversas espécies de vermelho são os peixes mais valorizados.

- Esse peixe é pra boca do branco (Miola).
- Se não vender o peixe, eu como (Robert).











Um não humano e também não peixe que sempre comparece no arrastão é Pivete, o cachorro pescador de Piatã.



2.8 Barcos, canoas e a capatazia.



Quando iniciei a observação em Piatã, os barcos de fibra e as canoas do arrastão ficavam encalhados lado a lado, ao pé da pequena duna de areia, em frente à sede da colônia de pescadores. Mais tarde a Prefeitura interveio na área derrubando a sede de alvenaria e construindo uma nova, uns 500 metros adiante, na direção de Itapuã. A sede da colônia derrubada pela prefeitura era, seguindo a avaliação de Marc Augé (1994), um lugar histórico, relacional e identitário. A ação da prefeitura visando a requalificação da orla soteropolitana seguiu a tendência da super-modernidade: “incentivo ao consumo e ao lazer ativo, ‘cenarização’ do espaço livre público, fragmentação em subespaços funcionais, uso de formas ‘exóticas’ e de cores vivas. São, como diria o professor Sílvio Macedo, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (USP), *parques embrulhados para presentes*” (Serpa, 2003: 127).

A negociação para a escolha do novo local e a aprovação do projeto da nova sede aconteceu com a participação de apenas dois pescadores, proprietários de barcos de fibra. Os pescadores canoeiros sabiam que não havia possibilidade deles se mudarem do único lugar onde é possível realizar as operações que se sucedem no arrastão, a espia do peixe, o embarque e o

desembarque das canoas. Talvez esse tenha sido o motivo de nenhum canoeiro se interessar em participar das reuniões. O certo é que toda a negociação foi feita com a participação unicamente destes dois pescadores mencionados acima, mesmo estes não sendo legitimados como porta vozes da comunidade de pescadores de Piatã. No projeto da Prefeitura de Salvador constava que os canoeiros seriam contemplados com um mirante no alto da duna. A nova sede foi inaugurada com festa pelo prefeito municipal, mas o mirante prometido aos canoeiros não saiu do papel. Os barcos de fibra foram deslocados para a nova sede, mas as canoas e a quase totalidade dos pescadores permaneceram no antigo local, mesmo sem a devida proteção para seus apetrechos de pesca.



Nas instalações da nova sede cada dono de barco ganhou um espaço privativo para guardar motor e outros apetrechos. Porém, a nova localização não agradou nem mesmo aos donos dos barcos. As operações de embarque e desembarque ficaram mais difíceis, principalmente em dias de mar revolto. O melhor local para estas operações, não por acaso, é o porto natural de Piatã, onde permaneceram as canoas e os canoeiros. Logo nas primeiras semanas de uso do local de atracação em frente a nova sede, o barco de Pedrinho virou na beira

da praia, durante o desembarque, o motor ficou encharcado de água salgada e precisou ser levado para reparo na assistência técnica.

Os barcos usados em Piatã não ultrapassam 15 pés de comprimento, suficiente para apenas três tripulantes mais as redes, em cada viagem. Os barcos são de fibra, apenas um é de alumínio. Nas pescarias com barcos motorizados pode-se deslocar facilmente para vários pesqueiros, sem ficar na dependência do cardume entrar na enseada, como acontece na pesca do arrastão. Por outro lado, na pesca feita com barco de fibra é precisa ter algum capital inicial para investir na aquisição do barco e compra de um motor de no mínimo 8 Hps de potência, capaz de impulsionar a embarcação com certa rapidez. Entra na conta da pesca com barcos motorizados, o gasto com o combustível. Os barcos de fibra são utilizados para arriar redes de espera, para lagosta e arraias e para a pesca com anzol e espinheis, de uma grande variedade de espécies de peixes.

O episódio da mudança da sede é bastante representativo de como canoieiros e barqueiros reagem ao que vem de fora, ao mesmo tempo em que revela mais do que estilos ou técnicas de pesca diferentes. A pesca feita em embarcações motorizadas é dependente de muitos insumos produzidos fora da colônia. Os pescadores que são donos de barcos motorizados agem de acordo com suas histórias de vida diferente dos canoieiros. A situação financeira destes, conquistada em outras atividades, permite que a pesca seja um complemento de renda ou uma distração. A presença desses proprietários de pequenos barcos motorizados em Piatã acaba que é benéfica para outros pescadores, porque cria a oportunidade deles pescarem nesses barcos.

Como bem definiu Guio, ninguém volta pra casa sem a moqueca do dia em Piatã. Vários pescadores canoieiros saem para pescar nos barcos, convocados pelos proprietários destas embarcações. Os canoieiros entram com a sua força de trabalho, enquanto o dono do barco entra com o meio de produção.





Por sua vez, a canoa de vinhático encarna o sentimento de liberdade característico do pescador artesanal. Espírito que, segundo Ramalho (2006), tem raízes históricas fincadas desde o tempo da escravidão nos canaviais, e é resultado da criatividade do pescador e da sua resistência às imposições da sociedade abrangente – urbana de consumo. Sérgio, um veterinário que foi meu colega de faculdade e é frequentador da colônia de Piatã, descreve como este espírito livre do pescador funciona: “o pescador está sempre pensando e falando no peixe, dorme e acorda pensando no peixe, no jogo do bicho, na farra. Ele vive o momento, o aqui e agora”.²⁶



A canoa mais recente a aportar em Piatã foi comprada por China. Vários pescadores consideraram três mil reais um preço caro para uma canoa que ainda precisou de reparos antes de poder navegar. China se defende dizendo que foi a única canoa que ele encontrou para comprar. Com o produto da pesca ele espera ter retorno do investimento, sem precisar ter novos gastos. A canoa de China teve três donos antes de chegar nas suas mãos - Argemiro, João Gordo e Américo.

²⁶ O depoimento de Sérgio foi espontâneo. Sua presença na colônia é ocasional. Gosta de conversar e farrear com os pescadores, sempre de olho no arrastão para pegar seu quinhão de peixe. Quando chega depois do arrastão compra o peixe na mão dos pescadores.

China comprou a canoa com as economias no seu salário de ajudante de encanador na construção civil. China veio de Salinas das Margaridas, na contra costa da Baía de Todos os Santos, para ajudar a tia, dona de uma barraca de praia em Itapuã, quando tinha 15 anos de idade. Filho de pai pescador, China estudou até a 5ª série. Tem dois filhos, mais um da mulher, que já está adulto. Seu envolvimento com os pescadores de Piatã começou quando ele ia à praia se divertir. Acabou se tornando pescador. Agora sempre que tem folga no trabalho corre para Piatã. A vontade de pescar de China é tão grande que ele já foi pro mar com febre por causa da Zika. Quando China não usa sua canoa, outros pescadores a utilizam para pescar de linha ou arriar rede de tresmalho. A canoa de China não é boa para o arrastão, pois seu tamanho não comporta seis remadores, mais a rede e as cordas.

As canoas de vinhático encalhadas na areia da praia são a marca da presença de pescadores naquele espaço. Uma das canoas cumpre de forma especial esta função. É a Estrela do Mar, a maior e mais bonita canoa da colônia, uma das três canoas do espólio de Adalberto. Nos tempos atuais, a Estrela do Mar só tem sido colocada no mar no dia 2 de fevereiro, para abrir a procissão marítima que leva as oferendas à Iemanjá. Na véspera dessa procissão, os pescadores enfeitam as instalações da colônia e renovam sua pintura. Ao longo do ano a Estrela do Mar serve de depósito para as redes que não estão em uso, a depender da época do ano. Seu tamanho avantajado se justificava no tempo em que a pesca da agulhinha era abundante, porque se podia transportar maior quantidade de pescado de uma só vez. Como hoje em dia os cardumes são menos numerosos, as melhores embarcações para este tipo de pesca são as canoas iguais a de China, porque envolve menos pescadores na divisão do quinhão de peixe. Os cardumes de agulhinha aparecem no tabuleiro de Piatã entre os meses de setembro a dezembro, durante sua migração.

O cerco aos cardumes de agulhinha é feito com duas canoas, e toda a operação acontece longe da praia. Uma das canoas fica parada e a outra circunscreve o cardume, fechando o círculo quando esta alcança a canoa que ficou parada. A rede é recolhida para dentro da canoa de apoio juntamente com os peixes apreendidos.







Canoa no mar é sinal da presença de peixe. A canoa mais usada nos arrastões de Piatã é a Olinda, a melhor dentre as sete canoas que ficam encalhadas na colônia. A Olinda é a canoa mais veloz, qualidade que ajuda muito na hora de cercar um cardume, e apesar de ser feita de madeira leve, ela é resistente aos impactos sofridos na operação de embarque e desembarque. A canoa Olinda está a mais de 20 anos em Piatã e ainda não precisou de nenhum reparo, segundo Guio, um dos responsáveis por trazê-la rebocada da contra costa da Ilha de Itaparica.

As regras estabelecidas para a pesca na enseada próxima da colônia se referem apenas as redes e não às canoas. Uma mesma canoa pesca com diferentes redes de arrastão. A Olinda, por exemplo, é usada com quatro redes de arrastão diferentes. No período bom para cerco de cardumes, a Olinda vai para a água todos os dias, na enseada ou no costeiro. A equipe de uma canoa do arrastão é composta por cinco remadores e o mestre de rede. Na frente da canoa vai o proeiro, escolhido pela força das remadas, por isso, o proeiro costuma ser alguém jovem.

Na parte de trás, ao contrário da proa, tem que ser um remador experiente. O popeiro é o responsável por direcionar a canoa com manobras feitas com o remo. Na Olinda esse privilégio é de Leivinha, pescador que faz questão de dizer que não é de Piatã. Sua base é a colônia da Sereia de Itapuã. Como Leivinha, outros pescadores também transitam entre as duas colônias, a da Sereia e a de Piatã, a depender da presença dos peixes, em uma ou outra área. Leivinha é outro descendente de família de pescadores da antiga Itapuã. Diferente de Guio e Veveco,

Leivinha nunca teve outro tipo de atividade, sempre pescou em uma das colônias de Itapuã. O quinhão de peixes do popeiro é um pouco maior do que o dos outros remadores. Na falta do mestre de rede é o popeiro quem assume essa função.



Saber remar é a primeira habilidade exigida de quem quer subir numa canoa de pesca. Todos pescadores de Piatã sabem remar e ponto final. Ninguém discute isso. Um ponto que chama atenção é a pouca presença de jovens na colônia, deixando em dúvida se dentro de uma ou duas décadas ainda vai existir pesca com canoas em Piatã. Jaime chamou atenção para o problema da renovação dos marinheiros para tripular as embarcações. Marinheiros, explicou Jaime, era o jeito como eram chamados os remadores, antigamente. Volta e meia Jaime surge com algum termo nativo do passado, como este de chamar remadores de marinheiros. Outra expressão que ouvi na boca de Jaime foi *caidor n'água*, que são os mergulhadores que saem da praia para acompanhar a rede do arrastão, de dentro da água. Uma vez Mourinho me disse que não teve arrastão de manhã cedo por falta de gente para completar a equipe, caidores n'água e puxadores. Isso porque, a presença de pescadores na colônia é inconstante. Em alguns dias a colônia está repleta de pescadores e no outro não passa de 20, no total, sendo que estes aparecem

em horários irregulares. Por isso convencionei chamar aos que estão sempre na colônia de núcleo duro.



A canoa mais antiga da colônia de Piatã é a da família de Chiquinho. Mestre Guio disse que ela tem mais de 100 anos. Basta uma rápida olhada para perceber que se trata de uma canoa antiga, realmente, já retorcida e com vários remendos. Para piorar ainda mais, o tratorista que faz o recolhimento do lixo da praia atropelou a canoa, arrancando sua proa. Chiquinho teve muito trabalho na restauração da canoa, que para ele é vista como uma relíquia de família. “Foi com uma canoa dessas que meu pai sustentou a família”. O pai de Chiquinho, Seu Cicílio, faleceu aos 94 anos, um ano antes do começo desta pesquisa. Chiquinho tem cuidados redobrados com a canoa da família.







O trabalho de **Adelso**, que é uma mistura de zelador e vigia na Paróquia de Nossa Senhora de Brotas, bairro distante de Piatã, exige que ele durma no emprego, razão pela qual ele pouco aparece na colônia de Piatã. Adelso é o dono da canoa laranja usada com as redes de arrastão de Lequinho, Raminho e Doutor, lembrando que 20 por cento dos peixes apreendidos são destinados para o quinhão do dono da canoa.



Apesar de sua pouca presença na colônia é o próprio Adelson quem se ocupa da manutenção da canoa laranja. Ele aproveita suas férias para tirar a canoa da labuta e renovar a pintura, impermeabilizar o fundo com betume de petróleo e consertar as avarias com cola epóxi misturada com pó de serra. Adelson é também filho de pescador da antiga Itapuã, porém, ele não

é mestre e não participa das pescarias, delegando aos companheiros essa atribuição. Para se tornar o único dono da canoa laranja, Adelson comprou a parte dos outros irmãos, quando estes decidiram vender os apetrechos de pesca herdados do pai pescador. A rede de arrastão da família de Adelson foi vendida para pescadores da Boca do Rio por um preço baixo, revoltando os pescadores da colônia, que achavam que a rede deveria ter ficado em Piatã. Segundo Jaime, uma rede de arrastão em bom estado, chega a custar entre 20 e 25 mil reais, em valores atualizados.



As canoas, assim como as redes, têm diferentes especificações, a canoa verde e branco, por exemplo, pertencente à família de Veveco, é mais baixa na lateral, dificultando o enfrentamento das ondas quando o mar está grosso, razão pela qual ela permanece bastante tempo encalhada na praia. Ela está em Piatã há 50 anos. Cheguei a pensar que ela não estivesse mais em condições de uso, por conta de alguma séria avaria. Mas para minha surpresa, de um dia para o outro, Bau e Veveco voltaram a utilizá-la na pescaria com rede de tresmalho. Eles desencostaram a canoa em um momento em que a pesca estava mais escassa, para assim não precisar usar uma das canoas do espólio de Adalberto e conseqüentemente ter que destinar parte dos peixes para os donos da canoa.



A expressão, quem não tem cão caça com gato, se encaixa bem na alternativa encontrada por Juscelino para não ter que dividir seus peixes com algum dono de embarcação. Juscelino é

um dos poucos pescadores de Piatã que não é nativo de Itapuã. Seu forte temperamento é responsável por ele já ter passado por várias colônias de pesca. Foi com ele que Guio se estranhou e tentou expulsá-lo de Piatã.

A estratégia de Juscelino consiste em levar a nado a rede de tresmalho rebocada dentro de uma caixa de isopor. Estratégia que para funcionar precisa, além da habilidade de mergulhador, grande vigor físico, principalmente para alguém com mais de 60 anos, como é o caso de Juscelino. Atributos que não o isenta de riscos. Já aconteceu de Juscelino precisar da ajuda dos canoieiros, em um dia de mar grosso, para retornar em segurança à praia.

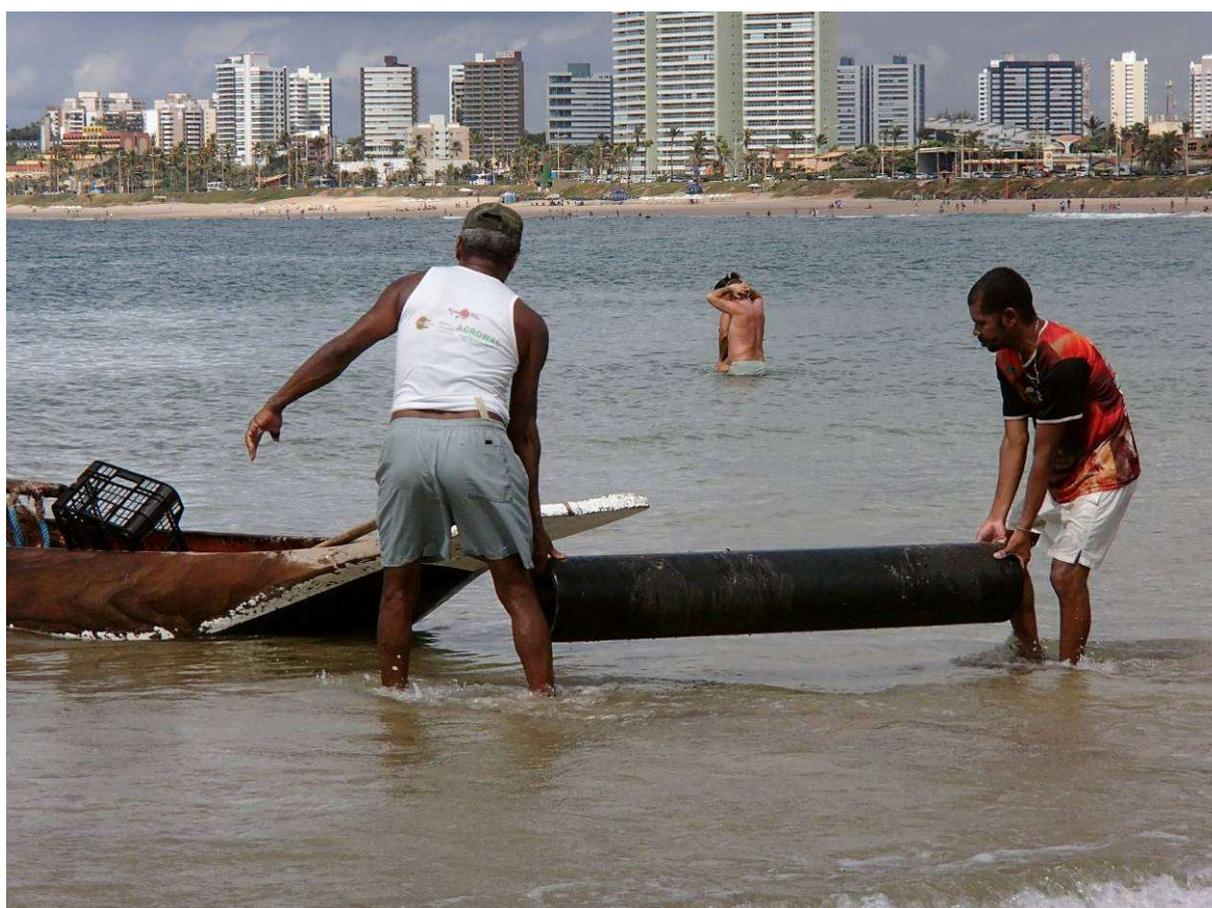




A estratégia da caixa de isopor de Juscelino exemplifica bem como um pescador pode escolher depender quase que exclusivamente de seus próprios esforços. Juscelino fabrica suas próprias redes, é um exímio mergulhador e conhece bons pesqueiros. Mas até mesmo Juscelino, com seu forte e explosivo temperamento, nunca deixa de integrar as equipes de remadores das canoas e participar de outras atividades coletivas. O pescador artesanal vive entre o individualismo e o coletivismo.



O arrastão, a princípio parece ser o melhor exemplo da solidariedade entre os pescadores, mas, é no ritual de encalhe e desencalhe das canoas que se manifesta mais fortemente o espírito de solidariedade do grupo, exigindo que toda e qualquer diferença seja esquecida. Não participar de um arrastão implica apenas em não ganhar seu quinhão de peixe, mas cruzar os braços enquanto os outros fazem força empurrando as canoas, é uma atitude que deixa o pescador malvisto pelos outros membros da colônia. O ritual de desencalhe e encalhe das canoas marca o início e o final da pescaria do dia. O processo poderia ser todo realizado pela equipe de bordo, como costuma acontecer quando a canoa vai para a água nas primeiras horas do dia, mas como não participar do ritual que reforça sua identidade de membro daquele grupo? Mesmo quem não é pescador, como é o meu caso, participar do ritual afirma sua crença na pescaria como modo de estar no mundo. Foi por ele que comecei a fazer parte da colônia de Piatã, aproveitando para ouvir algumas boas histórias envolvendo a vida dos pescadores.





As canoas de vinhático não estão mais sendo fabricadas por conta da proibição da derrubada de árvores nos últimos rincões de mata Atlântica existente no litoral baiano.



2.9 A Flor da pele

A antropóloga Fabiana Bruno,²⁷ a quem solicitei que comentasse sobre algumas fotografias deste ensaio,²⁸ apontou para a ausência de ruídos nas imagens, denotando uma perfeita harmonia estética, o que lhe causava certo incomodo, mas que ela não sabia especificar no momento de nossa conversa. Esse comentário me fez voltar ao acervo fotográfico para reavaliar algumas imagens que havia deixado de fora na pré-seleção feita para a narrativa visual.

Aproveitei também para buscar no caderno de campo anotações sobre ruídos na relação entre os pescadores de Piatã. Uma dessas situações já narrei lá atrás, uma disputa em torno da divisão dos peixes, entre Beto e Marreta, que é conhecido entre os pescadores como criador de problema e que poucos gostam de pescar com ele.



Agora, conflito mesmo existe entre os pescadores e qualquer pessoa ou instituição que queria impor alguma forma de domínio em Piatã, onde, grosso modo, ninguém manda em ninguém e

²⁷ Fabiana Bruno é pesquisadora do Departamento de Antropologia (IFCH-Unicamp), onde ministra disciplinas no campo da Antropologia Visual atuando principalmente nos seguintes temas: Antropologia da Imagem (visual), Fotografia, Antropologia da Arte, Epistemologia da Comunicação. É cofundadora do LÁGRIMA - Laboratório Antropológico de Grafias e Imagem. É estudiosa dos fundamentos que se ocupam de investigar a imagem como forma de pensamento e conhecimento.

²⁸ Um conjunto de 10 fotografias deste ensaio foi vencedor do IX Prêmio Pierre Verger, na categoria ensaio fotográfico, promovido pela ABA – Associação Brasileira de Antropologia, ano de 2018.

ninguém aceita ser mandado por ninguém. Talvez esteja enganado, mas tudo me leva a crer que seja assim mesmo. O sentimento de liberdade, característica do pescador artesanal, é levado ao extremo pelos pescadores de Piatã, principalmente os canoieiros. Um bom exemplo é a relação destes pescadores com a Colônia de Pesca de Itapuã, a quem a capatazia de Piatã é subordinada. Os canoieiros nunca participam das reuniões da Colônia de Itapuã, nem mesmo aquelas que supostamente seriam de seu interesse, como as reuniões convocadas para deliberar sobre a construção da nova sede, conforme já narrei acima. O único assunto que lhes interessa junto à administração da Colônia diz respeito à aposentadoria. No tempo que Itapuã era uma vila, a velhice dos pescadores era assistida pelo quinhão do remo de terra. No presente, com o fim das relações comunitárias e solidárias do passado, o benefício da aposentadoria concedido pelo governo federal é a única forma de garantir a subsistência dos que não têm mais condições de labutar na pesca. As leis que os pescadores seguem são ditadas coletivamente por eles mesmos, fundamentadas no respeito ao outro e ao meio ambiente. Quem não seguir essas regras provavelmente terá como punição o banimento da colônia, atitude adotada individualmente por cada um.

Na capatazia de Piatã existe uma liderança outorgada pela administração da Colônia Z-6, de Itapuã. Outorgada é a expressão que melhor se encaixa para a situação, porque este “líder” ocupa o cargo sem nenhuma legitimidade entre os canoieiros e entre a maioria dos pescadores proprietários de barcos. No geral, poucos gostam desse “líder” e o acusam de ser rude no trato com as pessoas e autoritário nas decisões. Trata-se de um ex-policial federal aposentado que comprou um barco para pescar eventualmente. Sua efetivação no cargo de representante da capatazia se deu aproveitando a falta de interesse dos pescadores na relação com a administração da Colônia. Como ninguém quis ocupar esse lugar ele quis, e conseguiu se estabelecer no cargo nomeado que foi pelo presidente da Colônia de Itapuã, numa tentativa de estabelecer algum diálogo entre a administração da Colônia e os pescadores de Piatã. Presenciei uma reunião convocada por este “líder”, depois da inauguração da nova sede da capatazia. Obviamente só participaram os pescadores donos de barcos motorizados. A pauta da reunião, dentre outros assuntos, discutiu sobre a distribuição dos cômodos da nova capatazia, construídos em número insuficiente para abrigar individualmente os equipamentos dos possuidores de barcos. Alguém teria de abrir mão da exclusividade de uso dos cômodos para que fosse possível acomodar os equipamentos de dois pescadores recém-chegados na colônia. Dois pescadores antigos se dispuseram a dividir seus quartos com os novos e ficou tudo resolvido.



O espaço destinado para os pescadores que não possuem barcos, na nova capatazia, consiste de um pequeno armário de tamanho inadequado para guardar os apetrechos da pesca com rede. Para completar, a colônia foi construída longe da enseada onde acontece a maioria dos arrastões, e já sabemos que a canoa do arrastão fica sempre preparada para fazer o cerco a qualquer momento. De forma que os pescadores canoieiros desprezam totalmente a nova sede. Para se abrigar do sol e da chuva usam dois pequenos abrigos, feitos de paus e palha de coqueiro, uma de Veveco e outra de Guio. A posição dos abrigos, em cima da duna é estratégica para espiar a entrada do peixe na enseada. Os apetrechos de pesca dos canoieiros são guardados dentro de carcaças de geladeiras, trancadas com simbólicos cadeados.

Bau e Veveco são chamados de ratos pelos outros pescadores, que os acusam de serem ávidos na pescaria - estão sempre correndo atrás do peixe, mesmo nos dias que não é a vez das suas redes. Um pescador afirmou que eles queimam a escala, pescando na enseada no dia de outra rede, embora respeitando o pagamento de 50 por cento para o dono da rede do dia. O apelido de “ratos” não impede ninguém de pescar com eles, pelo contrário, os dois irmãos pescadores são muito respeitados na colônia. Veveco exerce comando com poucas palavras e ninguém contesta a sua partilha de quinhão, não por receio, e sim, por reconhecer que Veveco consegue ser justo na divisão dos peixes. As equipes de pesca mudam constantemente de

remadores, com isso, acaba que quase todos pescadores de Piatã em algum momento assumem o remo na equipe de Bau e Veveco. O nome injustificado, no meu entender, de “ratos”, usado para Veveco e Bau, só é mencionado longe da presença deles.



João Leiva (Leivinha) é um mestre pescador veterano, daqueles que está sempre contando histórias vividas na pescaria, lugar de onde nunca saiu para fazer outra atividade. Leivinha se gaba de ser bom remador e diz ser da colônia da Sereia de Itapuã, motivo pelo qual fiz pouca referência sobre ele até aqui. Volta e meia passa períodos pescando em Piatã.







Parece que além do peixe, seu interesse em permanecer em Piatã é a parceria com Veveco nas doses de vodca Slova, com um pouquinho de suco de laranja. Foi com Leivinha que aconteceu o desentendimento mais forte, que tomei conhecimento, em uma situação em que ele reclamou com Juscelino, afirmando que este tinha sido indelicado com a turma de

crianças que levei para conhecer a colônia e aprender sobre como é o trabalho de pescador. Assim que saí com as crianças do alojamento começou o entrevero. Juscelino, homem turrão, de temperamento forte, não gostou da acusação e no meio da discussão puxou uma faca para Leivinha, que foi embora correndo pela praia. Também dessa vez, no dia seguinte tudo voltou ao normal.

Em outro episódio envolvendo Leivinha, percebi que havia algo estranho entre Leivinha, Bau e Veveco. Foi logo depois de terminada a temporada forte do arrastão, quando os canoieiros passam a pescar de tresmalho. Esse tipo de pescaria rende bem menos que o arrastão para os canoieiros, ficando relativamente pouco para quem é só remador nessa pescaria. Este foi o último dia que vi Leivinha naquele ano. Ele estava vestido de bermuda e camisa, sem a habitual sunga de banho. E o semblante estava visivelmente entristecido. Dias depois perguntei a Bau o que havia acontecido, Bau explicou que não teve zanga alguma, que Leivinha não era daquela colônia e que o peixe tava pouco. Entendi que a insatisfação de Leivinha era por não ser levada em conta sua posição de popeiro da canoa, como acontece no arrastão, passando a receber o mesmo quinhão dos outros remadores. Sobre João Leiva, Sérgio, o veterinário, falou que João Leiva tem a visão da pescaria.

As disputas entre os pescadores, acontecem em situações pontuais, não demorando a serem sanadas ou acomodadas. Logicamente existem aproximações e afastamentos, como em qualquer outro grupo humano, nada que comprometa o empreendimento coletivo da pesca. Note-se, que a colônia é um ambiente quase exclusivo de homens. Quando acontece de alguma mulher se aproximar do ambiente dos pescadores de Piatã, o alojamento e o trabalho em volta da canoa, elas são recebidas com a máxima cordialidade e respeito. Beto certa vez se excedeu na bebida, justamente no dia em que Magal levou sua esposa na colônia. Magal ficou bastante aborrecido com algumas coisas faladas por Beto. Magal reclamou muito com Beto, mas depois relevou o acontecido, considerando que Beto não estava em seu estado normal.



2.10 Piatã ou Porto de baixo?



Nos finais de semana e feriados, as atividades da pesca na colônia de Piatã se encerram mais cedo para evitar conflitos com os banhistas que invadem a praia nesses dias. Veveco explicou que a relação com os banhistas às vezes é complicada, principalmente depois que os banhistas bebem, e por isso a faina termina mais cedo nestes dias. Uma vez, segundo contou Veveco, seu grupo foi ameaçado por um banhista que dizia que a rede estava atrapalhando seu lazer. Mas de maneira geral, para os banhistas que vêm de outros cantos da cidade, os pescadores, suas canoas e seus apetrechos de pesca, fazem parte da paisagem, da “natureza” que eles estão ali para usufruir.²⁹

Quando tem arrastão alguns banhistas se arriscam a participar da puxada, e quando a rede chega à areia não tem quem não quem queira ver quantos e quais peixes foram capturados.

²⁹ Thales de Azevedo (2016) define a praia como espaço de socialidade, uma invenção recente, de cerca de cem anos. “Uma coisa é a linha do litoral”, afirma Risério (2012). “O lugar onde areia e onda se limitam. Outra coisa é a praia, como a concebemos. A praia se define no momento em que a linha litorânea, o recorte espacial que reúne ou aproxima ou envolve areia e água, ganha um determinado sentido social”.

Para as crianças a atração é ainda maior - *“olha filho que lindo os peixes, não precisa ter medo, não”*, insistiu o pai de um garotinho que chegou perto e depois recuou temeroso. O pai ficou satisfeito com a tímida aproximação do filho e os dois seguiram adiante. Quando a praia está repleta de banhistas fica mais difícil a retirada da canoa da água. Um dia escutei Bau reclamar com um dos puxadores que ajudou na retirada da canoa. O cara pediu a um casal de banhistas para saírem da frente, Bau justificou que *“nunca fazem isso, preferem desviar a canoa, ele só falou daquele jeito porque o casal era negro, se fosse branco, teria mais respeito”*.



A presença dos banhistas na praia facilita a venda do pescado. Alguns banhistas inclusive, principalmente os itapuãzeiros, têm por hábito visitar os amigos pescadores e aproveitar para comprar o peixe da semana. Entre o *“povo de Itapuã”* é hábito o consumo de peixe nas refeições.

Com a derrubada da antiga sede da colônia os pescadores perderam a exclusividade de uso do espaço em cima das dunas, e agora, assim que os pescadores deixam a praia, o abrigo de Veveco é invadido por cozinheiras que assam peixes para vender aos banhistas. Essa convivência é bem tranquila, muito solidária inclusive, de ambas as partes.





Por seu lado, os pescadores não esperam os finais de semana para o lazer. Em qualquer dia, desde que não tenha peixe na área e eles tenham dinheiro para comprar bebidas, acontecem pequenas farras. Na grelha que fica ao lado do alojamento é preparada a comida ao gosto do freguês - peixes, lagostas, pinaúnas, ostras ou linguças.











Seguindo recomendação do professor Cláudio Pereira, fiz pesquisa para saber a razão da praia dos pescadores se chamar Piatã. Surpreendi-me quando os próprios pescadores falaram que para eles ali sempre foi o Porto de Baixo de Itapuã e que não sabiam de onde, nem como surgiu o nome Piatã. Só então me dei conta de que os pescadores não usam o nome Piatã, apesar

de na placa de identificação da colônia estar escrito Capatazia Piatã. Continuei pesquisando, mesmo sabendo que o nome praia de Piatã, não é um nome nativo.

No livro *História de Salvador nos nomes das ruas*, de Luiz Eduardo Dórea (2006), encontra-se um verbete sobre o nome da praia de Piatã.

Piatã -

Em um antigo encarte que traz como título *Histórias do Velho Tempo da Cidade*, com o subtítulo, Piatã, uma fábrica que virou nome de bairro, está registrada a seguinte história:

(...) Ainda não se falava em Avenida Otávio Mangabeira. Boa parte da praia entre Amaralina e Itapuã era conhecida como São Tomé, nome que vinha dos tempos da colônia. Foi ali que Herbert Rocha Vaz instalou a sua fábrica de óleo. Vinha de outras experiências industriais, e o nome do seu empreendimento foi escolhido por Frederico Edelweiss, que conciliava ser tupinólogo com, ser também, homem de empresa.

Em tupi, a palavra Piatã significa: o persistente, o obstinado, o “pé de boi”. Tal como o pioneiro Rocha Vaz e sua Oleífera Piatã. A cidade cresceu, a fábrica mudou-se e deixou seu nome no local que é, hoje, uma das nossas praias mais elegantes, no lado novo da cidade. Tudo em boa parte, devido à fê que o fabricante de óleo teve na expansão da cidade. Em adendo à edição comemorativa do cinquentenário de falecimento de Theodoro Sampaio, o professor deixou registrado: “piatã, de pi-atã, o pé firme, a firmeza, a fortaleza. Pode proceder, também, de pya-ãtã, o coração duro, inflexível, a coragem”.

Esta explicação dada por Dórea (2006) é tomada por verdadeira e reproduzida em diversos sites na internet, inclusive da prefeitura e do governo estadual. Entre os historiadores amadores de Itapuã, e Itapuãzeiros mais antigos, não consegui confirmar essa informação. Ninguém lembra da existência dessa fábrica na região de Itapuã.

Guio e Jaime, que são católicos praticantes, confirmaram que aquela praia era conhecida antigamente como praia de São Tomé, por causa de uma pedra que tem uma marca que parece com uma pegada. Próximo da pegada de São Tomé construíram uma cruz e havia uma procissão da Igreja católica celebrando a passagem de São Tomé por aquela praia. No subúrbio ferroviário tem uma praia com o nome de São Tomé de Paripe, cujo nome também se deve a marca de uma pegada deixada pelo santo católico.

2.11 Outras naturezas, outras culturas.

Gustavo e Gefinho são dois jovens que refletem o que podemos esperar do futuro da pesca em Piatã. Os dois pescadores são descendentes das famílias da antiga Itapuã. Eles têm quase a mesma idade, 19 e 18, respectivamente. Começaram a participar do arrastão como remadores e mergulhadores, há cerca de cinco anos. A partir daí suas trajetórias de vida seguem caminhos diferentes. Quando os conheci ambos integravam a equipe de Bau e Veveco.





Conheci Gustavo logo no primeiro verão que aportei em Piatã. Seu cabelo trançado e o aparelho bucal denunciaram de cara que ele não era integralmente daquele ambiente, apesar do total entrosamento nas atividades do arrastão nas conversas e brincadeiras que acontecem no alojamento. Neto de pescador, seu pai não é pescador, e foi só isso que Gustavo contou sobre o

pai. A descendência na pesca pulou uma geração e veio pelo lado da mãe. Gustavo é parente de Bau e Veveco, a avó dele é tia desses dois mestres. Quando criança costumava ir à praia jogar bola com os colegas e vendo os pescadores trabalhando se interessou pela atividade e se tornou remador e mergulhador na pesca do arrastão.

A presença de Gustavo em Piatã durou até o fim do verão, quando recomeçaram as aulas. Sua prioridade é concluir o curso de Direito que está fazendo na Unirb, faculdade particular que fica em Patamares, bairro colado a Piatã. Os estudos são pagos com o crédito educativo concedido pelo governo federal, o FIES.



Gefinho é filho de Marielson, o melhor tarrafeiro de Itapuã, mestre na pesca da pititinga. Gefinho encara a pesca como uma escola, sempre procurando pescar com os mais experientes para ir aprendendo os segredos da pesca em Piatã. Auxilia os pescadores em todo tipo de pescarias. Entralha pano de rede e sai para pescar de linha no mar de fora. Ajuda a arriar rede de tresmalhos, e pesca de mergulho. Sua juventude e tamanho lhe garantem força extra nas remadas, por isso na pesca com canoa, a proa é seu lugar cativo. Gefinho é um espécime raro em Piatã. Sua projeção de futuro está dentro da pesca. O apoio do pai também é incomum. As famílias de pescadores da atual Itapuã preferem que os filhos façam como Gustavo, e estudem para terem outras alternativas no futuro. A pesca tem um valor inegável nestas famílias, mas o

melhor a fazer é seguir o exemplo de Gustavo, concluem a maioria dos pais, e pensar a pesca como complemento de renda, complemento de vida.

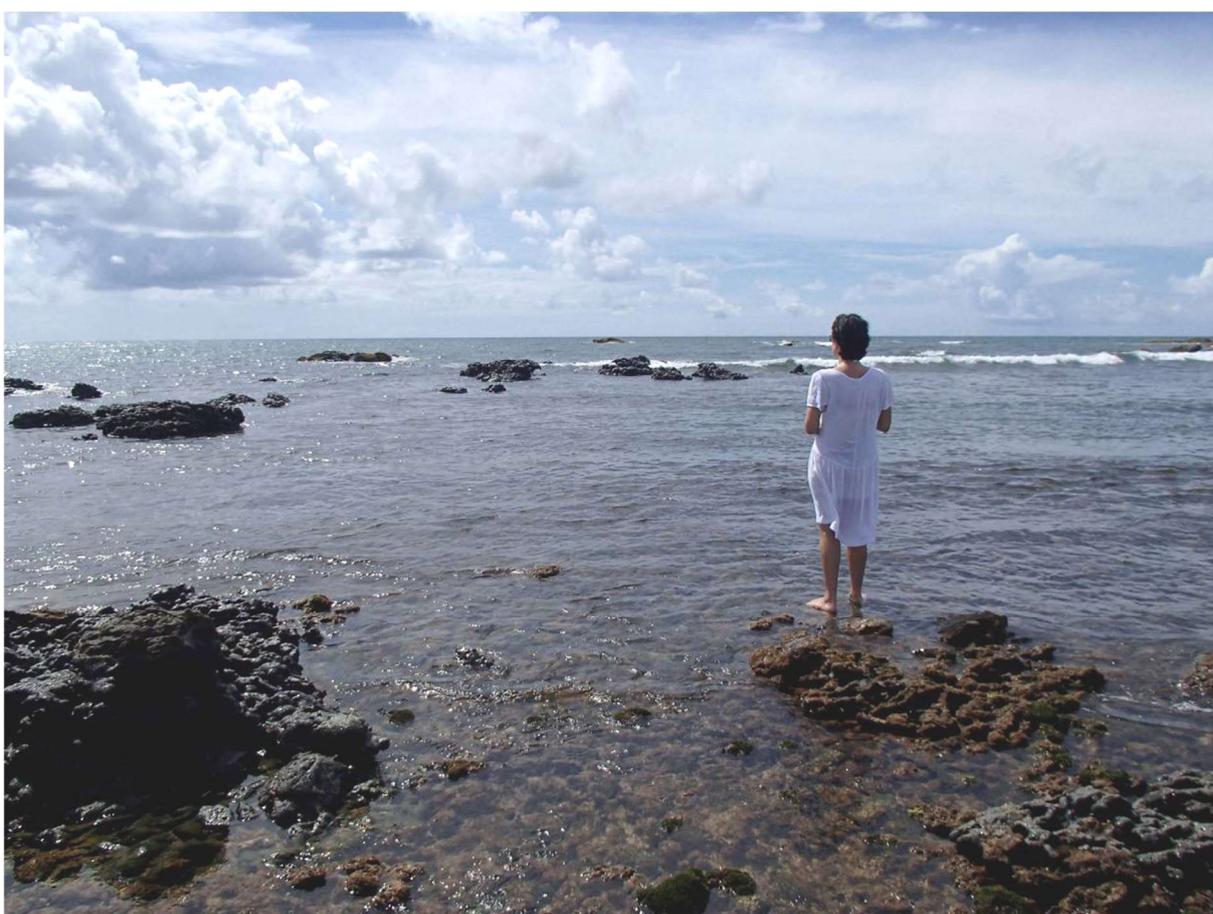




CAPÍTULO 3

*“O repique do atabaque trazia os pescadores de volta do mar,
um dia a canoa voltou com a popa pra frente” (Inocência).*

3. Odojá minha mãe.



As homenagens à divindade Iemanjá têm uma longa tradição em Salvador. Nos dias atuais, o ponto alto das festividades acontece no dia 2 de fevereiro, no bairro do Rio Vermelho. Milhares de soteropolitanos e turistas lotam ruas, bares e restaurantes do bairro, desde a noite do dia anterior, numa prévia do monumental carnaval de Rua. Salvador se volta para o Rio Vermelho no dia de Iemanjá. Por isso foi uma grande e grata surpresa topar com a chegada de uma pequena procissão de canoas e barcos na praia de Piatã, justamente no dia 2 de fevereiro. Este encontro acidental souo como uma indicação de um caminho a seguir na minha aventura

antropológica. Nos anos seguintes, já entrosado com os pescadores de Piatã, tive a oportunidade de participar da mesma procissão marítima que leva os balaios com os presentes da comunidade de pesca para ofertar à Rainha do Mar.

Faz pouco tempo que os pescadores de Piatã promovem esta procissão. Quando participei pela primeira vez, estava ainda em seu terceiro ano, sem confirmação para os anos seguintes, por causa da dificuldade na arrecadação de fundos para os gastos com o festejo. A celebração dos pescadores de Piatã cumpre o que se espera de um ritual festivo, a exceção fica por conta de uma minoria de pescadores que se recusa a participar, alguns por motivos religiosos e outros por discordarem de como algumas coisas são feitas, preferindo fazer sua oferenda em outro dia, de outra forma, como seus antepassados faziam anos atrás. Antigamente cada família fazia sua oferenda individualmente, não só para Iemanjá. Pelo menos uma das famílias de pescadores também ofertava presentes para Nanã, outra divindade do Candomblé. Mas com a morte das mães rezadeiras essa tradição se perdeu. A última a falecer foi dona Helena, mãe de Veveco e Bau. A filha mais velha de D. Helena assumiu seu lugar na reza, sendo bastante procurada para proteger de mau olhado.

Para os que apoiam a realização da festa, este é o dia de receber as famílias e os amigos na colônia de pesca enfeitada com palhas de coqueiros e bandeirolas. A comida da festança é preparada na própria colônia, pelas mulheres dos pescadores. A música é tocada pelos amigos e por alguns pescadores, bebidas compradas com o dinheiro da venda de camisas e da verba de patrocínio de empresas ou de políticos da região. O ponto alto é a procissão marítima, que não acontece antes de terminada a faina, mais curta nesse dia. Acredito até que, se algum cardume for avistado durante a festa, decretaria sua imediata interrupção, porque todos os participantes abandonariam o festejo para participar do cerco ao cardume e da puxada da rede.

As oferendas dos pescadores são levadas na canoa Estrela do Mar, preparada especialmente para a ocasião. A Estrela do Mar é a maior canoa de Piatã. Seu tamanho avantajado permite que mais remadores a impulsionem com destreza e orgulho. A bela canoa segue mar adentro liderando a fila de embarcações, nenhuma outra embarcação pode ultrapassá-la. O momento do desembarque do presente é marcado por estrondos de fogos de artifício. Alguns pescadores se atiram na água para afundar o balai principal até onde o fôlego permitir. Em seguida a procissão retorna ao porto, circunscrevendo parte da região de pesca de Piatã. Depois da procissão marítima inicia a confraternização em terra, beber e comer, se divertir e contar causos, até o fim da tarde, sem avançar na noite, porque no outro dia é dia de pesca novamente, dia de pescador.

A divindade celebrada por estes pescadores é o mar (independente de qual seja a religião professada), este vasto mundo misterioso de águas, em quem todos os pescadores acreditam que, nunca irá deixar de lhes fornecer seus frutos, mesmo que estes estejam escasseando, tomando por base a quantidade de peixes que havia no tempo dos seus pais e avós. Não foram poucas as vezes que escutei que, *nunca vai faltar peixe para quem sabe onde encontrá-los.*











3.1 Um barco pra chamar de seu.



Durante o período de observação participante na colônia de pesca de Piatã senti que precisava fazer algo que me ajudasse a compreender melhor a intimidade que os pescadores possuem com o mar. Boa parte da pesquisa, até então, havia se desenrolado nas margens da praia de Piatã. À exceção da procissão marítima, raras vezes eu havia embarcado nas canoas ou nos barcos motorizados. Em várias ocasiões os pescadores que saem para o mar de fora me convidaram para acompanhá-los na pesca de linha, para arriar ou resgatar redes. Mas os dias se sucediam e o convite feito nunca se concretizava. Não por falta de vontade dos pescadores, muito pelo contrário, sucede que os barcos de Piatã não comportam mais de três tripulantes e os diversos apetrechos de pesca. Tudo indicava que minha pesquisa estava fadada a permanecer em terra, se não fizesse alguma coisa para mudar esta situação. Eu precisava de um barco pra chamar de meu. Antes de chegar a Piatã já havia pensado em construir um barco para percorrer a costa da Baía de Todos os Santos, pelos motivos que explicarei na próxima parte da narrativa.

Esta questão, conseguir um barco, poderia ter sido resolvida facilmente arranjando um barco emprestado, alugando, encomendando ou comprando um barco pronto. Porém, mais uma vez, o pensamento de Tim Ingold influenciou a trajetória da pesquisa. No livro *Estar Vivo*, Ingold (2015) faz diversas argumentações a respeito do processo de aquisição de habilidades e o uso de ferramentas, sobre percepção e ação, sobre o caráter experimental da antropologia e sobre o trabalho e o fluxo dos materiais. Desse modo, concluí que construir meu próprio barco era o experimento que eu estava precisando nesta etapa da pesquisa.

Em tempos de internet, foi fácil conseguir informações sobre a viabilidade de construção amadora de um barco de madeira. As possibilidades de construção amadora de barcos são incríveis. Pode-se construir embarcações de vários tamanhos, desde pequenos caiaques ou botes, até veleiros oceânicos capazes de viajar para qualquer parte do mundo. Existem muitos projetos de construção de embarcações que são disponibilizados gratuitamente na internet. Acabei escolhendo o projeto de um barco de 11 pés, adquirido por 180 reais, nas mãos de um projetista naval que se dedica a estimular a construção náutica artesanal. A escolha por um projeto pago e não por um projeto gratuito, foi por um motivo extra pesquisa. O barco que construí pode navegar com remo, motor e vela, e velejar é um sonho muito antigo.



A etapa de improvisar o “estaleiro” no quintal da minha casa transcorreu sem percalços. Contudo, a dificuldade começou quando chegou o momento de usar o formão para alinhar as madeiras do costado e o fundo do barco. Foi nessa hora que percebi o tamanho do problema que teria pela frente. Esbarrei justamente na questão de que informação não é conhecimento (Ingold, 2012). Como poderia alguém sem habilidade com instrumentos de carpintaria se aventurar nas artes da prodigiosa carpintaria naval?

A persistência falou mais forte. Apesar de ter desistido na primeira tentativa, voltei a insistir na construção do barco, conseguindo finalizar em tempo suficiente de ‘impressionar’ os pescadores de Piatã, com ‘minha habilidade’ na carpintaria náutica, e de sair para pescar sororocas e fazer alguns registros fotográficos. Outra motivação para a construção do barco, foi demonstrar aos pescadores a viabilidade de se fabricar uma embarcação com baixo orçamento. Na escolha do projeto do barco este ponto também foi determinante. O barco foi construído todo com madeira colada com resina epóxi, do mesmo tipo que os pescadores utilizam para fazer reparos nas canoas. Ou seja, nenhuma grande novidade, a não ser a junção das peças do quebra cabeça. Descobri que a carpintaria náutica artesanal é incentivada em vários lugares no Brasil e

mundo afora. A FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura) disponibiliza gratuitamente manuais com informações detalhadas de como construir barcos pesqueiros de baixo custo, reafirmando o “papel vital dos pescadores artesanais na contribuição à segurança alimentar mundial, à nutrição e à erradicação da pobreza”. A aquisição do motor de popa seguiu os mesmos critérios da escolha do barco. Fiz nova pesquisa na internet e encontrei uma fábrica no sul do Brasil que fabrica motores que custam um terço do preço de motores importados. Paguei pouco mais de mil reais, dividido em seis prestações. Os pescadores ficaram impressionados com o desempenho do motor e seu baixo consumo de combustível. Esse tipo de motor, chamado de cascudo pelos pescadores, é muito usado nas vilas de pescadores ao redor da Baía de Todos os Santos.

Em Salvador, cidade banhada de mar por quase todos os lados, nos deparamos com esse paradoxo. Pode-se afirmar que a carpintaria náutica artesanal é praticamente inexistente, trazendo limitações também para os segmentos do turismo e lazer náutico, importantes para a economia da cidade. Os pescadores de Piatã que pescam no mar de fora, se utilizam de embarcações fabricadas industrialmente com custo elevado para sua aquisição, diminuindo a efetividade da pesca.

A experiência de construir um barco de forma artesanal no quintal de casa, desprovido de conhecimento e habilidade nas artes da carpintaria náutica, foi a solução que encontrei para tangenciar o universo dos pescadores artesanais. Com essa experiência pude testar a teoria de Ingold sobre a educação da atenção nos processos de transmissão de conhecimentos, de entender como funciona o processo cognitivo da prática (Ingold, 2015: 98). Mestre Guio, o mais velho pescador em atividade em Piatã, já sabia bem antes de Ingold, que para aprender você deve ir fazendo, prestando atenção, “que aprende”. Guio nunca se preocupou em teorizar sobre esta forma de aprender, como faz Ingold, que afirma acertadamente, que se aprende educando a atenção para o que se está fazendo. Segundo Ingold (2010), “nosso conhecimento consiste, em primeiro lugar, em habilidades, e que todo ser humano é um centro de percepções e agência em um campo de prática”. Hoje uso o que aprendi com essa experiência de transformar informação em conhecimento e habilidade técnica em várias outras atividades caseiras ou profissionais.

3.2 Pesca artesanal, trabalho e autonomia na cidade.

A colônia de pesca de Piatã se encaixa na definição de Magnani para uma mancha urbana, “*áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante*” (Magnani, 2002: 21). A pesca nesse recanto de Salvador, praticada a exaustão, continua sendo lugar da tradição, do culto aos antepassados, do conhecimento das espécies locais, dos pesqueiros e técnicas de captura. O título dado a este estudo “Elogiemos os pescadores ilustres da praia de Piatã” se deve à coragem dos pescadores de enfrentar os desafios do mar, da cidade e a ideologia que lhes perpassa.



Tenho consciência que os problemas apontados neste estudo poderiam ter sido abordados de outras formas ou por ângulos diferentes, o que provavelmente resultaria em outras respostas, tal é a vida, múltipla e complexa em qualquer pequeno pedaço em que ela exista. Considero ter sido um grande privilégio conhecer e conviver com os pescadores de Piatã, neste período de intenso aprendizado sobre o que é ser um pescador artesanal na cidade; sobre como é possível viver e pensar a vida de outro modo, e sobre a cidade do Salvador, o outro personagem deste estudo, desta aventura antropológica, que me transformou enquanto pessoa, exatamente como entende Tim Ingold, ser um dos propósitos da antropologia.

Em Piatã, obviamente, acontecem muito mais situações relevantes, além do que foi relatado até aqui. Vejamos o exemplo de Moa, pescador de fim de semana e férias do trabalho. Moa usa uma técnica de pesca adaptada por ele. Esta técnica consiste de uma mistura de pesca de mergulho, com pesca de anzol. Ao invés de lançar o anzol na água, da maneira habitual e ficar esperando que algum peixe venha comer a isca, Moa mergulha em busca de localizar o peixe, para então, lhe oferecer a isca. Moa costuma retornar para casa com um punhado de peixes, suficientes para uma refeição familiar. Moa é mais um descendente de famílias de pescadores de Itapuã. Além de praticar essa inusitada pescaria, Moa é bom remador e também integra as tripulações dos barcos motorizados que saem para pescar no mar de fora, quando vem o desemprego.

A cidade não é um monstro que devora seus habitantes, apesar de às vezes carregar nas tintas. Uma cidade não pode ser pensada como um lugar monolítico. As diferenças existentes no meio urbano são muito profundas e complexas, e precisam ser geridas não por alguns poucos indivíduos que decidem por todos os moradores, seguindo uma ótica etnocêntrica, sem levar em conta as diversidades e as múltiplas condições e possibilidades de se viver neste arranjo social específico.

Salvador tem seus inúmeros problemas que conhecemos bem, mas tem seus encantos e boas razões para se morar nela. E os pescadores sabem disso. A permanência de pescadores artesanais nas praias de Salvador evoca outros aspectos que merecem serem mencionados. Por questões econômicas, em Salvador, há um grande incentivo ao turismo cultural centrado no imaginário de uma Bahia mítica, mística e na tradição, culminando no fenômeno denominado de baianidade.³⁰ Na capital da Bahia se promove tudo que tenha um quê de folclore, que esteja de acordo com essa baianidade.³¹ A obra do escritor Jorge Amado está no centro dessa elaboração de uma Bahia mítica. Em vários de seus livros, o pescador e sua valentia aparecem como personagens centrais. No esforço de construção desse imaginário, a Bahia ganhou a tarja de Terra da Alegria, e Salvador, como a capital do Estado, carrega a responsabilidade de promover eventos que publicizem e lucrem com essa alegria estereotipada, cujo ponto central é o carnaval de Salvador. Outras festas e eventos que antecedem a folia de Momo contribuem decisivamente para o sucesso desse empreendimento. Assim, a festa de Iemanjá, promovida no

³⁰ Baianidade é um conjunto de regras, práticas, rituais, associados aos moradores da cidade do Salvador e do território circunvizinho, porém generalizados para todos os habitantes do estado da Bahia. Ela é disseminada, em forma de discurso, na fala de diversos agentes sociais. O discurso da baianidade é a síntese da ligação entre povo, tradição e cultura, sendo estes elementos ideologicamente construídos.

³¹ Para saber mais sobre Baianidade recomendo a obra de Agnes Mariano, *A Invenção da Baianidade*. 2016. Edufba.

Bairro do Rio Vermelho, acabou por se tornar um dos principais eventos que antecedem o monumental carnaval de Salvador. A colônia de pescadores do bairro do Rio Vermelho é a principal responsável pela perpetuação dessa tradição baiana. Sem os pescadores e sua tradição de presentear a Rainha do mar, no dia 2 de fevereiro, não existiria essa prévia do carnaval. A Colônia de pesca do Rio Vermelho e sua festa para homenagear Iemanjá contribuem com o esforço de atrair turistas para visitarem e participarem dos festejos promovidos na capital baiana. Por este e outros motivos, o Rio Vermelho acabou se tornando o principal bairro da boemia em Salvador, ponto de passagem obrigatório de turistas e soteropolitanos.

A contribuição de Piatã, neste empenho de promover Salvador como cidade da alegria e da tradição, apresenta um viés diferente do bairro do Rio Vermelho. Salvador é uma cidade que tem sua história ligada à pesca, em suas praias já pescavam os índios tupinambás, antes da chegada dos colonizadores portugueses, e no caso de Piatã, a tradição está associada ao bairro de Itapuã, cujo passado está quase que integralmente ligado à pesca, das armações de caça à baleia, ao tempo da antiga aldeia de pescadores, quando toda a vida comunitária girava em torno da pesca.

Até pouco antes da construção da Avenida Beira-mar, em meados do século XX, Itapuã permaneceu num relativo isolamento. A vila não fazia parte, definitivamente, do tecido urbano de Salvador. Para se chegar ao centro da cidade do Salvador, suas feiras, lojas comerciais, hospitais e outros estabelecimentos importantes, como os centros de poder, se gastavam muitas horas em estradas bem desconfortáveis, em montaria, ou a pé, pela praia, na maré baixa, para poder atravessar os rios que deságuam na orla. Para termos uma ideia mais aproximada de como era a vila de Itapuã neste passado recente, vale a pena acompanhar um trecho do pequeno livro, *Itapuã do Passado*, editado artesanalmente, de autoria de Edison de Palma Meirelles.

O arraial constituía-se quase exclusivamente de casas de taipa (sopapo), porque de construção mesmo existia apenas a velha Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Itapuã, o depósito do óleo de baleia e algumas casas. Nos tempos idos toda a comunicação com esta pequena aldeia de pescadores, só era possível em épocas de marés vazias, porque o rio Jaguaribe que ainda corre paralelo à praia, possuía uma largueza bem maior que a atual, quando a maré cheia a represava, tornava-se impossível atravessá-lo, porque havia a formação de um grande lago com bastante profundidade e correnteza, que por algumas vezes havia tragado pessoas afoitas.

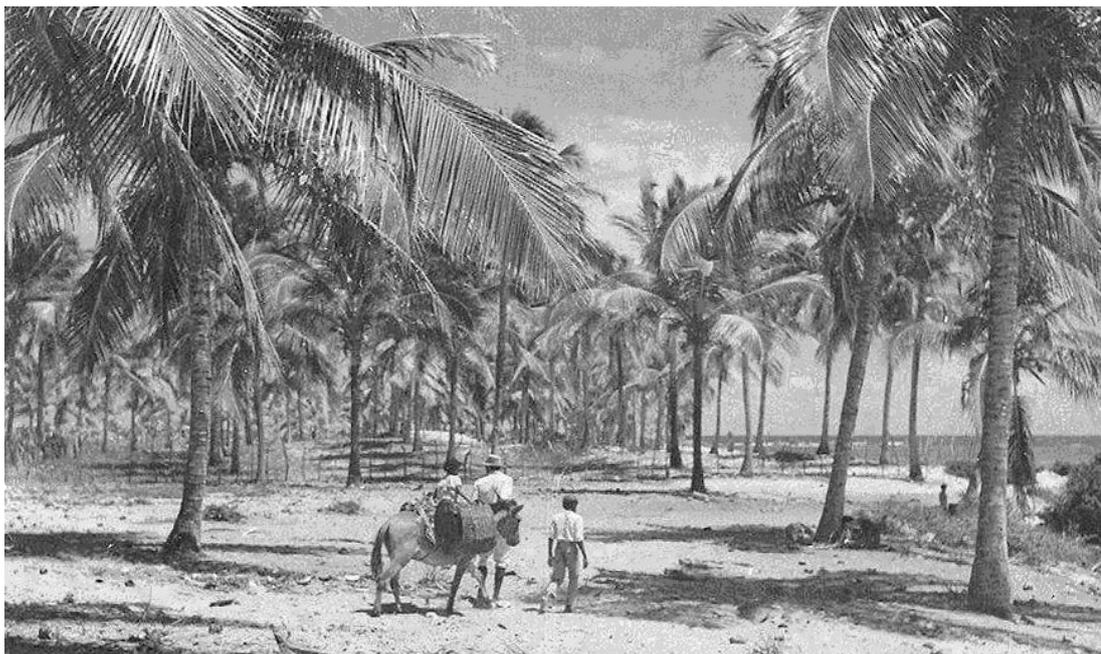


Foto de autor desconhecido – caminho por entre os coqueirais para a antiga vila de pescadores de Itapuã.

Os moradores da vila dependiam muito da pesca. O peixe e outros frutos do mar era o alimento de todos os dias e o produto a ser vendido para gerar renda para as necessidades do corpo e da alma. Os atuais pescadores de Piatã são quase todos descendentes desses moradores. Eles narram sobre dificuldades que suas famílias enfrentavam naquela época. Afinal, não é todo dia que o mar está para peixe, apesar de naquele tempo o peixe existir em abundância na região. O que não existia eram compradores. Os consumidores de Salvador estavam longe. Portanto, a vida de quem morava e pescava em Itapuã, precisava ser resolvida por ali mesmo. Havia aqueles que davam um jeito de levar os peixes para serem vendidos em Salvador, mesmo com todas as dificuldades da viagem. Tal atividade era realizada em família, pois os peixes precisavam ser salgados ou pré-assados para garantir a conservação dos mesmos, tarefa que era realizada pelas filhas das famílias. Os pais e os filhos mais velhos realizavam a captura dos peixes e os filhos mais novos ficavam responsáveis pelo transporte dos peixes, que eram vendidos pelas mulheres, mães e filhas mais velhas, nas feiras e no comércio de Rua de Salvador. As mulheres que comercializavam os peixes ficaram conhecidas como as ganhadeiras de Itapuã.³²

Se o isolamento de Itapuã trazia problemas, também produzia suas vantagens, sendo fácil ouvirmos relatos sobre os encantos da Itapuã do passado. A começar pela paisagem das praias repletas de coqueiros sem a interferência do concreto de grandes construções, como as que existem atualmente. As casas das famílias dos pescadores eram de telhados de palha, que podiam

³² Ainda hoje este termo usado, mas agora para se referir a um grupo de mulheres que fazem apresentações de samba de roda.

até não ser agradáveis para quem habitava nelas, mas traziam um forte sentimento de integração com o meio ambiente.

Os moradores de Itapuã desenvolveram uma cultura própria, singular, de festas religiosas e profanas que movimentavam a vida da aldeia.³³ Os pescadores falam que todo mundo se conhecia e o clima reinante era de muita tranquilidade, harmonia e solidariedade. Um recanto de paz, celebrado e exaltado não só pelos antigos pescadores, mas também por quem vivenciou esse tempo mesmo de passagem. Em meados do século XX, havia entre a população de Salvador o hábito do veraneio em praias afastadas do centro urbano e Itapuã era um desses locais escolhido por suas belas praias, pela culinária de frutos do mar e pelo povo hospitaleiro. Meirelles, em outro trecho do livro citado acima, conta que um desses veranistas foi o compositor Dorival Caymmi, famoso autor de canções de sucesso, exaltando as qualidades do local e de sua gente, especialmente os pescadores.

Na década de 1980, outro ilustre compositor da música popular brasileira, conheceu e se apaixonou por Itapuã, decidindo fixar residência ali. O carioca Vinícius de Moraes compôs uma canção que se tornou uma espécie de hino de Itapuã.³⁴ O refrão da música – *É bom passar uma tarde em Itapuã, ouvir o mar de Itapuã*, ganhou as rádios do Brasil e tornou Itapuã conhecida mundo afora.³⁵

³³ A festa de Nossa Senhora da Conceição de Itapuã era realizada todos os anos, durante 9 dias, organizada por pescadores e ganhadeiras. Na praça em frente à Igreja eram armadas barracas utilizadas para diversas finalidades. Desde quermesses e leilões, para angariar fundos para a paróquia, à venda de bebidas alcoólicas e frutas típicas da região. Na quinta-feira acontecia a Lavagem da Igreja. A população enfeitava os animais responsáveis por carregar a água limpa trazida das fontes mais próximas. E o chão da igreja era esfregado com areia fina e alva misturada com folhas de Pitanga, para perfumar o ambiente.

A lavagem da igreja de Itapuã ainda acontece nos dias de hoje. Porém, bem diferente. A festa foi incorporada aos eventos destinados a promover o turismo de Salvador, havendo pouca participação da população mais antiga do bairro na organização e até mesmo no festejo.

Outras festas importantes faziam parte do calendário religioso de Itapuã. A festa de São Francisco de Assis acontecia na capelinha localizada na entrada do cemitério da vila. A missa de São Pedro, padroeiro dos pescadores. Neste dia o altar da Igreja recebia uma ornamentação especial. São Francisco de Assis também era homenageado com um culto na sua capelinha que ficava na entrada do cemitério da vila.

³⁴ Por esses feitos, composições que exaltam o modo de vida e a beleza da antiga aldeia de pescadores, Caymmi e Vinícius, escreveram seus nomes na história de Itapuã. Dorival Caymmi é nome de praça e da principal avenida do bairro. Já o boêmio Vinícius de Moraes ganhou uma estátua de bronze instalada na praça que fica em frente à casa onde ele morou em sua passagem por Itapuã. Os turistas adoram tirar fotografia ao lado da “poetinha”.

³⁵ Um velho calção de banho / Um dia pra vadiar / O mar que não tem tamanho / E um arco-íris no ar / Depois, na Praça Caymmi / Sentir preguiça no corpo / E numa esteira de vime / Beber uma água de côco / É bom! / Passar uma tarde em Itapuã / Ao sol que arde em Itapuã / Ouvindo o mar de Itapuã / Falar de amor em Itapuã / Enquanto o mar inaugura / Um verde novinho em folha / Argumentar com doçura / Com uma cachaça de rolha / E com olhar esquecido / No encontro de céu e mar / Bem devagar ir sentindo

À exceção da Colônia de pesca do Rio Vermelho - por razões ligadas à promoção do turismo e não da pesca, não se verifica nenhuma ação governamental, no âmbito estadual, federal ou municipal, voltada para beneficiar os pescadores artesanais das diversas colônias de pescadores existentes ao longo da orla marítima de Salvador. Os pescadores artesanais e sua tradicional atividade integrada à paisagem das praias, estão em acordo com o imaginário que se quer vender aos visitantes e também aos residentes, de uma Bahia alegre e voltada para a preservação de suas tradições. A pesca artesanal merece muito mais atenção do que tem tido até agora por parte dos responsáveis por gerir os destinos da cidade, pela série de razões que procurei explicitar ao longo desta narrativa.

A autonomia solidária que a pesca artesanal possibilita e como os pescadores de Piatã se utilizam dela para sobreviver, é admirável. Principalmente se considerarmos que eles estão na cidade, este ambiente que Ramalho (2006) classifica como incompatível com o universo da pesca. Tudo que acontece de efetivo para a pesca continuar acontecendo em Piatã é feito pelos próprios pescadores, de forma voluntária. A construção da nova sede da capatazia, por exemplo, representou mais prejuízo do que benefício para os pescadores, principalmente para os canoeiros do arrastão. No projeto de reforma da prefeitura constava a construção de um mirante em cima das dunas. O mirante, como sabemos, não saiu do papel. Registre-se que a nova sede foi pensada dentro do plano de requalificação arquitetônica da orla de Itapuã e não como um benefício aos pescadores. A nova sede da colônia de Piatã foi entregue sem luz e sem água e os pescadores que se mudaram para lá tiveram muito trabalho com a burocracia, só conseguindo instalação de energia elétrica depois de um ano. A nova sede foi construída em um lugar que inviabilizaria a pesca dos canoeiros. Por isso, estes não se deslocaram para a nova sede, que fica boa parte do tempo vazia, totalmente diferente da antiga, onde se agregavam todos os pescadores daquela colônia.

A terra toda rodar / É bom! / Depois sentir o arrepio / Do vento que a noite traz / E o diz-que-diz-que macio / Que brota dos coqueirais / E nos espaços serenos / Sem ontem nem amanhã / Dormir nos braços morenos / Da lua de Itapuã / É bom!



A atitude dos pescadores de Piatã não é de lamentação ou de expectativa que o poder público venha auxiliá-los de alguma forma, a não ser com a aposentadoria na velhice, já que os antigos laços comunitários perderam força na nova Itapuã. O grupo mais ativo do arrastão, a equipe de Veveco e Bau, por outro motivo, já preferia usar a pequena cabana de telhado de palha como alojamento de pesca, mesmo antes da mudança da sede para longe. Os pescadores de Piatã não recebem seguro defeso da pesca. Por outro lado, não presenciei nenhum tipo de fiscalização de qualquer órgão público sobre suas atividades. Os próprios pescadores fiscalizam-se uns aos outros, preocupados em justamente não atrair algum tipo de fiscalização. Certa vez saiu uma notícia na imprensa de Salvador dizendo que os pescadores de Piatã estavam pescando tartarugas. Na verdade, a notícia saiu distorcida, uma tartaruga se enroscou na rede e os pescadores a libertaram, e foi só isso, mas os pescadores da colônia ficaram apreensivos com a repercussão da notícia.

A geografia do entorno da colônia de Piatã lhe confere características que são bem exploradas pelos pescadores. A pequena elevação da duna de areia permite visualizar a presença dos cardumes. A enseada que fica na frente da colônia é um porto natural usado para embarque

e desembarque das embarcações da pesca. A localização da colônia por entre o coqueiral de Piatã, distante da avenida, afasta olhares alheios. Por tudo isso, Piatã se torna um porto seguro, um cantinho da cidade, do mundo, onde os “reis do pedaço” e comandantes de suas próprias vidas são os pescadores artesanais. Ali, um grande número de pescadores se reúne alternadamente. Alguns são frequentadores constantes, outros nem tanto e ainda há os que aparecem de vez em quando.



O jogo de poder fora da praia de Piatã é muito complexo. Sabemos bem como este jogo funciona. A elite humana na tentativa de ditar as regras e se manter no comando do mundo, agora globalizado, usa de suas corporações midiáticas, políticas e culturais para disseminar a ideia de que o modo de vida, que se convencionou chamar de ocidental, é superior a outras maneiras de se viver. Karl Polanyi, já em meados do século passado alertava que devíamos duvidar dessas ideias:

Como organizar a vida humana numa sociedade de máquinas é uma questão que volta a nos confrontar. Por trás do tecido esgarçado do capitalismo competitivo avulta uma portentosa civilização industrial, com sua paralisante divisão do trabalho, sua padronização da vida, bem como sua supremacia do mecanismo sobre o

organismo e da organização sobre a espontaneidade. A própria ciência é assombrada pela insanidade. Aí está a preocupação permanente.³⁶

O pescador de Piatã não está fora desse sistema, absolutamente. Mas, no seu ambiente de pesca, o excepcional domínio de seu ofício, enquanto lhe for permitido exercê-lo, opõe-se a essa determinação. Ele não tem de dizer, sim senhor para ninguém, frase dita e repetida por Guio, que provavelmente teve de dizer sim senhor para muitos patrões, em sua jornada de vida. Mesmo para aqueles pescadores que se inserem no mercado de trabalho, a pesca funciona como um bálsamo para suas almas. O pescador é dono de seu conhecimento e domina as etapas de sua produção.



Os principais problemas que afetam a vida dos pescadores de Piatã vêm da ordem econômica vigente, que polui os oceanos e incentiva a pesca industrial ao redor do mundo, sem respeito aos ciclos de reprodução das espécies marinhas levando à destruição dos estoques pesqueiros. A destruição do meio ambiente tem como grave consequência tirar dos pescadores artesanais a possibilidade de viver de forma autônoma sem depender de empregos subalternos

³⁶ Nossa obsoleta mentalidade de mercado, 1947. Republicado em POLANYI, Karl. A subsistência do homem e ensaios correlatos. Contraponto, Rio de Janeiro, 2012.

no sistema abrangente. Chiquinho lembra que antigamente em Piatã havia peixe de sobra, mas não tinha comprador e agora não tem peixe suficiente para tanta gente que quer comprar.



Ser um pescador artesanal na cidade é aprender a enfrentar um novo desafio, a ideologia apontada na direção de uma vida para o consumo, de mercadorias. A pesca artesanal como espero ter demonstrado, é compatível com o espaço urbano. A pesca artesanal realizada em meio urbano, consegue cumprir com sua função econômica e social. Sim, é possível viver da pesca artesanal na orla de Salvador. Um viver pensado de outra maneira, outra natureza, outra cultura (Descola, 2016).

A pesca praticada em ambiente urbano, seja artesanal ou esportiva, para subsistência ou distração, se torna ainda mais interessante justamente por acontecer dentro de uma cidade, de uma selva de pedra. A pesca artesanal, por vários motivos, torna a cidade um lugar melhor para todos habitarem.

A cidade é um tema importante no presente. O homem contemporâneo se sente seduzido pela vida da cidade, vida moderna, em todo seu esplendor. Pensar, refletir, compreender, interpretar a vida humana levada em uma cidade é uma tarefa complexa. A cidade antes de qualquer coisa é um lugar onde pessoas residem coletivamente, mesmo aquelas que passam pela vida sem se conhecer. A cidade se expande com a chegada de mais pessoas, com as

construções realizadas por essas mesmas pessoas, edificações que servem de moradias, ou para outras infinitas atividades. A cidade é feita pelos homens, para os homens. O pescador artesanal urbano é um exemplo de um modo de vida que consegue integrar em suas práticas; meio ambiente, natureza e sociedade, urbana.



A cultura da pesca em Piatã vai continuar existindo enquanto houver peixe nesse “marzão de meu Deus”. Jamais um recurso vital para a alimentação, para processos comunitários e outras dimensões, como a pesca, será desprezado pelas novas gerações de Piatã. Como tudo na vida, haverá processos adaptativos, novas técnicas de pesca surgirão e outras cairão em desuso, no interminável fluxo da vida. Os pescadores mais velhos de Piatã saíram para experimentar a cidade e retornaram para a pesca. Os filhos desses pescadores lutam para se adaptar ao novo tempo, onde a paz da antiga vila de pescadores cedeu lugar à ilusão da garantia da subsistência através do emprego estável.

E o arrastão continua sendo um belo cartão postal. E quem sabe um dia será elevado à condição de patrimônio imaterial de Salvador, Bahia.





As teorias de Tim Ingold, em seu projeto de restaurar a vida para a antropologia, foram desenvolvidas para abarcar a totalidade da experiência humana, mas em vários aspectos até parecem terem sido inspiradas no modo como vivem os pescadores de Piatã. Estes, os pescadores, têm múltiplas oportunidades de “*erguer o olhar para as ondas quebrando na praia*”. O que veem, não parecem serem objetos e superfícies, mas materiais em movimento, um mundo em movimento, em fluxo e devir, um mundo de mar e céu, um mundo-tempo. Por outro lado, literalmente, o que acontecesse quando se olha para a terra, a partir do mar? Segundo Ingold, ao vermos a terra desde o mar, é a solidez do próprio chão que é posta em dúvida. Que ela também não esteja em repouso, mas em movimento e mudança incessante, é – escreve o marinheiro e filósofo Martin Dillon, citado por Ingold – ‘uma lição que o mar pode nos ensinar sobre a terra’ (Ingold, 2015: 200-201).



Perceber e agir no mundo-tempo é alinhar sua própria conduta aos movimentos celestes do sol, da lua e das estrelas, às alternâncias rítmicas da noite e do dia e das estações do ano, à chuva e ao dia aberto, à luz do sol e à sombra (idem).



Perceber e agir em consonância com o movimento do mundo talvez explique a habilidade extraordinária que o pescador possui de se equilibrar na canoa de pesca. Com os pés descalços, o pescador segue ao longo de um caminho de vida, deixando seus rastros na areia da praia, que serão apagados e refeitos, no interminável devir dos fluxos da vida. Enquanto os pescadores crescem no mundo, o mundo cresce neles.



Ao longo dessa jornada de compartilhamento com os pescadores artesanais, o que mais me impressionou, na figura destes homens do mar, não foi o domínio de suas elaboradas técnicas de detecção e captura de espécies difíceis de localizar, sua coragem de enfrentar os perigos do mar em pequenas embarcações, ou sua extrema habilidade no manejo de seus instrumentos de pesca. O que mais me impressiona na figura do pescador artesanal de Piatã é exatamente seu espírito de liberdade, e essa possibilidade de escolha, entre viver à margem do sistema econômico abrangente - que impõe espoliação, dominação e subjugação a um grande número de pessoas, que dependem exclusivamente da venda de sua força de trabalho para subsistirem e se reproduzirem - ou se for necessário e vantajoso inserir-se neste sistema, mas sempre com a perspectiva de poder voltar para a pesca, que em qualquer circunstância proporciona independência e autonomia.

A pesca artesanal é uma prática de liberdade, onde tempo livre e trabalho não são antagonicos. “Do contrário, tais relações celebram aproximações entre saber-fazer pesqueiro, lazer e vida, formando e conformando um todo societário” (Ramalho, 2006: 36).

Finalizando esta etapa dentro do prazo de seis segundos que me foi concedido, voltarei ao início da narrativa e citarei novamente a frase de Walter Benjamin: “Quem não é capaz de tomar partido tem de calar-se”.

Nesta minha longa jornada, sem dúvida algumas falhas foram cometidas, menos a de não tomar partido. A antropologia tem um sentido claro para mim, encaro a prática antropológica como um esporte de combate.³⁷ Entendo como um dos papéis dos antropólogos o de compreender as diferenças para dar visibilidade à pluralidade e a diversidade de ideias existentes na sociedade local e global, e assim contribuir com grupos periféricos, para que lhe sejam dadas possibilidades de crescimento social. Procurei nesta apresentação deixar claro que um estudo antropológico pode ser um convite para que “as pessoas com as quais trabalhamos participem de uma grande conversa a respeito de como no mundo estão se moldando a humanidade e uma forma humana de vida que possam ser adequadas e possíveis no futuro”. Sou a favor de uma antropologia que reconhece a capacidade da vida de continuamente ultrapassar as destinações que são atiradas em seu percurso. Que entende a vida como um movimento de abertura, não de encerramento (Ingold, 2012, 2015).

Foi nesse sentido que procurei trazer os pescadores de Piatã para esta conversa, trazendo através desse testemunho a maneira como eles escolhem viver. Sendo esta, uma das muitas maneiras possíveis de se viver na cidade, ou longe deste arranjo social.

Quanto às imagens, é evidente minha tomada de posição a favor de seu uso em estudos antropológicos. Nesta pesquisa uma imagem em especial foi a responsável por todos os movimentos que me trouxeram o conhecimento que procurei descrever. Priorizei usar a fotografia como ferramenta metodológica e como linguagem capaz de transmitir informações e ideias de uma forma sensível, um ato pensado na perspectiva antropológica, uma escolha que começou a partir do vislumbre de um recorte do mundo visível e seguiu até o momento da edição das últimas fotografias mostradas e em qual ordem isso aconteceu.

A fotografia é a minha linguagem e a antropologia, meu fundamento.

³⁷ Parafraseando Pierre Bourdieu. *La sociologie est un sport de combat*, 2001, em Pierre Bourdieu. Documentário de Pierre Carles.























APÊNDICE

...mover, conhecer e descrever não são operações separadas que se seguem umas às outras em série, mas facetas paralelas do mesmo processo – aquele da vida mesma. É movendo-nos que conhecemos, e é movendo-nos também que descrevemos. (Ingold, 2015: 13)

1. Primeiros movimentos.



A vasta literatura antropológica a qual me referi no primeiro capítulo, sobre a pesca artesanal, me forneceu o embasamento teórico para que eu pudesse iniciar, de fato, a pesquisa junto aos pescadores artesanais urbanos. Porém, de toda maneira, ainda faltava algum conhecimento empírico sobre o ofício dos pescadores artesanais em um ambiente tradicional para que eu pudesse diferenciar as especificidades do que é ser um pescador na cidade. De modo que o convite para integrar a equipe de pesquisadores do ObservaBaía, recebido logo nos primeiros dias após o ingresso no Programa de Pós-graduação em Antropologia, veio na hora certa. O Programa ObservaBaía estuda as populações em condições de vulnerabilidade socioambiental da Baía de Todos os Santos. Dentre estas, muitas comunidades de pescadores.



Como participante do ObservaBaía editei dois videoclipes, um com imagens de festas e pescadores da Baía de Todos os Santos,³⁸ e outro sobre achados arqueológicos na BTS. Produzi um ensaio fotográfico sobre a Festa em Homenagem a Nosso Senhor da Vera Cruz, na Ilha de Itaparica, apresentado no Seminário Baías da Bahia, realizado na cidade de São Francisco do Conde. Visitei comunidades de remanescentes de quilombos na região de Santiago do Iguape e Cachoeira. Cruzei a BTS inúmeras vezes na direção das vilas de pescadores de Baiacu e

³⁸ Disponível do YouTube em <https://www.youtube.com/watch?v=q4FWzt-bHP8>

Juerana. Andei pela Comunidade do Solar do Unhão,³⁹ e realizei um ensaio fotográfico na festa do Marujo Olho Vivo, na Feira de São Joaquim, que fica às margens da Baía de Todos os Santos



³⁹ A Comunidade Solar do Unhão fica na entrada da Baía de Todos os Santos, em Salvador. Trata-se de uma antiga comunidade de pesca, mas atualmente pouco dos antigos pescadores ainda vivem da pesca, preferindo se dedicar às atividades ligadas ao setor de turismo, conduzindo embarcações de particulares ou de empresas voltadas para o atendimento de turistas.



Apreendi muito com as observações nas comunidades ao redor da Baía de Todos os Santos e com o material de leitura que me foi sugerido pelos coordenadores do Programa. Participar do ObservaBaía foi uma etapa importante para atingir o objetivo proposto nesta pesquisa, compreender o que é ser um pescador artesanal na cidade. A experiência empírica com as comunidades tradicionais ao redor da Baía de Todos os Santos, onde pude observar diretamente o que consta na literatura etnográfica, me educou para a etapa seguinte, desenvolvida junto aos pescadores artesanais que atuam no meio urbano.

A seguir apresentarei um breve relato da primeira etapa da pesquisa.

1.1 Pescadores de Baiacu.

Baiacu é a vila de pesca mais antiga de Itaparica. Situada na contra costa da ilha, o acesso ao povoado é um tanto difícil, sendo por isso uma das comunidades mais isoladas da Ilha. O caminho mais fácil para se chegar a Baiacu é atravessar de barco pela Baía de Todos os Santos e depois pegar duas conduções até a vila.



Na foto acima, pescadores de Baiacu retornando ao povoado por volta das 8 horas da manhã, em tempo de vender o peixe fresco para consumo local e abastecimento de outras localidades na Ilha de Itaparica e Salvador.

Sua população predominantemente negra vive basicamente da pesca de subsistência praticada por marisqueiras e pescadores artesanais. A localização da vila em área de manguezal garante a riqueza da flora e fauna da região. A baixíssima balneabilidade de suas praias afasta

o interesse do setor de turismo e a especulação imobiliária, que têm sido responsáveis pela degradação ocorrida no outro lado da Ilha de Itaparica. Estive em Baiacu quatro vezes em épocas diferentes. Os pescadores de Baiacu estão acostumados com a presença curiosa de pesquisadores das mais diversas áreas, fato que facultou meu acesso à rotina deles e a informações obtidas diretamente, mas, por outro lado, me desestimulou a continuar investindo em alguma nova pesquisa naquele povoado. Antes de mudar de rota, participei por sugestão do presidente da colônia de pesca, da Festa de Nosso Senhor da Vera Cruz. O ponto alto dessa festa é uma missa campal celebrada nas ruínas da mais antiga igreja da Bahia, construída no ano de 1560, pelos padres jesuítas. As paredes da velha igreja servem de sustentáculo para as raízes de belíssimas gameleiras, conferindo às ruínas da igreja um aspecto de monumento à história da Ilha de Itaparica. Após a celebração da missa, a imagem do Nosso Senhor é carregada em procissão pelas ruas do povoado finalizando na nova capela da vila. Além dos moradores de Baiacu, centenas de visitantes participam da festa, principalmente da parte profana, lotando bares e restaurantes do povoado.







Em outra oportunidade, participei de uma reunião convocada pela Federação dos Pescadores da Bahia, com a finalidade de incentivar os pescadores de Baiacu a votarem nos candidatos eleitorais que defendem causas relacionadas à pesca artesanal. Na ocasião também foi apresentado um projeto do governo estadual visando à construção de uma Estação de Tratamento de Efluentes, que segundo previa o projeto, não afetaria o ecossistema marinho. A contraproposta da comunidade foi a proposta de construção de um emissário submarino. Segundo o professor de Biologia da UFBA, Everaldo Queirós, nenhuma das duas propostas deveria ser levada adiante. Na proposta do governo, o impacto da ETE era minimizado por considerar apenas o índice de coliformes, desprezando os outros elementos constantes dos efluentes - antibióticos, anticoncepcionais, fosfatos, nitratos, compostos nitrogenados, metais complexos, etc. Na proposta do emissário, o erro estaria em desconsiderar que a APA Pinaúnas atinge a profundidade de 20 metros. O emissário tiraria a pressão sobre o manguezal, mas atingiria o ambiente recifal. A reunião aconteceu num domingo ensolarado, no mesmo horário que estava marcada uma partida de futebol do campeonato amador das comunidades da Ilha de Itaparica. O fato curioso foi que o jogo só pode ser iniciado após a baixa da maré.







1.2. Comunidade do Solar do Unhão.



A rápida passagem pela Comunidade do Solar do Unhão foi uma tentativa de conciliar o foco na pesca artesanal urbana e ao mesmo tempo contribuir com material para o ObservaBaía, já que a Comunidade fica localizada a beira-mar, na entrada da Bahia de Todos os Santos, pelo lado da cidade do Salvador. O bairro ganhou este nome de Comunidade do Solar do Unhão devido a sua vizinhança com o Solar do Unhão, importante conjunto arquitetônico que serviu de residência para famílias de nobres no auge da economia baiana colonial. No presente, as reformadas instalações do Solar abrigam o Museu de Arte Moderna. O surgimento

do bairro se deve a ex-escravos, inclusive alguns do próprio Solar, que usavam a pesca como fonte de subsistência. Muitos moradores desta comunidade viviam da pesca até bem pouco tempo. Mas agora a maioria de seus moradores está ali para estarem mais próximos das áreas centrais da cidade, perto do local de trabalho, podendo chegar mais rápido até estes. Recentemente um grupo de artistas começou a intervir no bairro pintado as estreitas vielas com grafites e promovendo diversas atividades culturais. Os descendentes dos pescadores do passado, que ainda residem na comunidade e mantêm alguma atividade ligada ao mar, se empregam como marinheiros nas marinas situadas nas proximidades. Os poucos moradores da Comunidade que ainda pescam fazem isso nas horas vagas, sem nenhuma regularidade determinada. Mesmo sendo uma comunidade de baixa renda, ali também a especulação imobiliária expulsou as famílias de pescadores para outras áreas da cidade, distantes do mar e das atividades ligadas à pesca. Como se trata de uma região central, valorizada pelo mercado imobiliário, já houve várias tentativas de expulsão dos moradores, que se organizaram, conseguindo resistir à pressão governamental e permanecendo na área. Não há dúvida de que se trata de uma moradia privilegiada, à beira-mar, no antigo centro da cidade. Poucos lugares em Salvador possuem uma vista tão bonita como a que se encontra ali, de frente para a Bahia de Todos os Santos.

1.3 Pescadores de Santiago e Vale do Iguape

A pesca, a coleta de marisco e as pequenas roças agrícolas são a base da subsistência da população de Santiago do Iguape e dos quilombolas da Bacia e Vale do Iguape. Os líderes da colônia de pesca de Santiago do Iguape solicitaram a ajuda de pesquisadores do ObservaBaía para descobrir a causa de uma queimação na pele que estava vitimando os pescadores da região quando estes entram no manguezal para a retirada das armadilhas. Descobriu-se que a queimação é provocada por um tipo de esponja invasora que, muito provavelmente, chegou à região grudada nos cascos dos navios cargueiros que transitam na BTS, provenientes de outros pontos do planeta. Ao chegar na região, esta esponja encontrou ambiente propício para seu desenvolvimento, por não encontrar nenhum predador natural. Este é apenas mais um dos problemas que o desenvolvimento industrial vem causando às populações tradicionais da Baía de Todos os Santos. No porto de Santiago do Iguape tem um fiscal responsável por contabilizar o pescado desembarcado, para balizar qual poderá ser a indenização dos pescadores, em caso de acidente ambiental provocado por empresas que operam na Baía.

Estive em duas oportunidades na região da Bacia e Vale do Iguape acompanhando pesquisadores do ObservaBaía. Os quilombolas dessa região criaram um conselho integrando quatorze comunidades, distribuídas nos distritos de Santiago do Iguape e São Francisco do Paraguaçu, cujos nomes já revelam sua origem: Kaonge, Kalembá, Kaimbongo, Velho, Kalolé, Dendê, Imbiara, Engenho da Ponte, Engenho da Praia, Engenho da Vitória, Tombo, Engenho Novo, Engenho da Cruz, e Brejo. O conselho tem conseguido estimular práticas muito interessantes, como a agroecologia, visando à produção de alimentos saudáveis, sem uso de agrotóxicos. Destaque para a valorização da história e cultivo do dendê e para a ampliação do turismo étnico, com a criação da Rota da Liberdade.









2. Itapuã, a pedra que ronca.

Para uma melhor contextualização da importância da pesca na praia de Piatã apresentarei uma breve meso-história da pesca na região.



Homem Tupi, Albert Eckhout, 272 x 163 cm, 1643. Museu Nacional da Dinamarca, Copenhague.⁴⁰

⁴⁰ <https://ensinarhistoriajoelza.com.br/indios-brasileiros-retratados-por-um-holandese/> - Blog: Ensinar História - Joelza Ester Domingues

2.1 Os primeiros pescadores de Itapuã

Itapuã é mais um dos bairros de Salvador que tem sua origem e povoamento associado à pesca. Sabemos a partir de registros históricos que a pesca acontece em Itapuã desde antes da chegada dos europeus no Brasil. Os primeiros pescadores a se estabelecerem em Itapuã foram os indígenas. O próprio nome Itapuã é uma herança dos tupinambás, os indígenas que habitavam o litoral baiano antes da chegada dos europeus.⁴¹ A pesca era uma das principais atividades praticadas pelas tribos que ocupavam o litoral da Bahia. Os tupinambás se valiam da geografia marítima de Itapuã, amplamente favorável à pesca, para navegar com rústicas embarcações por entre as pequenas enseadas de águas calmas ou andar pelo conjunto de formações rochosas que ainda hoje servem de referência para os pescadores artesanais de Itapuã.⁴²

O domínio do litoral como lugar de habitação foi motivo de disputa entre os indígenas. As tribos tupinambás vieram do interior, segundo conta a historiadora Maria Hilda Baqueiro, atravessando florestas, acreditando na profecia que encontrariam o deus maior, o deus do universo, na terra do sol nascente. “*Não encontraram Maíra, mas descobriram um paraíso feito de sol, areia branca, águas mornas, peixes e frutos em abundância: o litoral do Brasil.*” (Mariano 2011). Os índios tupinambás praticavam a agricultura, caçavam e coletavam, mas a fatura de peixes do litoral tornava a subsistência uma tarefa mais fácil. Os tupinambás construíram um conhecimento sobre o comportamento das marés e dos ciclos dos peixes e outras espécies marinhas. Conhecimento que foi sendo transmitido de geração a geração até chegar aos atuais pescadores artesanais de Piatã.

Ao falar sobre a importância da pesca para os tupinambás, o historiador Antônio Risério, baiano e ex-morador de Itapuã, classifica os tupinambás como ictiófagos, comedores de peixes. Os tupinambás utilizavam materiais extraídos do mundo natural, nos vários tipos de pescarias que praticavam. Eles fabricavam pequenos arpões de madeira, usavam anzóis de espinhas de peixes e plantas, amarrados na ponta de linhas desfiadas do tucum - planta nativa que fornecia

⁴¹ Para a maioria dos moradores do atual bairro o topônimo Itapuã quer dizer pedra que ronca. Alguns historiadores, discordam e preferem a versão de que *apuã* seria ponta, donde Itapuã seria pedra de ponta. Narcimária Luz (2008) diz que [...] na língua tupi-guarani *ita* significa pedra e *apuã* significa choro, gemido: Itapuã. Há também outra interpretação que diz ser Itapuã em tupi, um rochedo que se ergue, a pedra que ergue a cabeça redonda acima das águas na margem do oceano. A pedra possuía uma grande cavidade no seu interior que acumulava ar e, quando a maré “vazava”, produzia um barulho estrondoso, parecia um “ronco”, levando os tupinambás a chamarem-na de Itapuã. (LUZ, 2008, p.110).

As duas versões tem suas razões para estar certas. Gabriel Soares registrou a existência de uma pedra de ponta que indicava aos navegantes a proximidade da cidade da Bahia. Em Itapuã existe ainda hoje uma pedra de ponta que serve de guia para a entrada do canal de acesso ao pequeno porto de águas tranquilas. Em noites silenciosas pode-se ouvir como um “ronco” o barulho das águas quebrando de encontro a essa pedra de ponta.

⁴² A jangada foi o tipo de embarcação usada durante muito tempo pelos pescadores de Itapuã. Câmara Cascudo em seu estudo sobre a jangada cita a carta de Pero Vaz de Caminha, onde o mesmo diz que os índios navegavam em embarcações feitas de três paus atados entre si.

fibras fortes e resistentes, também empregadas na fabricação de pequenas redes. Para se locomover usavam jangadas e canoas escavadas de um único tronco, do mesmo tipo das que ainda são utilizadas pelos pescadores artesanais de diversas praias do litoral baiano (Risério, 2004). Sabiam construir gamboas de pescar, que são labirintos feitos de pau e pedras, onde é fácil do peixe entrar na maré alta, mas de intrincada escapatória na baixa maré, fazendo dos peixes presas fáceis para os índios pescadores (Portela, 2012). Os tupinambás também usavam o timbó e o tingui como ervas entorpecentes, mas a principal arma dos índios era mesmo o arco e flecha. Em uma passagem do livro, *Uma história da Cidade da Bahia*, Risério cita Jean de Léry: “Começarei dizendo que os selvagens chamam ao peixe, genericamente de pirá, dando nomes particulares às diversas espécies... Quando os veem assim em bandos, aproximam-se os selvagens de repente e com flechas certas e em poucos momentos físgam muitos peixes. Como, feridos, não podem ir ao fundo, os flechadores os apanham a nado”.

No boletim publicado pelo Museu Nacional, no ano de 1944, *Os Elementos Culturais da Pescaria Baiana*, C. F. Ott analisa o legado deixado pelos indígenas na pescaria baiana.⁴³ Para Ott, o índio era excelente nadador e valente na pescaria; tanto que, como diz Gabriel Soares – *se de noite não têm com que pescar, se deitam na água e, como sentem o peixe consigo, o tomam às mãos de mergulho.*

O texto de C. F. Ott traz um impressionante relato sobre a valentia dos índios pescadores. Desta vez é Frei Vicente quem narra a luta desigual entre o tupinambá baiano e um tubarão – *são grandes nadadores e a braços tomam o peixe, ainda que sejam tubarões, para os quais levam em uma mão um pau de palmo, pouco mais ou menos, que lhe metem na boca direto e, como fiquem com a boca aberta, que a não pode cerrar com o pau, com a outra mão lhe tiram por ela as entranhas, e com elas a vida, e o levam para a terra, não tanto para os comerem como para dos dentes fazerem as pontas de suas flechas.*

Na memória de alguns moradores de Itapuã a descendência indígena permanece viva. Seu Miguel Arcanjo dos Santos, entrevistado pelos pesquisadores do Projeto História dos Bairros de Salvador relata:

Que Itapuã era terra de índio. Bom depois foi chegando o... os africanos, e... negócio de pescaria da baleia, e foi chamando gente pra terra, chamando africano; veio isso, veio aquilo, veio até português, espanhol, e hoje está ‘impistiada’ aí, cheia de espanhol, português. Agora essa história aí é que eu sei bem, que meu avô dizia que Itapuã foi... era terra de índio. Quem iniciou Itapuã, ele dizia, foi índio e pescador mesmo. Ele mesmo era filho de índio. Ele me dizia.

⁴³ Ott, C.F., Os elementos culturais da pescaria baiana, BOLETIM DO MUSEU NACIONAL, 30 de outubro de 1944. Rio de Janeiro.

Na mesma entrevista Seu Miguel revela o orgulho que sente pelas origens do avô, Adriano Santos, conhecido como Adriano Caboclo, “o melhor arpoador da região”, afirma o neto. Outra itapuãzeira a confirmar sua descendência indígena é Dona Helena Nazaré: *“Minha bisavó foi pegada nas matas de... num lugar que se chama Malhadas, pra lá de Praia do Forte. Diz que essa velha – chamava-se Juliana – não conversava com ninguém; era na cozinha fumando cachimbo e tudo, e minhas tias pareciam umas índias mesmo, as irmãs de minha avó. A minha avó era tão bonita mesmo, minha avó tinha a pele mesmo vermelha.”*⁴⁴

2.2 Chegada dos pescadores europeus.



Desembarque dos portugueses em Porto Seguro, ano de 1500. Pintura a óleo de Oscar Pereira da Silva (1867-1939)

A trajetória de liberdade dos indígenas pescadores foi se encerrando com a chegada dos europeus ao Brasil. Indígenas e europeus pensavam e levavam a vida de forma muito diferente. Os indígenas praticavam suas ações voltadas para sua subsistência em consonância com o meio ambiente, enquanto os europeus vieram atrás de mercadorias que pudessem lhes trazer riqueza. No princípio, o interesse dos europeus se concentrou na madeira de tinta, o pau-brasil, a primeira mercadoria extraída do recém descoberto novo mundo. Porém, acredita-se que nas terras de

⁴⁴ A entrevista com Dona Helena foi realizada em 1987, pelo Projeto História dos Bairros de Salvador (P.H.B.S.)

Itapuã, os primeiros estrangeiros a se instalar foram os franceses. No ano de 1503, conforme Thales de Azevedo (1969), em *Povoamento da Cidade do Salvador*, uma esquadra portuguesa surpreendeu e atacou um navio francês que estava aportado na Baía de Todos os Santos, realizando escambo de pau-brasil com indígenas. Os sobreviventes franceses desta batalha fugiram de lancha conseguindo se refugiar quatro léguas adiante na região de Itapuã, onde se encontraram com outra nau francesa, para dali retornarem para a França. Os franceses mantinham boas relações com os indígenas, havendo inclusive suspeita de que teriam chegado ao Brasil antes dos portugueses. Os franceses construíram diversos aldeamentos ao longo da costa brasileira, sendo um deles em Itapuã - posteriormente abandonado, para em seguida mudarem para Tatuapara. Consta também nos escritos de Thales de Azevedo, que os franceses constituíram aldeia no Rio Vermelho, na mesma praia onde foi encontrado o naufrago Diogo Álvares Correia, o Caramuru, personagem importante da história do Brasil pós-chegada dos europeus. Caramuru viveu muitos anos entre os tupinambás. Casou-se com uma índia e teve muitos filhos mamelucos. Aprendeu a falar a língua nativa e partilhava de muito dos usos dos índios: a alimentação, a caça e a pesca. Em 1536, Caramuru recebeu do rei de Portugal, em pagamento aos serviços prestados, a outorga de uma sesmária, que incluía uma gamboa de pesca, feita de pedra, ao pé da Vila Velha.

Os portugueses deixaram claro, desde cedo, que gostavam e tinham intimidade com a pesca. Thales de Azevedo (1969) faz referência a diversas pescarias realizadas pelos europeus nos primeiros anos da nova colônia portuguesa. Aquela que seria a primeira pescaria portuguesa em águas brasileiras é descrita já na carta de Pero Vaz de Caminha endereçada ao rei de Portugal relatando a descoberta das novas terras.

À tarde saiu o Capitão-mor em seu batel com todos nós outros e com os outros capitães das naus em seus batéis a folgar pela baía, em frente da praia.
...E alguns marinheiros, que ali andavam com um chinchorro, pescaram peixe miúdo, não muito. Então volvemo-nos às naus, já bem de noite.

Em outro episódio, ocorrido neste mesmo dia, um dos capitães da esquadra portuguesa, Bartolomeu Dias, preferiu ficar a bordo do navio e pescar e “chegou a matar um tubarão”.

A pesca foi uma atividade importante no processo adaptativo dos europeus nos primeiros anos no Brasil. Muitos marujos portugueses eram pescadores antes de embarcarem nos barcos ultramarinos. Portugal não tinha quantidade suficiente de homens disponíveis para sua frota marítima. Muitos de seus marujos eram recrutados compulsoriamente nos barcos e vilas de pescadores. Sendo comum muitos não retornarem para a pátria mãe, voltando para a antiga atividade de pesca ao permanecerem no Brasil.

Os primeiros contatos entre índios e europeus foram pacíficos, proporcionando intercâmbios de produtos e de conhecimentos. Não é pouco provável que os portugueses tenham aprendido a pescar nas praias brasileiras com os tupinambás. Os europeus obtinham o pau-brasil e alguns tipos de alimentos trocando por produtos de interesse dos indígenas; miçangas, roupas coloridas e carapuças de penas, mas ao longo do processo de escambo, a preferência dos indígenas recaiu nos instrumentos de ferro, e dentre estes, os anzóis de ferro, que eram mais eficazes do que as espinhas de peixes e plantas, utilizadas pelos nativos na pesca. Sérgio Buarque de Holanda (apud Silva, 2001) comentando sobre o papel decisivo dos anzóis de ferro naqueles tempos, afirma que a importância dos anzóis influenciou até mesmo nas decisões das produções portuguesas, que para aumentar seu lucro passaram a fabricar produtos de qualidade inferior, “destinadas expressamente ao consumo na América portuguesa”.

Diferentes documentos históricos da época atestam o valor que os tupinambás davam aos anzóis de ferro. Trechos de uma carta de Jean de Léry, citada no livro de Luiz Geraldo Silva (2001), é um bom exemplo. Nesta carta, Léry relata que os rapazes tupinambás exigiam que os franceses lhes dessem anzóis ou então eles os matariam. Por isso, não havia nada de estranho que entre as mercadorias trazidas pelo primeiro governador geral do Brasil, o nobre português Thomé de Souza, estivessem milhares de anzóis, usados para pagar o trabalho dos indígenas que ajudaram na construção da fortaleza e da cidade do Salvador.⁴⁵

Thales de Azevedo (1969) fornece boa informação sobre os preços dos produtos negociados entre colonos e nativos nas vendas da Vila do Pereira, em Salvador: “*Nas vendas da incipiente povoação de Salvador, havia um intenso comércio entre europeus e índios. Uma anta valia um vintém, um coelho (preá) dois vinténs e o peixe, era tanto que ia de graça... pescados salmonetes, linguados, sardinhas...*”

A quantidade e a diversidade do peixe eram tamanhas que o governo português imaginou que poderia desenvolver a atividade da pesca em escala industrial através da salga. Ideia que não foi levada adiante, pois logo os portugueses perceberam que a quantidade de peixes não era suficiente para tal empreendimento, mas a pesca continuou a ser fonte importante de obtenção de alimentos para os habitantes da nova colônia.

No contato entre europeus e tupinambás, como não poderia deixar de ser, houve uma troca cultural que na pesca se traduziu de forma mais visível na adoção dos anzóis de ferro pelos

⁴⁵ Salvador foi fundada no ano de 1549, para ser a primeira capital da colônia portuguesa. Implantada estrategicamente sobre uma falha tectônica de frente para a baía de Todos os Santos (a antiga quirimurê dos tupinambás), tinha a finalidade de defender o território e servir de porto de abastecimento para os navios que navegavam no Atlântico Sul.

nativos, e pelo lado dos portugueses na utilização e aperfeiçoamento das piperis – as jangadas que os tupinambás usavam na pesca costeira e que ainda são utilizadas por muitos pescadores artesanais no Nordeste do Brasil. As jangadas dos tupinambás eram construídas atando firmemente com cipós retorcidos de cinco a seis paus redondos. Os índios navegavam sentados impulsionando a embarcação com um bastão chato que lhes servia de remo.

Os primeiros colonos portugueses eram, em grande maioria, homens do mar, muitos inclusive pescadores, que logo perceberam as vantagens que as jangadas ofereciam para a navegação nas condições do mar brasileiro. Experientes como eram em navegação, os portugueses introduziram modificações que ampliaram muito o raio de ação das jangadas. A mais importante adaptação foi o uso da vela - “triangular e latina, como das caravelas”, fazendo com que as jangadas deixassem de ser uma embarcação apenas costeira para se tornar uma embarcação de alto mar, permitindo a pesca até a borda ou além da plataforma continental. Para completar a vela, os pescadores portugueses introduziram o leme, bancos e a fateixa – um tipo de âncora.⁴⁶

Os índios pescadores tinham um preço diferenciado no comércio de escravos. Enquanto um índio comum chegava a ter seu preço rebaixado até 1 real, um índio que tivesse habilidade na pesca chegava a valer até 10 réis. Gandavo (apud Silva, 2001) sugere que os colonos portugueses procuravam, assim que desembarcavam no Brasil, comprar um par de índios escravos, “os chamados escravos brasis, que tinham como obrigação, entre outras coisas, pescar”. Os colonos conseguiam, dessa forma, contar com uma mesa farta de todo gênero de pescados e mariscos.

Salvador foi a primeira cidade na América fundada pelos portugueses, sendo por isso mesmo a primeira capital da colônia portuguesa. Nos primeiros anos a pesca mais intensiva voltada para o abastecimento da cidade, acontecia nas praias de Amaralina e Rio Vermelho, localidades mais próximas do povoamento urbano. Antes de se tornar uma vila de pescadores, o que primeiro se viu em Itapuã, após a chegada dos europeus, foi a formação de uma fazenda de gado, empreendimento realizado por Garcia D’Ávila.

Em troca de seus feitos no combate aos indígenas, que resistiam ao domínio e à escravização, Garcia D’Ávila recebeu terras em Itapuã, que seriam o começo daquilo que foi considerado o maior feudo brasileiro. Iniciando em Itapuã, os domínios de Garcia D’Ávila se estenderam até o Maranhão. Garcia D’Ávila construiu um castelo em Tatuapara, atual Praia do Forte, de onde ele e seus descendentes governaram como monarcas a região que lhes pertencia,

⁴⁶ Cf. Luís da Câmara Cascudo. Jangadeiros, Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1957.

participando de muitas batalhas contra os indígenas, expandindo o domínio português em terras brasileiras. O negócio do gado em Itapuã começou com a importação de vacas vindas de Cabo Verde, por ordem de Thomé de Souza. A criação de Garcia D'Ávila se multiplicou rapidamente e em poucos anos ele se tornou proprietário de milhares de cabeças de gado, cujo destino era o abastecimento de Salvador e das fazendas do recôncavo baiano que se dedicavam à monocultura da cana de açúcar para exportação.

A chegada dos europeus ao Brasil significou uma mudança drástica de mentalidade com relação ao meio ambiente. Imaginemos, por exemplo, quantas árvores foram derrubadas na região de Itapuã para dar lugar às pastagens para a numerosa criação de vacas. No confronto de formas diferentes de habitar o mundo e de pensar a vida, venceu a ideologia do invasor europeu. A economia indígena de subsistência e da reciprocidade, foi derrotada pelo sistema de mercado europeu. Os indígenas foram sendo dizimados e escravizados sem piedade alguma, numa longa história que perdura em menor escala até os dias atuais. Com relação à atividade pesqueira, já vimos que os governantes portugueses não demoraram a perceber que a quantidade de pescado na costa baiana, incluindo a região de Itapuã, não era suficiente para uma exploração industrial.

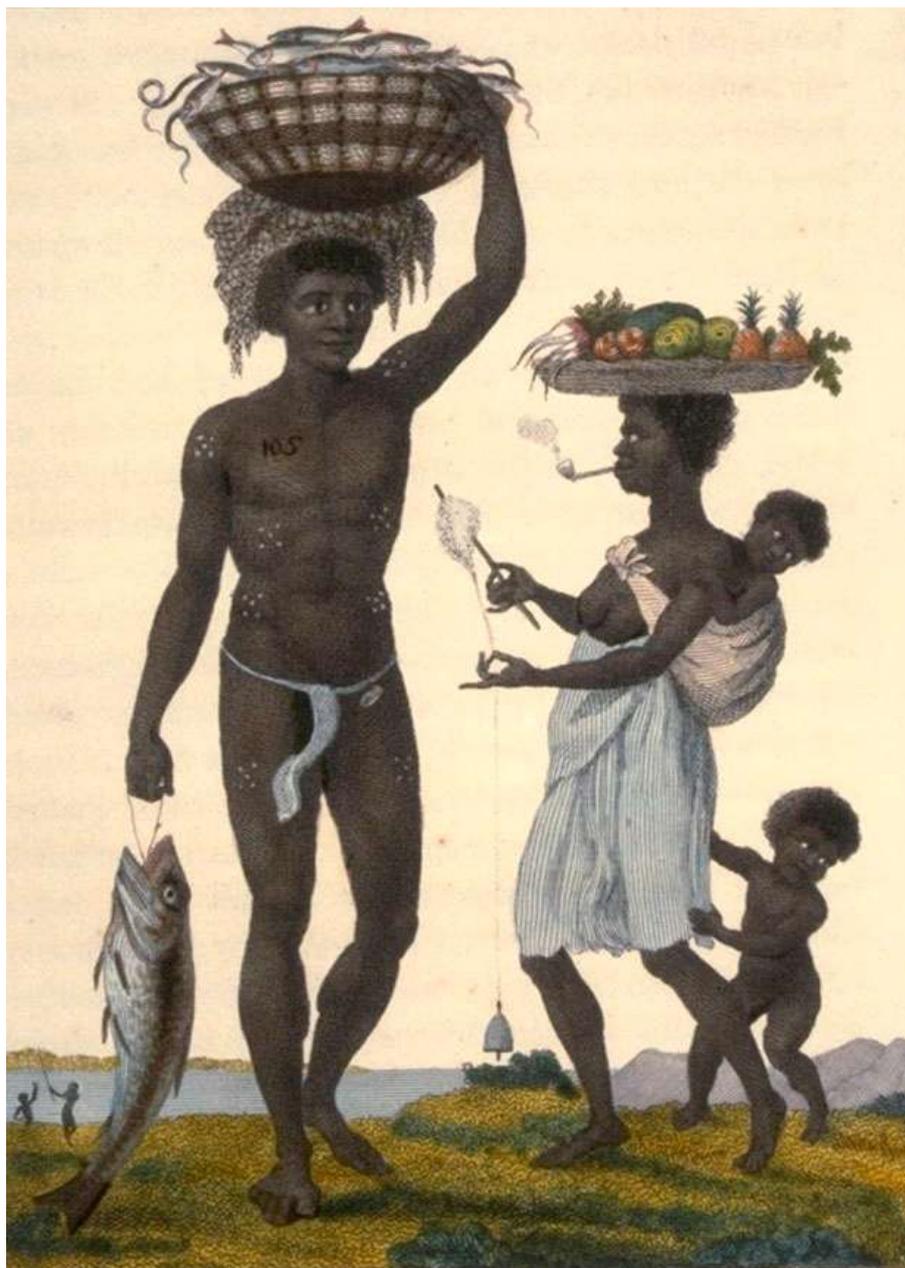
Um século depois da chegada dos europeus Itapuã era outra. Os senhores portugueses dominaram a região e a vida passou a girar em torno das atividades e necessidades das fazendas que se formaram na região. Mas a pesca continuou sendo uma atividade importante. Não só os índios forros ou escravos pescavam, os colonos portugueses que não eram senhores, também tinham na pesca uma forma de subsistência.

2.3 Os africanos pescadores e a caça às baleias.

Com o declínio do braço indígena, começaram a chegar os escravos africanos trazidos para trabalhar, principalmente nas lavouras e engenhos de cana implantados pelos portugueses em solo brasileiro. O Brasil foi o maior importador de escravos, os portugueses, segundo Silva (2001), constituíram a vanguarda do processo de escravização em massa de africanos.

Os portugueses repetiram no Brasil o que já acontecia no Reino e em suas outras colônias. Antes dos portugueses chegarem ao Brasil, africanos escravos já trabalhavam como pescadores em Portugal. Entre os africanos desembarcados no Brasil havia muitos que eram hábeis pescadores em seus locais de origem. Detinham arcabouço técnico simples, de pequena escala (armadilhas, redes e embarcações) empregado na pesca marítima e litorânea e na navegação por rios e mar. Os africanos souberam articular esse arcabouço com o conhecimento indígena e europeu às atividades de pesca. Mesmo os escravos trazidos do interior do continente africano foram utilizados como cativos na pesca. Na Ilha de Luanda, a base da alimentação era o pescado,

e a pesca marítima também era significativa em outros centros costeiros, onde pescadores locais usavam embarcações movidas com ajuda de vara, remo e vela. Os pescadores da Costa da Guiné conheciam a vela e a rede de fibra antes mesmo do contato com os portugueses. Os etsis e os fantis usavam canoa de um tronco só. Os africanos pescavam respeitando a tradição das estruturas tribais e comunitárias. Um quinto de sua produção *in natura* era entregue como tributo aos chefes sobas (Silva, 2001).



Gravura de John Gabriel Stedman. Pescador carregando uma cesta de peixes pequenos e uma rede na cabeça; sua esposa grávida carrega uma cesta de frutas com o bebê nas costas, enquanto gira algodão e fuma um cachimbo de tabaco.⁴⁷

⁴⁷ <http://www.slaveryimages.org/s/slaveryimages/item/640>

No Brasil colonial o trabalho braçal era considerado servil e visto com profundo desprezo. Os cativos africanos foram paulatinamente sendo destinados para novas e diversas funções na sociedade local. A pesca praticada para atender às demandas das fazendas patriarcais, se tornou território de cativos e homens livres de cor, de origem africana, em substituição aos portugueses e indígenas. Nesse ponto, acompanho o raciocínio de Silva (2001),

Os africanos e seus descendentes desempenharam um papel extremamente significativo na criação de uma cultura marítima em particular, no Brasil, pelo menos no caso do Nordeste, constituíram, após o século XVII, a principal força humana empregada no mundo da pesca. Na Bahia e em Pernambuco os africanos substituíram os colonos europeus e os indígenas nos misteres marítimos e fluviais.

Em Itapuã não houve cultivo e engenhos de cana-de-açúcar. Os escravos africanos levados para lá tiveram como principal destino as armações de caça às baleias. Empreendimento grandioso que teve seu início no limiar do século XVI e durou praticamente até o início do século XX, quando a presença do cetáceo em águas baianas era quase nula, culminando finalmente com a proibição de seu abate no Brasil, no ano de 1986.

2.4 A antiga vila de pescadores de Itapuã

Itapuã se tornou uma vila de pescadores - no sentido que os atuais pescadores artesanais ressaltam em suas falas, com o fim da temporada de caça às baleias, atividade que há muito tempo não era mais lucrativa, devido à significativa diminuição da presença desse mamífero em águas baianas. As baleias ainda correm sério risco de extinção, mesmo com a proibição internacional de sua caça.⁴⁸ A fazenda de gado inaugurada nos primeiros anos da colonização portuguesa deu lugar a algumas pequenas fazendas de coco de pouca produtividade. A grande distância do centro urbano de Salvador e o fato de Itapuã não fazer parte de sua hinterlândia levou o grosso dos moradores da vila a depender de uma economia voltada quase que exclusivamente para a pesca de subsistência.

⁴⁸ Um acordo assinado por quase todos os países, no ano de 1985, proibiu a caça às baleias. Apenas alguns poucos países – como o Japão, Noruega e Islândia, continuam a caçar esses mamíferos justificando que a caça e o consumo de carne de baleia fazem parte da sua cultura. Esses países também alegam que permitem a caça de forma sustentável e que também as baleias comem muitos peixes, contribuindo para a diminuição destes, argumento contestado por cientistas de outros países que assinaram o acordo que proibiu a caça às baleias.



Foto de autor desconhecido – Praça Dorival Caymmi antigamente. A arquitetura da casa, à direita, em comparação com uma foto da década de 40, mostra que pode ser de meados do século 20.⁴⁹

Em verdade, toda a economia da Bahia entrou em declínio com o fim do ciclo da cana-de-açúcar, por volta de meados do século XIX. Almeida (2008) analisa que a economia baiana entra em uma relativa estagnação, por conta de não haver transferência do capital obtido com a cultura do açúcar, do fumo e do cacau para outros setores, principalmente a indústria, a exemplo do que ocorreu em São Paulo e outros estados do Sul do país. Salvador entra no século XX com um tecido urbano restrito havendo grandes vazios em seu entorno, ou, como prefere o geógrafo Milton Santos, com um grande deserto populacional ao seu redor. Na metade do século XX, Salvador contava com cerca de 600 mil habitantes e seu derredor, frisa Santos (1959), era constituído de “extrema rarefação do povoamento, a quase completa ausência de vida humana”. No litoral norte da cidade e sua extensão em direção a Sergipe, havia algumas vilas de pescadores, a primeira delas era a vila de Itapuã.

⁴⁹ <http://www.bahia-turismo.com/salvador/itapua/antigas.htm>

BIBLIOGRAFIA

- ACHUTTI, Luis Eduardo Robinson. Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho - Porto Alegre. Tomo Editorial; Palmarinca, 1997.
- _____. *Fotoetnografia da Biblioteca Jardim* - Porto Alegre: Editora da UFRGS/Tomo Editorial, 2004.
- AGIER, Michel. Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011. – (Antropologia Hoje)
- ALVES, André. Os Argonautas do Manguê: precedido de Balinese character (re)visitado (Etienne Samain) - Campinas e São Paulo: Editora da UNICAMP e Imprensa Oficial, 2004.
- ALMEIDA, Paulo Henrique. A Economia de Salvador e a Formação de sua Região Metropolitana. In: Inaiá M. M. de Carvalho; Gilberto Corso Pereira. (Org.). Como anda Salvador - Salvador: Edufba, 2006.
- BIASOLI-ALVES, Zélia Maria & DIAS DA SILVA, Maria Helena. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. Paidéia, FFCLRP – USP, Ribeirão Preto, 2 Fev/Jul, 1992.
- COLLIER, John. Visual Anthropology, Photography as a research method. Albuquerque, University of New Mexico Press, 1986.
- CANDIDO, Antônio. Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida – Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.
- CARVALHO, José Jorge de. *O Olhar Etnográfico e a Voz Subalterna* - Horizontes Antropológicos, v. 15, p. 107-147, 2001.
- CASTELLUCCI JUNIOR, Wellington. Caçadores de baleia: armações, arpoadores, atravessadores e outros sujeitos envolvidos nos negócios do cetáceo no Brasil – São Paulo: Annablume, 2009.
- CASTRO, E.; Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais. In: DIEGUES, A.C.(Org). Etnoconservação: Novos rumos para a conservação. NUPAUB-USP, 2000.
- CARDOSO, Ruth, organizador. DURHAM, Eunice et all. A aventura antropológica, Teoria e pesquisa. Rio de Janeiro, 1986.
- CARNEIRO, A. M. M.; DIEGUES, A. C. S.; VIEIRA, L. F. S. Extensão participativa para a sustentabilidade da pesca artesanal. Desenvolvimento e Meio Ambiente, v. 32, p. 81- 99, 2014. <http://dx.doi.org/10.5380/dma.v32i0.35949>
- CASTRO, Nadya Araújo, AGIER, Michel e GUIMARÃES, Antônio Sérgio. Imagens e identidades do trabalho. São Paulo: Hucitec, 1995.
- COELHO, Ruy. Os caraíbas negros de Honduras. São Paulo: Perspectiva: CESA-Sociedade Científica de Estudos da Arte, 2002.
- CLASTRE, Pierre. Arqueologia da violência. São Paulo: Cosacnaify, 2011.
- CUSTÓDIO, Robson. Com os pés na lama: histórias de pescadores e a sobrevivência no manguezal - Curitiba: Ithala, 2014
- DESCOLA, Philippe. Outras naturezas, outras culturas - São Paulo: Editora 34, 2016.
- DIEGUES, Antônio Carlos. Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar: São Paulo: Ed. Ática, 1983.
- _____. A Sócio Antropologia das Comunidades de Pescadores Marítimos no Brasil - In: Revista Etnográfica, Vol. III (2), 1999. (pp. 361-375).
- _____. Povos e Mares: uma retrospectiva de sócio antropológica marítima - São Paulo, NUPAUB, USP ,1995.
- FIRTH, Raymond. *The Malay Fishermen: their Peasant Economy*. New York: Institute of Pacific Relations, 1946.
- FLUSSER, Vilém. Filosofia da caixa preta: Ensaio para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo. Hucitec, 1985.
- FREITAG, Bárbara. Teorias da cidade. Campinas, SP: Papius, 2008.

- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIBSON, James. *The Ecological Approach to Visual Perception*. London: Lawrence Erlbaum, 1986.
- HANNERZ, Ulf. *Explorando a cidade: em busca de uma antropologia urbana – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.*
- HÉBETTE, J.; MAGALHÃES, S. B.; MANESCHY, M. C. (Orgs.). *No mar, nos rios e na fronteira: faces do campesinato no Pará*. Belém: EDUFPA, 2002.
- _____. *O Cerco está se fechando: o impacto do grande capital na Amazônia - Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: FASE; Belém: NAEA, UFPA, 1991.*
- INGOLD, Timothy. *Da transmissão das representações à educação da atenção; Porto Alegre, 2010.*
- _____. *Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis, RJ. Vozes, 2015.*
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *A antropologia diante dos problemas do mundo moderno – 1ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2012.*
- KANT DE LIMA, R. & Pereira, L. *Pescadores de Itaipu: meio ambiente, conflito e ritual no Estado do Rio de Janeiro. Niterói: Eduff, 1997*
- KESSING, Roger M. & STRATHERN, Andrew J.. *Antropologia Cultural, uma perspectiva contemporânea. Petrópolis, RJ. Vozes, 2014*
- KOTTAK, Conrad Phillippe. *Assault on Paradise - The Globalization of a little community in Brazil. Fourth Edition. Waveland Press, Inc. Illinois, 2018.*
- KOWARICK, Lúcio. *A espoliação urbana - Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993.*
- _____. *A origem do trabalho livre no Brasil - Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994.*
- MARTINEZ ALIER, Juan. *O ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagem de valoração (tradutor Maurício Waldman). – São Paulo, Contexto, 2007.*
- MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples – 2ª edição, ver e ampli. São Paulo: Contexto, 2008.*
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia, São Paulo, Cosac Naify, 2003.*
- MÉSZAROS, István. *A educação para além do capital. São Paulo: Boi Tempo Editorial, 2006*
- OLIVEN, Ruben George. *A antropologia de grupos urbanos - 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.*
- PESSANHA, Elina Gonçalves da Fonte. *Os companheiros: trabalho e sociabilidade na pesca de Itaipu - Niterói: EDUFF, 2203.*
- PIERRE, Carles. *La sociologie est un sport de combat, sobre Pierre Bourdieu. (documentário) - 2001.*
- RICARDO, Maranhão. *Gente do Mar: vida e gastronomia dos pescadores brasileiros - Terceiro nome, 2014.*
- RAMALHO, Cristiano Wellington Noberto. *“Ah, esse povo do mar!”: um estudo sobre trabalho e pertencimento na pesca artesanal pernambucana - São Paulo: Polis: Campinas, SP: CERES (Centro de estudos Rurais do IFCH - UNICAMP), 2006.*
- RISÉRIO, Antônio. *Uma história da cidade da Bahia - 2ª edição, Rio de Janeiro, Versal, 2004.*
- RUESCH, Hans. *No país das sombras longas – 24ª Ed. – Rio de Janeiro: Record, 2008.*
- SANTAELLA, Lucia. *Leitura de imagens. São Paulo, Editora Melhoramentos, 2012. (Como eu ensino)*
- _____. *O que é Semiótica. São Paulo, Brasiliense, 2012. (Coleção Primeiros Passos; 103)*
- SAUTCHUK, Carlos Emanuel. *O Arpão e o Anzol. Brasília, UNB, 2007. (tese em Antropologia)*
- SPRANDEL, Marcia Anita. *A pobreza no paraíso tropical – Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia Política/UFRJ, 2004.*

URIARTE, Urpi M. Antropologia urbana: problemas e contribuições. Esteves Júnior, M. & Uriarte, U.M. (orgs.) Panoramas urbanos: reflexões sobre a cidade - Salvador, EDUFBA, p. 41 - 56, 2003.

WACQUANT, Loïc. Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe / tradução Ângela Ramalho – Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WALDMAN, Maurício. Meio Ambiente & antropologia; coordenação José de Ávila Aguiar Coimbra - São Paulo, 2006. – (Série Meio Ambiente; 6)

WOLF, Cristoph. Homo Pictor: Imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado – São Paulo: Hedra, 2013.